

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO

WESLEY RODRIGUES ATHAYDE

AS ARTES LIBERAIS E MECÂNICAS

**Uma via para o conhecimento da Sapiência,
segundo Hugo de São Vítor.**

SÃO PAULO

2009

Wesley Rodrigues Athayde

AS ARTES LIBERAIS E MECÂNICAS

**Uma via para o conhecimento da Sapiência,
segundo Hugo de São Vítor.**

Dissertação apresentada ao Departamento de
Filosofia da Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr.
Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento.

SÃO PAULO

2009

Wesley Rodrigues Athayde

AS ARTES LIBERAIS E MECÂNICAS

Uma via para o conhecimento da Sapiência, segundo Hugo de São Vítor.

Dissertação apresentada ao Departamento de
Filosofia da Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr.
Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento

Prof. Dr. Antônio Marchionni

Prof. Dr. Maurilio José de Oliveira Camello

DATA DE APROVAÇÃO: _____

AGRADECIMENTOS

Aos professores que, no decorrer dessa dissertação contribuíram de maneira direta e indireta com textos filosóficos relacionados ao tema da mesma, nos auxiliando na abordagem e no entendimento das questões mais densas do interrogar de Hugo de São Vítor.

À CAPES que nos concedeu uma bolsa de estudos de vinte e quatro meses, possibilitando-nos um tempo de dedicação mais exclusivo para o cumprimento dos créditos do Programa e do trabalho de pesquisa.

Aos amigos que, na companhia dos quais, sentimos o apoio, incentivo e colaboração ao longo de todo o percurso da pesquisa.

À Biblioteca dos Dominicanos, que nos permitiu acesso ao seu acervo, possibilitando a consulta não só às obras mais importantes de Hugo de São Vítor, mas a outras obras relevantes para elaboração dessa dissertação de mestrado.

Para:

Edilene Sá Athayde, minha esposa -
por compreender e respeitar os meus arredamentos,
constantes e imperiosos, das coisas do lar.

Arlindo e Mercedes (*in memoriam*), meus pais -
que escutem nesse instante as palavras
de agradecimento que minha alma lhes fala.

Ana Clara e Isabela, minhas filhas -
por entenderem que a distância também
pertence aos caminhos do coração.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado descreve os resultados da pesquisa realizada durante o período de dois anos e meio (2007 – 2009). Na primeira fase deu-se o levantamento de publicações científicas relacionadas à pesquisa, que poderiam ser encontradas tanto no Brasil, como no exterior. Realizou-se um trabalho de leitura, extensiva do *Didascálicon* de Hugo de São Vítor. O trabalho de leitura estendeu-se também ao livro “A doutrina Cristã” de Santo Agostinho, pois se percebe que o *Didascálicon* é uma retomada dessa obra. Finalmente, a apresentação do *Didascálicon*, em seu conjunto, abordando a composição dos seis livros; três dedicados ao conhecimento das obras do homem e três dedicados ao conhecimento das coisas de Deus.

Na segunda fase da dissertação foi investigado o problema envolvido na pesquisa: no século XII, Hugo de São Vítor apresenta nova divisão das artes que constituem a filosofia. O trívio, composto pela gramática, dialética e retórica e o quadrívio, composto pela aritmética, música, geometria e astronomia, deixam de ser o todo que constitui a filosofia e o conhecimento da época e passam a ser parte dessa filosofia. Nessa nova constituição do ensino organizada pelo mestre, a filosofia é dividida em quatro ciências: teórica, prática mecânica e lógica. A ciência teórica, que se divide em teologia, matemática e física, recebe como subdivisão da matemática o quadrívio (astronomia, música, aritmética e geometria). Ainda nessa divisão da filosofia, a ciência prática se divide em individual, privada e pública; a ciência mecânica em fabricação da lã, armamento, navegação, agricultura, caça, medicina e teatro; finalmente, a ciência lógica, que contém as artes do trívio, divide-se em gramática e raciocínio, sendo o raciocínio dividido em demonstração, sofística e prova, contendo esta as outras duas ciências que pertencem ao trívio: dialética e retórica.

Nossa pesquisa foi investigar – segundo Hugo de São Vítor – qual a razão de o quadrívium junto com a teologia e a física constituir uma via especial para se chegar à Mente de Deus. Nesse sentido, Hugo de São Vítor diz que, essas ciências têm o objetivo de investigar a verdade das coisas e tal verdade pertence a Deus; descobrindo-a, chega-se ao conhecimento da Sapiência. Por que Hugo não inclui na constituição dessa via a gramática que pertence à ciência lógica, a dialética e a retórica que pertencem à teoria da argumentação

e também à lógica? A tríade prática e as artes mecânicas também são excluídas por ele. Aqui, Hugo responde que tanto a ciência prática, como a mecânica e a lógica, não têm o objetivo de investigar a verdade das coisas, mas sim, de cuidar da vida do homem, ou seja, preservar seu corpo, e tornar mais fácil sua vida na terra. Portanto, a investigação da verdade das coisas é a característica mais importante da tríade teórica que se destaca tanto das outras ciências, de tal maneira que, torna possível àquele que as conhece chegar aos segredos da Sabedoria Divina.

Ainda, qual seria o motivo de suma importância para o homem ter de conhecer as ciências e suas respectivas artes? Como observa no decorrer da dissertação, tal conhecimento se faz necessário para que o ser humano possa com conhecimento interpretar os diversos trechos obscuros das Sagradas Escrituras.

Palavras chave: sapiência; artes liberais; artes mecânicas; leitura.

ABSTRACT

This máster`s dissertation describes the research results in two years and six months period (2007 to 2009). At the first phase has occurred a scientific publication survey related to the research. They could be found in Brazil as outside. A comprehensive reading work has been done of Hugh of Saint Victor` *Didascalicon*. The reading job has included also the book “Christian Doctrine” by St. Augustin because it is possible to observe that the “*Didascalicon*” is a retaking of this work. Finally, the “*Didascalicon*” presentation, in all, treating of the six books composition, three of them dedicated to the knowledge of human being works and the rest of them dedicated to the knowledge of God`s things. At the second phase of this dissertation, it has been investigated the problem involved in research; Hugh of Saint Victor in XII century makes a new division the arts, by which philosophy is constituted. The trivium, formed by grammar, dialectic (or logic) and rhetoric, and the quadrivium, consisting of arithmetic, music, geometry and astronomy, are not more all that constitute philosophy and the knowledge of the time and they begin to be a part of philosophy. In the new constitution of education organized by Hugh of Saint Victor, philosophy is divided in four sciences: theoretical, practical, mechanical and logic. Theoretical science, which is divided into theology, mathematics and physics, receives as a subdivision in mathematics, the quadrivium (astronomy, music, arithmetic and geometry). In this new divisions of philosophy practical science is divided in individual, private and public; mechanical science is divided in woollen fabrication art, armament, navigation, agriculture, hunt, medicine and theatre; finally, logical science, which contains the trivium arts, is divided into grammar and reasoning. Reasoning being divided in demonstration, sophistry and proof, wich contains both other sciences wich belong to trivium: dialectic and rhetoric. Our research has been to investigate – according to Hugh of Saint Victor – why the quadrivium with theology and physics constitute a special way to arrive to God`s Mind. In this sense, Hugh of Saint Victor says that, these sciences have the objective to investigate the truth of things and such truth belong God; discovering them, are reach knowledge of the Wisdom. Why does not Hugh include in the constitution of this way, grammar, which belongs to logical science, dialectic and rhetoric belonging to argumentation theory and also to logic? The practical triad and mechanical arts are also excluded by him. Here, Hugh answers that practical, mechanical and logic science, do not

have as objective to investigate the truth of things, but to take care of man's life, preserve his body, and make easier his life in earth. Then, what would be the most important characteristic of the theoretical triad, which would become detached from the other sciences, in such a way, as to make possible to their expert to arrive to the secrets of Divine Wisdom is the investigation of the truth of things.

And more, which would be the reason of utmost importance for man to know the sciences and their respective arts? As will be observed in the course of the dissertation, such knowledge is made necessary so that the human being can, with knowledge, interpret several obscure passage of Holy Scripture.

Key-words: wisdom; liberal arts and; mechanical arts; reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
------------------	----

CAPÍTULO PRIMEIRO

DISDASCÁLICON, HUGO E A ESCOLA DE SÃO VÍTOR

1. DIDASCÁLICON	16
2. HUGO E A ESCOLA DE SÃO VÍTOR.	22

CAPÍTULO DOIS

ORGANIZAÇÃO E CONTEÚDO DO LIVRO II DO DIDASCÁLICON

1. ORGANIZAÇÃO	27
2. CONTEÚDO DO LIVRO II DO DIDASCÁLICON.	30
2.1. A BASE DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO	30
2.2. A ORIGEM DAS CIÊNCIAS.	31
2.3. A NATUREZA	34
2.4. A IMPORTÂNCIA DA LÓGICA.	35
2.5. AS CIÊNCIAS E AS ARTES.	37

2.6. A CIÊNCIA TEÓRICA	38
2.6.1. TEOLOGIA – O DISCURSO SOBRE DEUS	38
2.6.2. MATEMÁTICA – A CIÊNCIA DOS NÚMEROS.....	40
2.6.2.1. A ARITMÉTICA – TEORIA MATEMÁTICA DOS NÚMEROS.....	47
2.6.2.2. A MÚSICA – MELODIA, HARMONIA E RITMO	48
2.6.2.3. GEOMETRIA - EXPRESSÃO DA REALIDADE METAFÍSICA. .	55
2.6.2.4. A ASTRONOMIA OU ASTROLOGIA	58
2.6.3. A FÍSICA – A FILOSOFIA NATURAL.....	61
2.7. A CIÊNCIA PRÁTICA.....	62
2.7.1. A PRÁTICA INDIVIDUAL.....	63
2.7.2. A PRÁTICA PRIVADA.....	64
2.7.3. A PRÁTICA PÚBLICA.....	65
2.8. A PRODUÇÃO HUMANA - A CIÊNCIA MECÂNICA.....	65
2.8.1. A ARTE DA FABRICAÇÃO DA LÃ	66
2.8.2 DEFESA - A ARTE DO ARMAMENTO.....	67
2.8.3. ESTÍMULO AO COMÉRCIO - A ARTE DA NAVEGAÇÃO	67
2.8.4. A ARTE DA AGRICULTURA – REVOLUÇÃO AGRÍCOLA.....	68
2.8.5. SUSTENTO - A ARTE DA CAÇA.....	69
2.8.6. PRESERVAÇÃO DA SAÚDE - A ARTE DA MEDICINA	69
2.8.7. LAZER - A ARTE DO TEATRO	70
2.9. RACIOCÍNIO, DEMONSTRAÇÃO E PROVA - A CIÊNCIA LÓGICA.....	71
2.9.1. REGRAS PARA BOA ESCRITA - A ARTE DA GRAMÁTICA.....	74

2.9.2. A ARTE DO RACIOCÍNIO.	74
2.6.3. FALAR BEM E CONVENCER - A DIALÉTICA E A RETÓRICA	75
3. DIDASCÁLICON E A REVOLUÇÃO CULTURAL DO SÉCULO XII ...	78

CAPÍTULO TRÊS

O SIGNIFICADO DO DIDASCÁLICON – CIÊNCIA E SAPIÊNCIA

1. A ALMA	82
2. CIÊNCIA E SAPIÊNCIA	85
2.1. A META DAS CIÊNCIAS E DAS ARTES.	85
2.2. O SENTIDO DA SAPIÊNCIA	87
2.3. CIÊNCIA, SAPIÊNCIA E FILOSOFIA	90

<i>CONCLUSÃO.</i>	95
--------------------------------	----

BIBLIOGRAFIA

1. BIBLIOGRAFIA BÁSICA	98
2. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.	99

3.	CONSULTAS, LIVROS, TEXTOS E TESES.....	100
4.	FONTES ELETRÔNICAS	101

INTRODUÇÃO

“De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a Sapiência, na qual reside a forma do bem perfeito”¹.

Num primeiro momento nossa intenção, ao estudar as sete artes liberais e mecânicas segundo Hugo de São Vitor, tratadas em seu livro *Didascálicon - Da arte de Ler*² seria investigar somente a ciência teórica que abarca o estudo da *teologia, matemática³ e física*, pois, segundo Hugo, tais artes levam efetivamente o homem ao conhecimento da verdadeira *Sapiência*, pelo fato destas, indagarem sobre a verdade das coisas⁴. Todavia, numa análise mais minuciosa da obra, foi observado que Hugo de São Vitor se preocupa não somente com uma simples apresentação das artes que compõem o conjunto da filosofia ensinada no século XII, mas, em seguir certa ordem de ensino, de tal modo que o aprendizado aconteça de forma natural, observando determinada sequência que permita ao estudante - ao final do estudo dessas ciências e artes - estar habilitado a interpretar de maneira correta as Sagradas Escrituras.

Cabe destacar ainda que Hugo de São Vitor inicia o *Didascálicon*, seguindo certa ordem em sua exposição. Inicia com a apresentação da base do ensino filosófico para, em seguida, mostrar as ciências e as artes; depois, oferece conselhos de como se ler corretamente, como escolher acertadamente o que ler e, finalmente, onde se ler. Feito isso, Hugo inicia o

¹ Hugo de São Vitor. *Didascálicon* (p. 47). Hugo de São Vitor abre o primeiro capítulo do livro I do *Didascálicon*, colocando o conhecimento da Sapiência como o bem maior a ser alcançado pelos seus alunos e por todos os seres humanos.

² Edição bilíngue da Editora Vozes (Latim – Português), coleção Pensamento Humano, traduzido pelo Prof. Dr. Antônio Marchionni da PUC de São Paulo.

³ A Matemática tem como subdivisão as artes do quadrívio (aritmética, música, geometria e astronomia).

⁴ *Did.*, II, 19 (p.109).

estudo das Escrituras Sagradas, como é feita sua interpretação e entendimento e termina apresentando os métodos usados para sua interpretação.

Assim, observamos que, um trabalho focando somente uma das ciências pertencentes ao sistema de ensino filosófico de Hugo, ou seja, a ciência *teórica* - pelo fato desta, ser chamada de *Sapiência* em razão da investigação da verdade das coisas - não dando a devida atenção às outras três ciências que completam o aprendizado, (a ciência *prática*, a ciência *mecânica* e a ciência *lógica*), estaríamos desconsiderando as ciências de caráter relevante à base de preparação do aluno. Verificamos que para Hugo de São Vítor, esta base é de suma importância para o estudante, pois, é necessário que este adquira o conhecimento dela de forma virtuosa, para então iniciar os estudos das artes pertinentes à ciência *teórica*.

Portanto, num segundo momento, decidimos que, nessa dissertação de mestrado, não deveríamos tratar somente das artes pertencentes à ciência *teórica*, mas, observando a ordem de exposição do *Didascálicon*, optamos, primeiramente, por um estudo geral das ciências e artes que, pode-se dizer, preparam o homem para o conhecimento da *Sapiência*.

Segundo Hugo de São Vítor, a *Sapiência* é a mente de Deus concedida ao homem; este, porém, não a recebe gratuitamente; é necessário que ele se empenhe numa determinada busca para adquiri-la. Assim, propomos nessa dissertação investigar como Hugo entende essa busca da *Sapiência*, isto é, investigar por que o quadrívio - composto pela aritmética, geometria, astronomia e música – junto com a teologia e a física constituem essa via especial para se chegar à mente de Deus e, por outro lado, por que as ciências prática, mecânica e lógica se incubem de certa forma, de preparar o homem para conhecer a *Sapiência*. Nesse sentido, concluímos que o título mais coerente com o trabalho seria: “*As artes liberais e mecânicas, uma via para o conhecimento da Sapiência, segundo Hugo de São Vitor*”. No decorrer da preparação deste estudo, foi necessária a leitura de outras obras de Hugo e de obras complementares.

Ainda nesse percurso, durante a elaboração do presente texto, adotamos a seguinte sistemática: primeiro, leitura, no seu conjunto, do *Didascálicon* que, em vista da leitura da Sagrada Escritura, faz uma exposição das ciências e das artes; segundo, quando oportuno, recorreremos a outros textos de Hugo de São Vítor; terceiro, ler o livro “*A Doutrina Cristã*” de Santo Agostinho, pois, o *Didascálicon*, ao considerar as artes como necessárias para a compreensão da Escritura Sagrada retomaria o projeto agostiniano do *De Doctrina*

Christiana; quarto, ler a bibliografia auxiliar como contribuição para o bom entendimento conceitual do texto do *Didascálicon*.

Para melhor compreensão das referências relacionadas ao *Didascálicon*, adotamos o seguinte padrão: Did é a abreviação de *Didascálicon*, o número em algarismo romano indica o livro e o número em algarismo arábico, o capítulo; entre parênteses consta a página da tradução em português, por exemplo: Did., I, 1 (p. 47), significa *Didascálicon*, livro I, capítulo 1, página 47.

Entre as fontes não convencionais, usamos também um excelente serviço de audiolivros em inglês, o www.audible.com, que oferece mais de 30.000 títulos. Trata-se nesse sentido de uma fonte confiável, uma vez que suas obras são apenas as versões sonoras dos livros publicados em papel por algumas das mais renomadas editoras americanas e inglesas. As audições estão relacionadas na seção de Bibliografia, ao lado dos livros em papel utilizados como fonte de consulta. Usamos, por fim, alguns serviços de *podcast* no site iTunes, da Apple. Ali estão disponíveis, desde 2006, por exemplo, todas as aulas de graduação da Universidade da Califórnia em Berkeley. A lista inclui o curso completo de história da civilização europeia ministrado pelo professor Thomas Laqueur, num total de 26 aulas, cada uma com, em média de, 1h 20 de duração.

Consultamos também algumas informações sobre o século XII no *The Podcast Network*, também no iTunes, procurando sempre checar nos livros as informações que consideramos mais relevantes para a dissertação.

CAPÍTULO PRIMEIRO

DIDASCÁLICON, HUGO E A ESCOLA DE SÃO VÍTOR

1. DIDASCÁLICON

Como esta dissertação se desenvolve através da análise do livro *Didascálicon – Da Arte de Ler*, elaboramos uma apresentação de seu conteúdo, mostrando o pensamento do autor quanto à *Sapiência*, as artes liberais e as artes mecânicas.

Quando Hugo de São Vítor, em 1127, escreve o *Didascálicon, Da Arte de Ler*, proporciona aos jovens estudantes de sua época um livro que é um verdadeiro compêndio dos conhecimentos de sua época. Nesse livro, ele descreve toda a disciplina necessária aos alunos que iniciavam seus estudos na escola de São Vítor em Paris. Toda disciplina ensinada por Hugo aos seus alunos visa a *Sapiência* que, para ele, seria a mente divina. Mas Hugo assevera que o homem só chega à *Sapiência* percorrendo um caminho que se inicia pelo ato de ler, seguido pelo ato de refletir e conclui pelo ato de contemplar.

Na Idade Média, as sete artes liberais eram base do aprendizado nas escolas, e compreendiam as seguintes disciplinas; gramática, dialética, retórica, aritmética, geometria, astronomia, e música. No *Didascálicon*, Hugo, cria uma nova estrutura para a aprendizagem, tratando as sete artes liberais juntamente com as artes mecânicas, como parte dessa nova composição. O *Didascálicon* apresenta minuciosamente essas divisões dentro de uma composição de seis livros que têm as seguintes abordagens: no primeiro livro é tratada a base na qual a filosofia de Hugo se assenta; no segundo livro ele mostra as artes e suas divisões; como ler e o que ler, será tratado no terceiro livro; como é feita a leitura dos livros sagrados é assunto do quarto livro; o quinto livro é dedicado ao modo ou método de ler; por fim, o sexto livro trata das interpretações das Escrituras.

*“De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a Sapiência, na qual reside a forma do bem perfeito”*⁵.

Com essa frase, Hugo de São Vítor inaugura o primeiro livro do *Didascálicon*. A *Sapiência* é a mente divina, a mente de Deus; é ela que, tudo rege, que tudo conhece e que possui o saber de todas as coisas. Portanto, quando é colocada acima da razão humana, ou seja, quando a razão é submetida ao poder da *Sapiência*, o homem se aproxima do estado mais puro de ser. Iluminado, ele passa a conhecer a si mesmo, tomando conhecimento do que ele realmente é e porque existe. Essa iluminação da *Sapiência* se dá na alma do homem; portanto, quando iluminada, *“a alma, conhece os elementos e as coisas que derivam dos elementos, pois pela inteligência compreende as causas invisíveis das coisas, e pelas impressões dos sentidos, recolhe as formas visíveis das coisas corpóreas”*⁶, ou seja, todo o conhecimento, material e espiritual, lhe são revelado.

Para o mestre Vitorino, esse conhecimento, não vem de fora do homem, mas está dentro de cada um, adormecido pelas paixões, desejos e atração do mundo. Intrínsecas ao homem são também as impressões dos sentidos, que permitem à alma conhecer as coisas corpóreas. Pelo estudo e pela leitura, o homem toma conhecimento de sua natureza e passa então a buscar dentro de si o que sempre imaginou estar fora de si mesmo. O objeto dessa busca é justamente a *Sapiência*, considerada pelo nosso mestre, a mente de Deus: *“A procura da Sapiência é, com efeito, um grande conforto na vida. Quem a encontra é feliz, e quem a possui é bem-aventurado”*⁷.

Se para Hugo, o conhecimento a ser adquirido está intrínseco na mente num sentido virtual e potencial, é preciso certa investigação para que esse conhecimento se manifeste e é nesse processo de indagação minuciosa que o mestre coloca o trabalho da filosofia: *“A filosofia é a disciplina que investiga exaustivamente a razão de todas as coisas humanas e divinas”*⁸, portanto, uma vez que o homem difere dos animais, porque não tem somente o instinto animal, mas a seu favor, uma alma racional, seus atos, passam a não serem mais

⁵ Did., I, 1 (p. 47).

⁶ Did., I, 1 (p. 49).

⁷ Did., I, 1 (p. 51).

⁸ Did., I, 4 (p. 59).

regidos somente pelo instinto e sim precedidos por uma “*Sapiência moderadora*”⁹. Assim, os atos humanos passam a dividir-se em duas categorias: os pensados e os executados. Para que um ato seja executado, ele tem que passar pelo pensamento antes da execução, ou seja, ele tem que ser pensado; o pensamento pertence à filosofia, a execução do que foi pensado pertence ao trabalhador; portanto, sem o pensamento, não há a execução perfeita ou o ato perfeito. Dessa forma, é a filosofia que vai reger todos os atos humanos e Hugo supõe que pertencem a esta, os estudos da natureza das coisas, a disciplina dos costumes e todos os atos e esforços humanos.

No segundo livro, quando Hugo descreve as artes; distingue-as de tal maneira que parte delas será dirigida ao homem mortal e outra parte ao homem imortal. Dessa forma, estabelece em qual arte o homem deve se empenhar mais, para chegar à mente de Deus e quais artes provêem ao homem subsídios para sua existência material, ou seja: as artes que propõem ação divina “*para que em nós seja reparada a imagem divina*”¹⁰ e as que propõem ação humana com as quais “*providenciamos as coisas necessárias àquela parte que nos é fraca*”¹¹.

No terceiro livro, Hugo de São Vítor oferece vários conselhos aos seus jovens estudantes, que vão desde o que ler e como ler, passando por várias disciplinas até chegar ao total despojamento das paixões do mundo.

Depois de resumir a exposição sobre a divisão da filosofia, cita os vários autores das artes, tratando em seguida, das principais artes a serem adquiridas, destacando as sete artes liberais, como um dos principais caminhos para se chegar à *Sapiência*: “*De todas essas ciências acima enumeradas, os antigos destacaram de modo especial sete delas em seu programa de ensino; nelas viram tanta utilidade em comparação com todas as outras, que, qualquer um que adquirisse firmemente o conhecimento delas, chegaria ao conhecimento das outras, mais pesquisando e praticando do que ouvindo; elas são como instrumentos ótimos e tirocínios pelos quais ao espírito é preparada a via para o pleno conhecimento da verdade*

⁹ Did., I, 4 (p. 59).

¹⁰ Did., I, 7 (p. 67).

¹¹ Did., I, 8 (p. 67).

*filosófica; por essa razão se chamam “trívio” e “quadrívio”, pois por elas, como se fosse por algumas vias, o espírito penetra nos segredos da Sapiência”*¹².

Hugo indica quais escritos são considerados mais úteis ao estudante, destacando os escritos que são verdadeiramente artes e os que apenas são complementos das artes; alerta quanto à confusão que pode ser gerada quando se estudam as artes, misturando umas com as outras. É também tratado nesse livro o que é necessário ao bom desenvolvimento do estudante, como algumas qualidades naturais, a ordem do aprendizado e o método necessário ao aprendizado. Nesse sentido, é preciso começar pelo que é mais conhecido para chegar ao desconhecido. É necessário também partir das coisas mais abrangentes para depois se chegar às particulares, ou seja, descer dos universais para os particulares através da investigação racional.

A meditação é mostrada como método para seguir os vestígios da causa origem e proveito das coisas; ela é colocada por Hugo como o fim da aprendizagem, pois o início está na leitura.

É apresentada em seguida a importância da memória. Sobre a disciplina, o filósofo cita o parecer de um sábio a respeito do modo e a forma de aprender. As qualidades morais enumeradas por este sábio vão ser apresentadas nos capítulos seguintes em dois grupos: primeiro, a humildade; segundo, a ânsia de buscar o conhecimento, ou seja, a dedicação à pesquisa. Em seguida, nosso mestre apresenta as qualidades que são constantes na vida do sábio: a vida quieta ou tranqüila, a consideração silenciosa ou análise minuciosa, a pobreza ou sobriedade e finalmente a terra estrangeira ou exílio.

No último capítulo, o mestre encerra o terceiro livro lembrando que somos exilados nesta terra, como se fôssemos estrangeiros nesse mundo e que para deixarmos as coisas visíveis e transitórias é necessário primeiramente aprendermos a escolher corretamente qual é a nossa pátria; *“É ainda delicado aquele ao qual a pátria é doce; todavia é já forte aquele para o qual qualquer terra é a pátria; mas na verdade é perfeito aquele para o qual o mundo inteiro é um exílio. O primeiro fixou o seu amor no mundo, o segundo o espalhou e o terceiro o extinguiu”*¹³ escreve o Vitorino.

¹² Did, III, 3 (p. 137-139).

¹³ Did., III, 19 (p. 167).

No quarto livro, Hugo de São Vítor oferece orientações pertinentes à leitura dos livros sagrados. Expõe os livros que são considerados divinos pela fé católica, ou seja, as Escrituras Sagradas. Começa pelo Pentateuco no velho testamento, passa pelos profetas, hagiógrafos, até chegar aos evangelhos do novo testamento; segue pelos atos dos apóstolos, as cartas de Paulo e cartas canônicas e por fim chega ao Apocalipse. Trata o filósofo nesse livro de como é dividida a Escritura Sagrada fazendo uma breve descrição dos quatro livros considerados Evangelhos canônicos: Mateus, Marcos, Lucas e João.

São apresentados nesse livro os autores dos livros sagrados; além disso, é feita uma breve exposição do que é “biblioteca” e de onde deriva esse termo; em seguida são apresentados os tradutores dos livros sagrados. Observa-se que Hugo de São Vítor tem grande preocupação em apresentar o significado do termo “apócrifo” e quais os escritos são considerados apócrifos, para depois expor que significado que tem cada um dos livros considerados sagrados.

O quarto livro ainda continua com orientações do mestre sobre o novo testamento e alertando que, embora todo ele seja considerado evangelhos, somente merecem levar esse nome os livros de Mateus, Marcos, Lucas e João; em seguida, são apresentados os dez cânones dos evangelhos. Com esse termo, Hugo quer indicar certos sistemas que fornecem uma orientação de como procurar temas que foram tratados por mais de um evangelista.

Ademais, são apresentados os cânones dos concílios gerais e os quatro principais sínodos realizados. Mencionam-se os fundadores das bibliotecas sagradas. Ao final, ele encerra o quarto livro com uma extensa lista de escritos autênticos, destacando entre estes os escritos de Santo Agostinho e outra lista de escritos apócrifos, adicionando algumas etimologias úteis para a leitura.

No quinto livro, Hugo trata da importância que deve ser dispensada às coisas pequenas, para que possamos entender as coisas grandes e úteis. Em seguida trata do tríplice modo de entender as Escrituras: histórico, alegórico e tropológico; oferecendo regras exegéticas de interpretação. Menciona as sete regras utilizadas pela palavra das Escrituras Sagradas, para depois tratar do modo e a ordem de ler, primeiramente mostrando ao aluno as coisas que impedem o estudo, pois, como diz Hugo: *“Dado que é mais fácil entender aquilo que deve ser feito conhecendo antes aquilo que não deve ser feito, o estudante deve ser primeiro instruído sobre aquilo que deve evitar e depois deve ser informado sobre como levar*

a termo aquilo que deve ser feito”¹⁴. Ainda nesse capítulo, Hugo menciona que a ordem e o método são necessários para que se removam os obstáculos ao estudo e aponta como obstáculos, a negligência, a imprudência e a má sorte.

É tratado do saber e da virtude, que são frutos da leitura divina; o caminho que deve ser seguido para se chegar à virtude, o exercício da leitura dos principiantes e o estudo das virtudes dos eruditos. Hugo de São Vítor enumera os degraus a serem alcançados pelos justos, a caminho da perfeição: “*O primeiro degrau, a leitura, dá o entendimento; o segundo, a meditação, engendra o discernimento; o terceiro, a oração, pede; o quarto, a prática, procura; o quinto, a contemplação, encontra*”¹⁵.

Finalmente, ele elucida os três tipos de leitores das escrituras: os que buscam obter bens materiais ou necessários; os que desejam apenas conhecer; os que querem conhecer para refutar os erros, ensinar os ignorantes e amar mais a Deus.

No último livro da obra, o mestre relembra os quatro âmbitos em que se dá a ordem da leitura: a ordem depositada na disciplina (trata da leitura histórica e da verdade dos fatos), os mistérios das alegorias (cap. 4) e a moralidade (cap. 5). Em seguida, indica quais livros (cap. 6) devem ser lidos no novo e no velho testamento, trata da leitura e interpretação alegórica, faz uma distinção entre ordem dos livros, ou seja, ordem da narração (cap. 7), ordem da exposição dos textos (cap. 8) e seus três elementos, a saber: a letra (cap. 9), o significado (cap. 10) e o pensamento (cap.11).

Hugo não trata – no *Didascálicon* - a última parte do ensino, ou seja, a meditação, pois, para ele, esse ponto merece um tratado especial. Ele entende a meditação, como algo sutil e prazeroso que “*instrui os principiantes e exercita os avançados*”¹⁶.

A obra é finalizada com honra e louvor à *Sapiência*: “*Roguemos agora à Sapiência que se digne resplandecer em nossos corações e iluminar-nos em seus caminhos, para introduzir-nos à ceia pura e sem carne de animais*”¹⁶.

¹⁴ Did., V, 5 (p. 217).

¹⁵ Did., V, 9 (p. 229).

¹⁶ Did., VI, 13 (p. 265).

2. HUGO E A ESCOLA DE SÃO VÍTOR

Para melhor falar de Hugo de São Vítor, é certamente bom começar com Guilherme de Champeaux, que nasceu em 1068 e morreu em 1121¹⁷. Durante vários anos dedicou-se ao magistério na escola da catedral de Notre-Dame de Paris. Deu início, em um local onde havia uma capelinha dedicada a São Vítor, a uma comunidade de cônegos regulares que ficou conhecida como a abadia de São Vítor e veio a abrigar uma importante escola. Aluno em Paris de Manegoldo de Lautenbach, cuja influência pode tê-lo orientado bem cedo para a espiritualidade, e depois de Anselmo de Laon e de Roscelino, só abandonou seu ensino na escola catedral de Paris para retomá-lo na abadia de São Vítor, para onde se retirara¹⁸. O mestre que outrora foi tão celebrado procurou instalar na nova fundação os seus ideais intelectuais. Como conseqüência, a abadia de São Vítor produziu dois dos pensadores mais importante do século XII, que foram tidos em conta de mestres de primeira linha pelos escolásticos do século seguinte. A escola anexa à abadia de São Vítor alcançou o seu apogeu com Hugo (1090-1141) e Ricardo de São Vítor (c.1110-1173), e, depois deles, sua importância diminuiu consideravelmente. Hugo foi professor e organizador da escola que veio a ser, ainda em vida deste, uma das primeiras entre as que deram origem à Universidade de Paris. Também, ele deixou vários livros relacionados à educação que são editados até os dias de hoje. Embora tanto Hugo como Ricardo tivessem grande prestígio, não se pode negar que, Hugo superou de longe seu discípulo e sucessor. Hugo se esforçou por apresentar em seus textos, não as suas idéias pessoais, mas as da tradição em que viveu e na qual desenvolveu o seu trabalho de educador.

É provável que Hugo de São Vítor tenha nascido em Hartigham, na Saxônia - no Sacro Império Romano Germânico - pelo ano de 1096. Ele descendia da estirpe dos Condes Blakenburg. Filho de Conrado, também Conde de Blackenburg. Pouco se sabe sobre sua vida. Tinha um tio chamado Reinardo o qual, em sua juventude, demonstrou vocação para a vida religiosa e inclinação para os estudos. Reinardo mudou-se para Paris para adquirir melhores condições de formação acadêmica e religiosa, pois Paris era um dos principais centros do

¹⁷ GILSON, Etienne. *A Filosofia Medieval*. P. 357.

¹⁸ É conhecida a menção de Abelardo na *História de minhas calamidades* o seu relacionamento turbulento com Guilherme e à retirada deste para a vida religiosa. cf. *Pensadores*. São Paulo: Abril, 1973, p. 250-253.

renascimento cultural da Europa. Em Paris Reinardo conheceu Guilherme de Champeaux e uma grande amizade nasceu entre ambos. Depois de viver algum tempo entre os Vitorinos, Reinardo voltou à Saxônia e lá, foi sagrado bispo de Halberstadt.

Com o objetivo de dar uma nova vida à sua diocese, Reinardo convida os Cônegos Regulares de São Vítor a se instalarem na Saxônia, convidando também seu sobrinho Hugo a estudar com eles. Assim, foi por intermédio de seu tio bispo, que Hugo veio a conhecer os Cônegos de São Vítor e a verdadeira vocação de Hugo, não tardou a aflorar. Ele renuncia à herança do título de conde e ao condado de Blackemburg, preferindo abraçar a observância da regra de Santo Agostinho junto aos Vitorinos.

*“Tivesse se tornado o Conde de Blackemburg, teria se tornado ilustre pelo seu valor em algum campo de batalha, ou por sua sabedoria no governo de seu condado, mas seu nome jamais teria chegado até nós. Agora, porém, seu nome está inseparavelmente ligado às coisas que não perecerão jamais, à ciência teológica da qual ele foi um dos restauradores, aos nomes de Pedro Lombardo e de São Tomás de Aquino, que sempre o viram como o seu mestre”*¹⁹.

Nessa mesma época, irrompia uma guerra na terra natal de Hugo. Seu tio Reinardo o aconselha a abandonar a Saxônia e pedir admissão entre os cônegos de São Vítor diretamente na abadia em Paris, onde outrora ele já havia se hospedado.

No mosteiro de São Vítor iniciava-se então, a escola que no futuro, sob a direção de Hugo, viria ser uma das maiores escolas de teologia da época e com algumas outras escolas da cidade, em pouco tempo, originariam a mais prestigiosa universidade do mundo ocidental latino.

Em São Vítor, além dos trabalhos religiosos, os cônegos se dedicavam à cópia de manuscritos. Tal trabalho, aos poucos, contribuía para a formação de uma importantíssima

¹⁹ M . Hugonin: Essai sur la Fondation de l'École de Saint Victor de Paris; PL 175, XLVI-B. Citado em <http://www.cristianismo.org.br/ese01-b.htm>

biblioteca na abadia, que possibilitaria a Hugo o acesso a uma riqueza de conhecimento que, em outros lugares, só poderia ser obtido com muita dificuldade. A biblioteca de São Vítor se tornou tão famosa que deu margem a que Rabelais fizesse dela um tema de seus gracejos²⁰.

Assim, Hugo, com a idade de dezoito anos, acompanhado de seu avô, cujo nome também era Hugo, dirigiram-se para Paris, onde se tornaram religiosos na abadia de São Vítor. Portanto, Hugo chegara jovem a Paris e a São Vítor (provavelmente em 17 de julho de 1115). Dez anos depois tornou-se professor da escola abacial. Foi orientado primeiramente pelo prior Tomás, a quem sucedeu na direção da escola. Sua índole especulativa e insistente é refletida pelos seus escritos; tinha a característica de submeter cada problema a um exame circunstanciado.

Hugo de São Vítor faleceu na própria abadia de São Vítor com apenas 44 anos de idade em 11 de fevereiro de 1141. Deixou um discípulo - Ricardo de São Vítor - jovem que tinha chegado a São Vítor procedente da Escócia. Sob a orientação de Hugo, Ricardo tornou-se um teólogo respeitado. A admiração e reverência que Hugo conquistou de Ricardo fizeram com que este, após a morte de Hugo, prosseguisse com sua obra, de maneira que as obras de ambos constituíssem um único conjunto de ensinamentos pedagógicos e teológicos.

A escola de São Vítor caracterizou-se por dar ênfase aos aspectos filosóficos e científicos da cultura, amalgamando-os com uma dose de misticismo. Tudo embasado na orientação de orar e contemplar a Deus em função de tudo que se encontre.

O pensamento de Hugo valorizava outros campos do aprendizado, além da filosofia e da teologia tais como a história, e as artes mecânicas (artes têxteis, fabricação de armas, agricultura, arte da caça, conservação de alimentos, teatro, etc). Suas obras que mais se destacaram foram o *De sacramentis christianae fidei*, *Epitome in philosophiam*, *Commentum in hierarchiam celestem* e *Didascalicon*; em seis livros e a obra mais completa sobre o saber da época.

²⁰ F. Rabelais lhe dedica um capítulo no *Pantagruel*. cf. F. Rabelais, *Pantagruel*, In: Les cinq livres de François Rabelais. Paris: Flammarion, s. d., v. 1, p. 156-161, Livro II, cap. VII: “Como Pantagruel vem a Paris e os belos livros da biblioteca de São Vítor”.

De sacramentis christianae fidei, título que pode ser traduzido como *Os mistérios da fé cristã* é um verdadeiro trabalho de síntese que pode ser considerado análogos às subseqüentes sumas de teologia, como, por exemplo, a de São Tomás de Aquino.

A Hugo de São Vítor se deve o primeiro processo educativo sistematizado na Idade Média. A teoria de Quintiliano o inspirou a escrever um dos pioneiros tratado de didática e pedagogia medieval: *Didascálicon*, publicado em 1120²¹. O tratado pedagógico *Didascálicon* tornou-se uma obra de referência ao longo dos séculos XII e XIII, conhecendo sucessivas edições posteriormente. Ainda, sob influência de Santo Agostinho, Hugo considerou que a tarefa do educador é levar o aluno a passar, progressivamente, do mundo sensorial, que dá acesso ao conhecimento secular, para o mundo sobrenatural, que abre as portas à verdade divina, a única que é eterna e imutável. Portanto, não se afastando da concepção pedagógica de Santo Agostinho, ao afirmar que a vontade e o esforço do aluno são as bases da aprendizagem, embora seja a memória que sustenta o processo educativo. Agostinho, quando trata da memória intelectual, faz um elogio à capacidade da memória de assimilar as coisas, principalmente no que tange às artes liberais: “*Não é só isso que a capacidade imensa da minha memória encerra. Também lá se encontra tudo que não esqueci, aprendido nas artes liberais*”²², para ele, as noções de literatura, dialética e as diferentes espécies de questões existem também na memória. Assim, em relação à memória, é compreensível a defesa que Hugo faz dela colocando-a como base do ensino, pois viveu numa época em que os livros eram raros, pesados e caros. No século XII, o ensino era feito recorrendo à leitura, exposição e comentário das obras canônicas pelos mestres e os alunos eram obrigados a memorizar os textos mais relevantes.

Embora Hugo de São Vítor não tenha superado a rigidez do currículo medieval, nem a concepção neoplatônica do conhecimento, ele foi capaz de atribuir um lugar de relevo à dialética, afastando-se das posições de São Bernardo e aproximando-se da perspectiva de Abelardo.

²¹ Parte da obra de Quintiliano compreendia a reflexão sobre as relações entre retórica, filosofia, cultura e ética. Por centrar parte de sua reflexão no estudo das características que o orador tem de desenvolver e manter para ser um homem de bem, é também considerado como um dos primeiros tratados de pedagogia.

²² SANTO AGOSTINHO. *Confissões*: Coleção Os Pensadores. Editor Victor Civita, 1973, p 202.

A obra de Hugo de São Vítor ocupa os volumes 175, 176 e 177 da Patrologia Latina de Migne. Seus trabalhos podem ser divididos em quatro grupos: os pedagógicos, os dogmáticos *De Sacramentis Fidei Christianae*, os ascéticos e os exegéticos. No *De Sacramentis* Hugo se propõe a apresentar o conteúdo teológico das Sagradas Escrituras onde se observa uma capacidade de síntese e sistematização ainda pouco conhecida no século XII.

Quanto às suas obras pedagógicas, estas tinham certa singularidade devido ao fato de que poucas vezes na história pôde-se reunir em uma pessoa uma vida de manifesta santidade, inteligência notadamente brilhante atividade docente e a direção de uma das mais importantes escolas do século XII. Assim, devido a essa confluência de fatores, o mestre não só ensinava, mas também explicava aos alunos como se deveria aprender. Aos professores orientava como se deveria ensinar e à escola, como se deveria organizar. Isso como um todo resultava em exercícios práticos que levavam à efetiva realização da verdade e à plenitude da vida moral.

Em sua pedagogia não havia interferência destrutiva entre vida intelectual e vida espiritual, nem mesmo separação entre estas atividades como se fossem coisas independentes uma da outra. Ao contrário, o mestre criava situações em que ambas agiam entre si no sentido de evoluírem conjuntamente. Assim, fica viva a impressão de assistir a uma apresentação literal das palavras do autor escritas no fim da sua principal obra pedagógica:

*“A criatura racional foi feita segundo a mente divina. A criatura visível foi feita segundo a mente do homem. Portanto, todo movimento e retorno da criatura racional devem ser direcionados para a mente divina, como todo movimento e retorno da criatura visível devem direcionar-se para a criatura racional”*²³.

Hugo de São Vítor é tido como o místico por excelência da primeira escolástica. De certo que é, mas sua importância se deve, sobretudo não só à teologia, mas à filosofia; além disso, nosso mestre foi um homem apaixonado pelas ciências e pelas artes. Ao mesmo tempo ele se mostra dotado de notável tino psicológico; foi um perscrutador incansável e arguto dos segredos da vida interior e um auscultador atento dos sentimentos do coração humano.

²³ Did., Apêndice C. (p. 275).

CAPÍTULO DOIS

ORGANIZAÇÃO E CONTEÚDO DO LIVRO II DO DIDASCÁLICON

1. ORGANIZAÇÃO

Hugo de São Vítor distribui os seis livros contidos em seu *Didascálicon*, de maneira que o estudante, seguindo a ordem e conteúdo desses livros pudesse palmilhar um caminho que, iniciava-se pela leitura, seguido pela reflexão e, encerrava-se pela contemplação. Durante esse percurso, o aluno deveria inicialmente conhecer as bases da filosofia ou do ensino filosófico²⁴. Esse conhecimento abarcava questões como: onde as artes se originam? Qual a tríplice potência da alma? Porque somente o homem é dotado de razão? Quais as coisas que pertencem à filosofia? Qual a origem das artes liberais? De onde se origina a lógica e as artes mecânicas?

Em seguida, seria salutar que o aluno conhecesse as ciências e as artes que compunham o estudo filosófico no século XII²⁵. Nessa etapa do aprendizado, o autor apresenta as ciências e artes que compõem seu sistema filosófico, ou seja, as ciências denominadas teórica, prática, mecânica e lógica e suas respectivas artes²⁶.

²⁴ Did., I (p. 46).

²⁵ Did., II (p. 82).

²⁶ Ciência teórica dividida em teologia, matemática (que se subdivide em aritmética, música, geometria e astronomia) e física. Ciência Prática dividida em individual, privada e pública. Ciência mecânica dividida em fabricação da lã, armamento, navegação, agricultura, caça, medicina e teatro. Ciência lógica dividida em gramática e teoria da argumentação (onde estaria inserida a dialética e a retórica).

De posse do conhecimento de tais ciências e artes, o aluno deveria aprender o que se deve ler, como se deve ler e em que ordem deve ser feita a leitura ²⁷. Nesse período do aprendizado era necessário que o estudante adquirisse certa postura, dedicação e disciplina diante do estudo. Portanto, era nessa fase, que o aluno tomava conhecimento de que a leitura e o estudo teriam que obedecer a uma determinada ordem e método para que surtisse efeito. A disciplina moral, dedicação à pesquisa, sobriedade, análise minuciosa, meditação faziam parte dessa fase do estudo.

Após esse período, que poderíamos denominar de período de aquisição dos primeiros conhecimentos, o estudante deveria iniciar os estudos das Sagradas Escrituras ²⁸, em que iria tomar conhecimento dos autores e tradutores dos Livros Sagrados, estudaria os cânones dos evangelhos, os concílios realizados, as Escrituras que são autênticas e as que são consideradas apócrifas, bem como, algumas etimologias úteis. Adquiridos esses conhecimentos, o estudante deveria iniciar a etapa que compreendia a interpretação e entendimento das Escrituras Sagradas ²⁹, suas particularidades, o modo de lê-la, as três maneiras de entendê-la e suas regras. O modo de ler as Escrituras deveria ser de maneira tal que os costumes e vícios fossem corrigidos.

Em seguida, o jovem aluno deveria continuar com os estudos aprendendo as regras de como ler as Sagradas Escrituras de modo que, sabendo ler de forma correta, poderia entendê-la com maior facilidade ³⁰. Iniciava-se então, uma nova fase que seria a de interpretação crítica das Escrituras Sagradas, um trabalho de exegese, em que, história, alegoria, ordem do livro e da narração, exposição do texto e seus significados estariam presentes.

Para o mestre, a última etapa do aprendizado seria a meditação, pois, é nessa fase que o aluno alcança efetivamente a contemplação. Essa etapa do aprendizado não é tratada por Hugo no *Didascálicon*. Ele mostra com precisão somente o que concerne à leitura. Assim, as

²⁷ Did., III (p. 130).

²⁸ Did., IV (p. 168).

²⁹ Did., V (p. 204).

³⁰ Did., VI (p. 234).

coisas que concernem à meditação são omitidas, pois segundo ele esse assunto merece ser tratado de modo particular e mais amplamente ³¹.

O *Didascálicon* em seu conjunto pode ser dividido em duas partes: a primeira, com o objetivo de mostrar o que ler, enumerando as origens das artes para logo em seguida serem apresentadas sua descrição e divisão. São enumerados os inventores de cada arte e quais merecem ser lidas com prioridade. Finalizando esta primeira parte, é prescrita ao estudante uma disciplina de vida a ser seguida.

A segunda parte concerne apenas às Escrituras Sagradas: número e ordem dos livros, seus autores, explicações dos nomes, explicações de como se deve lê-los e instruções àqueles que lêem tais Escrituras por amor do saber.

³¹ “*Duae praecipue res sunt quibus quisque ad scientiam instruitur, videlicet lectio et meditatio, e quibus lectio priorem in doctrina obtinet locum, et de hac tractat liber iste dando praecepta legendi*” (Existem principalmente duas coisas por meio das quais uma pessoa adquire conhecimentos, ou seja, a leitura e a meditação. Destas, a leitura detém o primeiro lugar na instrução, e dela se ocupa este livro, dando as regras do ler). Did I, 1 (p. 45).

2. CONTEÚDO DO LIVRO II DO DIDASCÁLICON

2.1. A BASE DO CONHECIMENTO FILOSÓFICO

Hugo de São Vítor inaugura o primeiro capítulo do *Didascálicon* (que trata da origem das artes), mostrando ao estudante qual seria o prêmio da soberana vocação oferecido àquele que conseguisse percorrer o caminho do aprendizado através da leitura das Sagradas Escrituras, a saber, o conhecimento da Sapiência, a verdadeira sabedoria, conhecida também como a mente divina.

Tal Sapiência faz com que o homem passe a conhecer-se, e tomar consciência de que foi criado, de maneira a ocupar um lugar acima de qualquer outra coisa. Nosso mestre se funda no que está escrito na trípole de Apolo: “*conhece-te a ti mesmo*”³², observando, que tal conhecimento não permite que o homem se esqueça que não há nenhum valor nas coisas que são sujeitas à mutabilidade.

Também fundamentado em Pitágoras, que denominou a procura da sabedoria como filosofia, o mestre assevera que a verdade em sua totalidade encontra-se tão oculta que por mais que a mente se empenhe em procurá-la dificilmente chegará a entendê-la como realmente ela é. Portanto, seria a filosofia, a doutrina das coisas que são verdadeiras e que possuem uma substância (ou forma no sentido Platônico) imutável.

Hugo avança que, filosofando, a mente do homem é iluminada pela mente divina, possibilitando que este consiga estabelecer sua natureza divina originária. Com efeito, filosofar é o movimento circular da alma nas esferas das coisas visíveis e invisíveis, um ato do homem e um ato de Deus, um movimento de afeição entre o homem e a *Sapiência*. Esse movimento circular acontece devido à alma se voltar para as coisas sensíveis pelo sentido e para as coisas invisíveis pela inteligência; portanto, ela traça, como se fosse um círculo, que em seu movimento giratório abarca todo o conhecimento, ou seja, passando por ambas as

³² “*gnoti seauton*”. Xenofonte, *Memorabilia* 4,2,24.

coisas (sensíveis e invisíveis), nada lhe escapa do conhecimento. Assim, a alma do homem passa a conhecer, por intermédio do conhecimento sensível e do conhecimento inteligível em movimento duplo indicado como círculos concêntricos em que, tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é a própria alma.

Sendo a filosofia a disciplina que proporciona ao homem a investigação de todas as coisas, sejam elas divinas ou humanas, Hugo de São Vítor a divide em quatro ciências subdivididas em diversas artes, de maneira tal, que, estas ciências e suas respectivas artes guiem todos os atos humanos. Estas ciências são: a ciência teórica, a ciência prática, a ciência mecânica e a ciência lógica.

2.2. A ORIGEM DAS CIÊNCIAS

Uma vez consideradas quatro ciências como componentes do conhecimento filosófico, que seria ensinado aos alunos da escola de São Vítor, Hugo passa então a discorrer sobre o surgimento de cada uma das ciências mencionadas. Para isso, inicia sua explicação enfatizando a importância dos esforços humanos em serem guiados pela sabedoria moderadora, tendo em vista o restabelecimento da integridade da natureza humana. Além disso, existem no homem o bem e o mal, não obstante, o mal terá sempre que ser extirpado para que o bem se restabeleça; mas, o restabelecimento do bem somente se realizará através do desempenho pessoal de cada um, pois a integridade da natureza humana somente se efetiva pelo conhecimento e pela virtude.

Ora, a composição humana, segundo Hugo de São Vítor, se realiza através de duas substâncias; uma de âmbito mortal e outra na esfera imortal, uma eterna e outra passageira, uma conhecida apenas por aqueles que acreditam nos sentidos e outra por aqueles que vão além das cinco impressões pertinentes ao gênero humano. Assim, o conhecimento das artes que compõem as ciências deve permitir ao homem a compreensão, o entendimento e explicação das coisas percebidas pelos sentidos e das coisas perceptíveis apenas pelo intelecto. Hugo de São Vítor reitera a esse respeito que tais coisas se apresentam de três formas: as eternas, as perpétuas e as temporais. Onde o papel da filosofia, através de suas

quatro ciências, seria perscrutar essas três ordens de coisas: a primeira, na qual se designa “aquilo no qual não há diferença entre o ser e aquilo que é”³³, ou seja, Deus, a segunda, designa que, “aquilo no qual o ser e aquilo que é, são distintos, ou seja, aquilo que vem a ser em virtude de algo de fora e veio à efetividade por ação de uma causa anterior para que iniciasse a ser, e isto é a natureza, que contém o mundo inteiro”³³, são as substâncias das coisas que os gregos chamavam de ousias (ousiai) e os astros. Finalmente, a terceira ordem seria a pertinente às coisas que têm início e fim, ou seja, as coisas que nascem sobre a terra; nessas coisas estaria a fração mortal do ser humano.

Essas três ordens em que as coisas se apresentam servem de base para que os atos humanos se manifestem. Em vista disso, os atos humanos podem se apresentar, tanto pelo pensamento quanto pela ação; desta forma, quando tais atos afloram pelo pensamento, estão associados à filosofia, mas, quando executados, pertencem ao trabalhador ou artífice.

Mas, onde o estudante encontraria tais coisas, principalmente quando os atos vêm à tona pelo pensamento? O que seriam e onde se encontrariam a primeira e a segunda categoria mencionada acima? Com vista nessas questões e no elã de esclarecer tais diferenças aos seus alunos, Hugo precisa que o mundo foi dividido pelos matemáticos (astrônomos) em duas partes: o mundo supralunar, também denominado tempo ou elísio e o mundo sublunar, temporal ou inferno. O primeiro, denominado natureza³⁴ e o segundo, obra da natureza, sendo, portanto, o mundo supralunar o artífice ou arquiteto do mundo sublunar, o que concede o espírito vital para que o outro seja, para que as coisas nasçam, cresçam, se alimentem e movam. Portanto, o homem é o único ser vivo pertencente, ao mundo sublunar, dotado de um quinhão divino e outro humano, animal, compreendido pelos cinco sentidos. É-lhe concedida a capacidade de perscrutar tanto a “natureza”³⁵ como a “obra da natureza”³⁵, sendo a finalidade de suas ações sustentar a vida e preparação de uma imagem divina através da investigação da verdade e de atos virtuosos, exercício da *Sapiência* e ações justas. Assim, Hugo de São Vítor apresenta as artes pertencentes a cada uma das quatro ciências, tendo a

³³ Did., I, 5 (p. 63).

³⁴ A interpretação da natureza como princípio de vida e de movimento de todas as coisas existentes é a mais antiga e venerável, tendo condicionado o uso corrente do termo. “Permitir a ação da natureza”, “Entregar-se à natureza”, “Seguir a natureza”, e assim por diante, são expressões sugeridas pelo conceito de que a natureza é um princípio de vida que cuida bem dos seres em que se manifesta.

³⁵ Did., I, 7 (p. 67).

preocupação em destacar quais artes estão ordenadas ao elemento mortal do homem, ou seja, aquelas que se preocupam com as necessidades desta vida ³⁶ e quais artes se ordenam a sua substância imortal. Desta forma, existe no homem uma ação de caráter humano e outra de caráter divino, a primeira, denominada pelo mestre de ciência e a segunda de inteligência. Ora, se é certo que a *Sapiência* abrange todas as ações humanas, também é justo dizer que tal *Sapiência* abarcará tanto a ciência como a inteligência. Nesse momento, Hugo de São Vítor, cujo pensamento continua movimentando-se no sulco do conhecimento científico e inteligível, inicia o processo de definição de quais ciências seriam pertinentes ao conhecimento filosófico, e abrangeria tanto a ciência, quanto a inteligência humana. No processo de investigação da verdade, o indubitável seria a ciência teórica ou especulativa; já, quanto aos costumes humanos, necessário seria uma ciência prática, ativa que se preocuparia principalmente com a ética e a moral.

Mas ainda seria necessária uma terceira ciência, pois como vimos acima, todo trabalho humano executado de forma laboriosa, por peritos, tais como, os médicos, artífices, tecelões e muitos outros, enquanto pensados, ou ainda, como formas ou ideias, pertenceriam ao conhecimento filosófico; entretanto, o ato de transformar a ideia em algo concreto, pertenceria ao perito ou trabalhador. Em vista disso, Hugo de São Vítor avança que o trabalho humano também deve fazer parte do conhecimento filosófico; para tanto, ele introduz no conhecimento filosófico, a ciência mecânica, que justamente tratará das artes pertinentes ao trabalho humano.

Apresenta então, a obra do artesão, que se origina no ato de imitar a obra propriamente da natureza e acima desta a obra de Deus. Hugo apresenta tal ideia, referindo-se a uma citação de Calcídio: “*Sunt etenim tria opera, id est, opus Dei, opus naturae, opus artificis imitantis naturam*” ³⁷. Assim, a filosofia, que está voltada para a procura da *Sapiência*, abrange tanto a ação divina e a ação da natureza como a ação corporal do homem relativa ao trabalho.

O ato de imitar a natureza, exercido pelo artífice, artesão ou trabalhador se apresenta pela observação, pois, é observando as coisas da natureza que o homem produz o que é

³⁶ Extrair os alimentos da natureza, se prevenir contra moléstias do corpo e medicar as já existentes (ação de âmbito humano).

³⁷ “*Há, com efeito, três obras, isto é, a obra de Deus, a obra da natureza, a obra do artífice que imita a natureza*” Calcidio, op. cit., 23.

procedente da natureza. Mas, o que fomenta todo trabalho do artífice, impelindo-o a observar para produzir, é a força que provém da necessidade de acudir e ao mesmo tempo auxiliar suas próprias necessidades. É devido às necessidades humanas, sejam elas de sobrevivência, comodidade, lazer, prazer ou conforto que o homem faz uso desse seu talento natural de pensar e inserir tais pensamentos em realizações concretas que irão saciar tais necessidades. Essa projeção de pensamentos, em obras e realizações concretas é, portanto o fruto do trabalho humano, o qual Hugo de São Vítor – como veremos mais adiante – ramificará em diversas artes mecânicas.

Fundir uma estátua observando a forma humana, confeccionar vestimentas por observar que ao homem não lhes são dadas, de forma natural, proteções e comodidade ao corpo, são exemplos oferecidos por Hugo de São Vítor para elucidar ao estudante que, àqueles que não podiam prover a si mesmos, a natureza se encarregou da providência; todavia, ao homem, devido ao seu dom natural de raciocinar, foi lhe concedida oportunidade de construir, através de seu trabalho, aquilo que é concedido aos animais de forma natural ³⁸.

2.3. A NATUREZA

Se assim é, estabelecem-se as bases da estrutura que permite ao homem certa imitação da natureza e faz-se necessária uma elucidação maior aos alunos do que seria propriamente a natureza. Embora, como comenta Cícero, “*naturam definire difficile sit*” ³⁹, Hugo de São Vítor apresenta três definições procedentes dos “antigos”: a primeira definição apresentada diz que “*A natureza é aquela que atribui a cada coisa o seu ser*” ⁴⁰, explica que tal natureza é “*o modelo arquetípico de todas as coisas que reside na mente*”, ou seja, a causa primordial das coisas, da qual recebem não apenas o ser (*esse*), mas também o ser tal (*talis esse*). É, portanto, a própria *Sapiência* divina. Uma segunda definição da natureza seria a de Boécio,

³⁸ Tema platônico e aristotélico, que percorre a história da filosofia. cf., por exemplo, HELLER, Agnes. Teoria de las necesidades em Marx, Barcelona: Península, 1978.

³⁹ “*seja difícil definir a natureza*” CÍCERO, Rhetorici libri duo qui vocantur de inventione 1,24,34.

⁴⁰ Did., I, 10 (p. 73).

declarando que “*Natura unamquamque rem informans propria differentia dicitur*”⁴¹. Desta definição deriva, de acordo com Hugo, o modo corrente de falar: “*Natura est omnia pondera ad terram vergere, levia alta petere, ignem urere, aquam humectare*”⁴².

A terceira definição de natureza, a que mais corresponderia ao significado de natureza apresentado por Hugo no *Didascalicon* é a apresentada por Cícero: “*Natura est ignis artiflex ex quadam vi procedens in res sensibiles procreandas*”⁴³. Hugo justifica essa definição pelo que dizem os “físicos” (Physici), segundo os quais “*tudo é produzido a partir do calor e da umidade*”. Cita, em seguida uma expressão de Virgílio e um verso de Valério Sorano: “*Iuppiter omnipotens rerum regunq̄ue rep̄tor, Progenitor genitrixq̄ue deum verum unus et idem*”⁴⁴. A natureza como “*fogo artífice propenso por certa força, a produzir as coisas sensíveis*”. É essa natureza geradora pela força da *Sapiência* que Hugo exorta seus alunos que seja perscrutada, pois tal natureza se encarrega das providências necessárias e pertinentes a cada ser e se deixa, em certa medida, ser imitada por aqueles que se dirigem a ela.

2.4. A IMPORTÂNCIA DA LÓGICA

Tendo já mencionado a ciência teórica e a prática, bem como a mecânica, Hugo ainda apresenta uma quarta ciência como parte do conhecimento filosófico; a ciência lógica⁴⁵.

⁴¹ “*A Natureza é a própria diferença que enforma cada coisa*” Boethius, *Contra Eutychen* 1. Referência citada em *Did.*, I, 10 (p 7).

⁴² “*A Natureza é todos os pesos pender para a terra, as coisas leves tender para o alto, o fogo queimar, a água umedecer*” CÍCERO, *Rhetorici libri duo qui vocantur de inventione* 1,24,34.

⁴³ “*A Natureza é o fogo artífice, propenso, por certa força, a produzir as coisas sensíveis*” Cícero, *De natura deorum* 2,22. Referência citada em *Did.*, I, 10 (p. 74).

⁴⁴ *Virgilio, Georgica* 4,382. Referência citada em *Did.*, I, 10 (p. 74).

⁴⁵ A etimologia da palavra lógica (de λόγος, que significa “palavra”, “proposição”, “oração”, mas também “pensamento”) é tão equívoca quanto a noção que encerra. Aristóteles define, sem dar nome, a disciplina, que prepara para investigar, como ciência da demonstração e do saber demonstrativo (*An. Pr.*, I, 24 a 10 ss.). Na idade média, a partir do século XII, a exposição, o estudo e o comentário da *Isagoge* de Portírio, seguida pelos livros do *Organon* (na ordem que se tornou tradicional: *Categorias, De Interpretatione, Primeiros Analíticos, Segundos Analíticos, Tópicos, Refutação dos Sofistas*), frequentemente com os comentários e as traduções ou reduções de Boécio, constituem uma *ars*, ou seja, uma das sete artes liberais conhecida indiferentemente como

Segundo ele, para que as pessoas possam discutir apropriadamente, é necessário que estas tenham o conhecimento de como falar de maneira correta e verdadeira. Como a natureza das palavras e a natureza das intelectões (*intellectuum*), que são as bases pelas quais um tratado de filosofia pode ser explicado de maneira clara e racional, devem fazer parte da ciência lógica, Hugo sustenta que é salutar que a lógica seja estudada pelos alunos iniciantes no curso de filosofia, antes de qualquer outra ciência. Hugo salienta que a lógica racional ou argumentativa abrange a retórica e a dialética, assim como a lógica do discurso se relaciona com a gramática, a dialética, a retórica e ainda a argumentativa. Essa lógica, denominada *lógica do discurso*, Hugo designará como a quarta ciência que compõe o saber filosófico ⁴⁶. Com a lógica do discurso, são estabelecidas, a partir de então, as leis dos discursos e da escrita de forma organizada numa arte específica. Todas as ciências e artes tratadas por Hugo de São Vítor já existiam antes, todavia o Vitorino, em sua reformulação do ensino filosófico da época, coloca-as não mais como simples artes, mas como disciplinas a serem estudadas minuciosamente pelos alunos da abadia de São Vítor:

“Todas as ciências existiam no uso antes de existirem como disciplinas. Mas os homens considerando que, o uso cotidiano pode ser transformado em arte, e considerando, igualmente, que podia ser amarrado em certas regras e princípios aquilo que antes fora vago e arbitrário, começaram como dissemos, a organizar em arte o costume nascido um pouco por acaso e um pouco por necessidade, corrigindo aquilo que era usado mal, aumentando aquilo que era pouco,

Dialética ou Lógica. No século XIII, seria introduzida uma diferença entre *ars vetus* e *ars nova*, mas não teria muita relevância tratando-se de uma distinção meramente histórica de didática entre os livros de Porfírio e de Aristóteles conhecidos anteriormente e os que só foram traduzidos depois.

⁴⁶ Quais seriam propriamente os objetos de que a lógica se ocupa? Entidades reais, pensamentos ou formas do discurso? Esse problema se apresenta já na Antiguidade tardia. Os universais (categoria, gênero, espécie), que parecem constituir propriamente os elementos nos quais se resolve o discurso lógico, são substâncias reais ou não? na Isagoge, Porfírio formula o problema, Boécio tenta uma solução que, de qualquer forma, se mostraria insatisfatória. Disso resulta a disputa medieval entre *realistas* como Bernardo de Chartres e Guilherme de Champeaux, que afirmam a existência real dos universais e para os quais a lógica é uma espécie de ontologia e os *nominalistas* como Abelardo e Guilherme de Ockham que negam a subsistência ontológica dos universais. Para um melhor esclarecimento sobre esses filósofos medievais e seus estudos sobre os universais, cf. o capítulo V de “A Filosofia na Idade Média”; (A filosofia no século XII), de Etienne Gilson.

*suprimindo aquilo que era supérfluo, e, quanto ao resto, dando a cada caso regras certas e preceitos”*⁴⁷.

Tendo Hugo de São Vítor mostrado como o ensino filosófico abarca todo o saber humano, inclusive o trabalho manual⁴⁸, passa então a discorrer sobre as quatro ciências e suas respectivas artes, objetivando tornar claro ao estudante qual o conteúdo desse aprendizado.

2.5. AS CIÊNCIAS E AS ARTES

Após tratar das bases do ensino filosófico, Hugo de São Vítor, estabelece ao final que, para que a filosofia considere todo o conhecimento humano - de ordem científica - são necessárias quatro ciências com suas respectivas subdivisões⁴⁹. Assim, a constituição das coisas, o comportamento humano, os produtos resultantes do trabalho humano e a maneira correta de tratar tudo isso, estão compreendidos, como já mencionado, na ciência teórica, que se ocupa com a investigação da verdade das coisas, na ciência prática que estuda a disciplina dos hábitos e costumes, na ciência mecânica que trata do trabalho humano e, portanto, dispõe de maneira ordenada as ações pertinentes à vida humana concernente ao trabalho e, finalmente, na ciência lógica, que se propõe orientar o homem para raciocinar de tal modo que lhe permita, não só falar, mas também disputar⁵⁰ de forma correta.

⁴⁷ Did., I, 11 (p. 79).

⁴⁸ Trabalho humano que será tratado na ciência denominada “*mecânica*”.

⁴⁹ As subdivisões ou artes de cada ciência serão examinadas detidamente nesse capítulo que trata justamente das ciências e suas respectivas artes, dispostas no sistema filosófico de Hugo de São Vítor. Ver quadro das ciências e suas respectivas artes na página 78).

⁵⁰ No século XIII, mas isto vale também em certa medida para o XII, “*Os principais deveres de um mestre eram lecionar, pregar e disputar. A realização de disputas acadêmicas muitas vezes no ano, e até mesmo semanalmente, era parte integral do curriculum acadêmico; menos freqüente, mas não menos importante, do que lecionar em cursos. Os registros dessas disputas, sob a forma de Quaestiones disputatae, constituem uma parte valiosa da produção de muitos filósofos e teólogos medievais. Uma disputa formal, no século XIII, dividia-se em duas partes, ocupando dois dias separados. A data e o tema da disputa eram anunciados com antecedência pelo professor, todos os bacharéis da faculdade eram convocados, e outros mestres e estudantes*

Portanto, com vistas ao exercício da filosofia, ou seja, o de encerrar todo saber racional das coisas, Hugo ordena, em quatro ciências, diversas artes, que, a partir do momento em que seus alunos exercerem domínio sobre elas de maneira racional, entenderão todas as coisas que o saber humano compreende.

2.6. A CIÊNCIA TEÓRICA

No sistema de aprendizagem elaborado por nosso mestre para seus alunos, a filosofia se divide em quatro grandes ciências. Cada um desses tipos de ciências contém, por sua vez, diversas artes. Desde a tríade teórica (teologia, matemática e física) até as artes do trívio (gramática, dialética e retórica) incluídas na lógica. No meio se encontra o quadrívio (aritmética, geometria, astronomia e música) identificado com a matemática, a tríade prática (ética, econômica e política) e as sete artes mecânicas (lanifício, armadura, navegação, agricultura, caça, medicina e teatro). Embora Hugo desmembre as sete artes liberais, identificando o quadrívio à matemática, uma parte da filosofia teórica, e incluindo o trívio na lógica, continua a lhes atribuir um papel relevante ⁵¹.

Não obstante, após ter apresentado a base do ensino filosófico, reunindo as quatro ciências e suas respectivas artes, o próximo empreendimento de Hugo de São Vítor será uma apresentação mais pormenorizada dessas ciências e artes. Assim, no livro II do *Didascalicon de studio legendi*, Hugo inicia a instrução de seus alunos sobre a teologia, a mais elevada das divisões da ciência teórica.

2.6.1. TEOLOGIA – O DISCURSO SOBRE DEUS

Hugo de São Vítor considera que o *intelectível* é o que permanece sempre uno e idêntico, por si, na própria divindade, não sendo jamais alcançado por nenhum dos sentidos, mas alcançado somente pela mente ou pelo intelecto. Tal assunto que corresponde à discussão ou

também eram convidados". Os mestres em teologia deveriam, além de lecionar e disputar, pregar. Ver a respeito, KENNY, Anthony e PINBORG, Jan. *Literatura Filosófica Medieval*, pág. 5.

⁵¹ Did., I, 5 (p. 61).

especulação sobre Deus, e o espírito e sua incorporeidade pela filosofia ⁵², “*Graeci theologiam nominant.*” ⁵³, Teologia, é um discurso sobre Deus e, como nota Isidoro, faz-se teologia “*quando aut ineffabilem naturam Dei aut spirituales creaturas ex aliqua parte profundissima qualitate disserimus*” ⁵⁴. Além disso, Hugo salienta que a teologia é um estudo ordenado dos ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras, que consistem essencialmente na obra da restauração humana realizada pelo Cristo. O estudo da teologia presume a humildade, sem a qual, segundo Hugo, nenhum aprendizado correto e verdadeiro é possível. Quando seguido de uma vida virtuosa, se realizado sobre as obras daqueles cujas vidas foram marcadas por uma santidade eminente e em cujos escritos nota-se, dentre os dons do Espírito Santo, uma clara influência do dom de entendimento, é um instrumento para uma compreensão mais profunda do Evangelho e para o crescimento das virtudes da fé, da esperança e da caridade, através da qual a graça opera a santificação dos homens ⁵⁵.

Conquanto as últimas profundezas da essência de Deus permaneça oculta ao homem, não sucede, segundo o mestre, o mesmo com sua existência: “*Deus enim sic ab initio notitiam sui ab homine temperavit, ut sicut numquam quid esset totum poterat comprehendere, sic quia esset*

⁵² Did., II, 2 (p. 85).

⁵³ “*E os gregos – diz Boécio – denominam isso teologia*” Boethius, In Isag. pr. 1,3 Referência citada em Did., II, 2 (p.86). Aristóteles chamou sua “ciência primeira”, denominada posteriormente a metafísica, de Teologia: entendeu-a ao mesmo tempo como ciência do ente enquanto ente, ou seja, da substância, e, como ciência da substância eterna, imóvel e separada, ou seja, Deus. (Aristóteles, Metafísica, VI, 1, 106 a 10). Os neoplatônicos frequentemente chamavam os filósofos de teólogos porquanto eles se ocupavam, como enfatiza Prócuro, com os “princípios primeiríssimos das coisas subsistentes por si mesmas” (Plat., theologia, I, 3.). Essa definição perdurou na filosofia cristã e, nem na patrística, nem na primeira fase da escolástica encontrava-se uma delimitação exata entre teologia filosófica e teologia das Escrituras cristãs. No século XIII, Santo Tomás, aceitou a identidade entre teologia e metafísica, como se observa no prólogo ao seu comentário à Metafísica de Aristóteles, no qual Santo Tomás diz que, como a metafísica considera como seu ponto mais alto as substâncias separadas ou divinas, o ente como tal e seu tema específico de estudo, as causas ou os princípios primeiros, sendo assim, “*chamada de ciência divina ou teologia, quando considera as substâncias separadas, chamada de metafísica, quando considera o ente e chamada de filosofia primeira, quando considera as causas primeiras das coisas*” ARISTÓTELES. Metafísica Livro A (Primeiro). São Paulo: Loyola, 2005, Trad. Marcelo Perine.

⁵⁴ “*quando pomos em discussão, com aplicação profundissima, algum aspecto da inefável natureza de Deus ou das criaturas espirituais*” Isidoro, Etymologiae 2,24,13; Cassiodoro, Institutiones 2,3,6. Referência citada em Did., II, 2 (p.86).

⁵⁵ Ver “*Os mistérios da fé Cristã*” de Hugo de São Vitor.

numquam prorsus posset ignorari”⁵⁶. Desta maneira, se Deus se manifestasse plenamente ao homem, não haveria mérito da fé, nem lugar para a descrença; de outra forma, se fosse inteiramente oculto, a fé não mais constituiria um auxílio para o conhecimento, e a ignorância desculpava a descrença.

O Mestre assevera que o que sabemos sobre Deus tem o efeito de nos fortalecer e nutrir o coração e o que ignoramos serve de estímulo ao conhecimento; portanto, dispomos de duas vias (*modi, viae, manifestationes*) conducentes ao conhecimento de Deus; a primeira, parte da razão humana, a segunda, da revelação divina. Por sua vez, a razão pode partir, ou da contemplação do seu próprio mundo interior, ou da observação do mundo exterior.

2.6.2. MATEMÁTICA – A CIÊNCIA DOS NÚMEROS

A matemática, segundo Isidoro e Cassiodoro, “*est quae abstractam considerat quantitatem. Abstracta enim quantitas dicitur, quam intellectu a matéria separantes, vel ab aliis accidentibus, ut est, par, impar, et huiuscemodi, in sola ratiocinatione tractamus*”⁵⁷. Já Boécio enfatiza: “*quae primam partem, intellectibilem, cogitatione atque intelligentia comprehendit, quae sunt omnium caelestium operum supernae divinitatis, et quidquid sub lunari globo beatiore animo atque puriore substantia valet, et postremo humanarum animarum, quae omnia cum prioris illius intellectibilis substantiae fuissent, corporum tactu ab intellectibilibus ad intelligibilia degenerarunt, ut non magis ipsa intelligantur, quam intelligant, et intelligentiae puritate tunc beatiora sint, quoties sese, intellectibilibus applicarint*”⁵⁸. Com estas citações, Hugo de São Vítor indica que a matemática trata do

⁵⁶ De Sacramentis Fidei Christianae . I,3,1; 217 A.

⁵⁷ É a “...que se ocupa da quantidade abstrata. Chamamos de abstrata aquela quantidade que tratamos somente nos raciocínios, separando-a pelo intelecto da matéria ou dos outros acidentes, como é o par, o impar e o que é deste tipo” Cassiodoro, Institutiones 2,2,3,6; Isidoro, Etymologias 2,24,13.

⁵⁸ “todas as obras celestes da suprema divindade como também tudo aquilo que sob o globo lunar é dotado do espírito mais feliz e da substância mais pura, enfim as almas humanas. Tudo isso, tendo já estado com aquela substância intelectual primordial, pelo contato com os corpos degeneraram de intelectíveis para inteligíveis, de modo que, agora, mais que ser conhecido, conhece, e, em virtude da pureza da inteligência, se torna tanto mais

inteligível, e é também denominada “*ciência doutrinal*”⁵⁹, assim, sendo tratada somente no raciocínio, se ocupa com a quantidade abstrata, que é separada pelo “*intelecto da matéria ou dos outros acidentes*”⁶⁰. Ele manifesta ainda, no capítulo três do livro II do *Didascálicon*, que uma coisa pode ser - sob diferentes aspectos - inteligível e intelectível, ou seja, intelectível, por não poder ser compreendida pelos sentidos, e inteligível enquanto pode ser compreendida pelos sentidos ou, que essa coisa se assemelha às coisas sensíveis, mesmo não sendo sensível.

Assim, mantendo seu estilo de sempre, constrói-se uma *ligação* entre um conhecimento e outro, indicando ainda que, a alma humana possui duas dimensões: uma intelectível, simples e pura, que se assemelha aos corpos celestes e, outra inteligível ligada ao corpo humano e, que, por conseguinte, faz uso dos sentidos para poder trazer a si as semelhanças das coisas pela imaginação. Uma produzindo teologia e outra fazendo matemática.

Ora, no grupo de ciências e artes que compõe o conhecimento filosófico apresentado por Hugo de São Vítor, as subdivisões da matemática, são exatamente as artes pertencentes ao quadrívio, ou seja, as artes em número de quatro: aritmética, geometria, astronomia e música. Destarte, a porção intelectível da alma está relacionada com a teologia; já a sua porção inteligível se relaciona com a matemática, que por sua vez possui quatro artes.

Mas, por que Hugo de São Vítor coloca as artes do quadrívio como subdivisão da parte inteligível da alma? Qual a ligação da matemática com a aritmética, a astronomia, a geometria e a música? Para encaminhar tais questões, no capítulo quarto do livro II do *Didascálicon*, discorre-se sobre o número quatro da alma para em seguida falar a respeito do quaternário do corpo.

Asseverando que o próprio número instrui a respeito da essência, que permite a progressão da alma do inteligível para o intelectível e regressão, em sentido inverso, ele

feliz quanto mais se aplicar às coisas intelectíveis” Boethius, In Isag. pr. 1,3. Referência citada em Did., II, 3 (p. 86).

⁵⁹ Did, II, 3 (p. 87). Máthesis – em grego designa tanto a matemática como também qualquer conhecimento suscetível de ser aprendido, isto é, uma disciplina correspondendo esta, da parte daquele que ensina a “doutrina”. Como a matemática é o tipo do conhecimento que pode ser ensinado e aprendido, foi designada “ciência disciplinar” ou “ciência doutrinal”.

⁶⁰ Did., II, 3 (p. 87).

apresenta a primeira progressão da alma partindo de sua essência simples (o número 1), desdobrando-se esta para uma tríade. Assim, ele ilustra notadamente que, na primeira progressão onde três vezes um é três, na segunda onde três vezes três é nove, na terceira, onde três vezes nove é vinte e sete e finalmente na quarta, onde três vezes vinte e sete perfaz oitenta e um (81), o número oitenta terminando em um (1) revela um retorno à essência simples da alma. Tal progressão se prolongada para os próximos quatro níveis igualmente retornaria a essa essência (teria como resultado nas próximas quatro operações as seguintes cifras: 243, 729, 2187 e 6561, igualmente, as quatro próximas operações teriam os seguintes resultados: 19683, 59049, 177147 e 531441) e assim por diante.

Pela ciência dos números, cada retorno da alma à sua essência acontece sempre na quarta progressão; desta forma, Hugo observa que a primeira progressão acontece quando a essência simples se desdobra numa tríade ⁶¹, na segunda progressão “*a alma desce para reger a música do corpo humano, representada pelo número nove*” ⁶², na terceira, a alma estende-se em infinitas ações para outras coisas visíveis. Finalmente, em sua quarta progressão, a alma, desprendida do corpo, faz o retorno à sua simplicidade pura. Para melhor compreensão dessa movimentação da alma, Hugo de São Vítor, apoiando-se no Salmista que diz: “*Si, inquit, in valetudine octoginta anni, et amplius eorum labor et dolor*” ⁶³ procura mostrar esse retorno da alma à sua simplicidade, dizendo que, terminado o curso desta vida, representada pelas quatro progressões, cujo final é evidenciado pelo número oitenta e um, no qual oitenta é efetivamente o encerramento do curso da vida e o número um, o retorno à unidade.

⁶¹ A simplicidade da unidade se desdobra primeiramente pelo desejo (concupiscentia), seguida pela repulsa (*ira*) e ambas são discernidas pela *razão (ratio)*.

⁶² Did., II, 4 (p. 91). Aqui, Hugo de São Vítor enfatiza os componentes da música agindo no corpo humano. O processo natural de entrada e saída daquilo de que o corpo se alimenta e sustenta – através dos nove orifícios existentes nesse mesmo corpo – acontece justamente de forma melodiosa, harmoniosa e rítmica, pois, melodia, harmonia e ritmo são as partes que compõem a música, seja ela a música dos instrumentos, seja a música do corpo humano, seja a música da natureza ou a música do universo.

⁶³ “*Se, ele diz, chega-se em boa saúde aos oitenta anos, mais do que isto é sofrimento e dor*” Sl 90,10. Na tradução espanhola “*La Biblia Latinoamérica*” 116.^a edición, Editoras San Pablo e Editorial Verbo Divino, esse trecho do Salmo 90, versículo 10 é traduzido da seguinte maneira: “*A duração de nossa vida é de setenta anos, e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, o melhor deles é cansado e enfado, pois passa rapidamente, e nós voamos*”, dando a impressão de que mesmo que se chegue aos oitenta anos com robustez, os anos subsequentes aos setenta já são de cansaço e enfado.

Já o número quatro do corpo, ou quaternário do corpo tem como atribuição o número dois. O processo ocorre exatamente como no quaternário da alma, pois no corpo, após a quarta progressão, este retorna à sua díade ⁶⁴ (o dois): duas vezes dois são quatro (primeira progressão), duas vezes quatro, oito (segunda progressão), duas vezes oito, dezesseis (terceira progressão), duas vezes dezesseis, trinta e dois (quarta progressão); o quarto passo retorna igualmente ao número dois. Se continuarmos com mais quatro progressões, o processo se repete: duas vezes trinta e dois são sessenta e quatro (quinta progressão), duas vezes sessenta e quatro, cento e vinte e oito (sexta progressão), duas vezes cento e vinte e oito, duzentos e cinquenta e seis (sétima progressão) e duas vezes duzentos e cinquenta e seis, quinhentos e doze (oitava progressão), a oitava progressão retorna igualmente ao número dois, como nas primeiras quatro progressões e assim por diante.

Hugo de São Vítor usa esse processo de progressão e retorno para mostrar notadamente como as almas degeneram das coisas intelectíveis para as coisas inteligíveis, ou da inteligência para imaginação. Para ele, “*a inteligência é o conhecimento puro e certo somente dos princípios das coisas, isto é, de Deus e das idéias, da matéria primordial e das substâncias incorpóreas e a imaginação é a memória dos sentidos advinda das imagens dos corpos impressas na mente, e não possui nenhum princípio certo de conhecimento*” ⁶⁵. Já a sensação é a impressão, e não a imaginação, recebida pela alma no corpo, oriunda dos atributos das coisas externas.

Mostra, assim, Hugo de São Vítor, através do quaternário da alma e do quaternário do corpo, que a quantidade abstrata rege a progressão e o retorno da alma ao uno e do corpo à díade; este estudo pertence à matemática. Com vistas em tal afirmação, emprenha-se então em mostrar, a seus alunos as subdivisões da matemática. Na multiplicidade algumas dessas quantidades são tais por si mesmas, como, por exemplo, os números (estudados pela aritmética); outras quantidades abstratas dizem respeito a alguma coisa como duplo, uma vez e meia, metade e outras (estudadas pela música); outras quantidades são móveis como as esferas do universo (da qual se ocupa a astronomia) e, finalmente, outras são imóveis como a

⁶⁴ Do grego δυάς e do latim Dualitas. Segundo os pitagóricos, é “*o princípio da diversidade e da desigualdade de tudo o que é divisível e mutável e ora está de um modo, ora de outro*” (Porfírio, Vita Pith., 52). Contrapõe-se à mônada, que é o princípio da unidade, do ser idêntico e igual. Nesse sentido, Aristóteles diz que “*o número é derivado da mônada e da díade indefinida*” (Metafísica, XIII, 7, 1081 a 14).

⁶⁵ Did., II, 5 (p. 95).

terra (estudadas pela geometria). Desta forma, o Vitorino atribui, como subdivisão da matemática, às artes pertencentes ao quadrívio diversos tipos de quantidade, ou de pluralidade. Mais à frente veremos que as artes do trívio serão atribuídas à ciência lógica e sua distinção será estabelecida de modo semelhante.

Santo Agostinho, diz: *“Quanto à ciência dos números, é evidente – até para todos os espíritos, inclusive os mais lentos – que ela não foi inventada pelos homens, mas apenas procurada e descoberta por eles. Não está no poder de ninguém, a seu bel prazer, fazer que três vezes três não sejam nove; que nove não possa formar um quadrado; que esse número contenha uma vez e meia seis; que não possa ser o duplo de um número inteiro, já que os números ímpares não se dividem em dois. Seja, pois, que se considerem as leis numéricas em si próprias, seja que se utilizem como leis da geometria ou da música ou de outros movimentos, elas sempre têm regras imutáveis, que não foram de modo algum inventadas pelos homens, mas sim descobertas pela sagacidade de espíritos engenhosos”*⁶⁶. Geometria, astronomia, aritmética e música, por sua vez, também têm regras imutáveis, que, não foram inventadas por ninguém, mas sim, como diz Agostinho, *“descobertas pela sagacidade de espíritos engenhosos”*, por isso, na divisão do conhecimento filosófico apresentada por Hugo, elas estão como subdivisões da matemática.

Segundo Hugo, a matemática, através da razão, se compromete em tornar distintos e de fácil entendimento os dados que se apresentam de maneira confusa. Para que tal definição seja elucidada, cita o exemplo da linha dizendo que no que é material não seria possível encontrarmos a linha *“sem a superfície e asolidez”*⁶⁷, isso, porque é necessário que todo corpo seja tridimensional⁶⁸. Já a linha analisada pela razão, se encontra em si, sem superfície e peso e de maneira pura, tornando-se, portanto, algo que cabe à matemática, pois, como ele elucida; *“é próprio da razão considerar frequentemente o ser das coisas não como estas são, mas como podem ser, não em si, mas de acordo com a razão, isto é, como a razão consente que sejam”*⁶⁹. Com esse raciocínio, observa-se que a linha contínua é dividida em infinitas partes; portanto, devido à força vital da razão, ela se torna capaz de efetuar divisões de

⁶⁶ A doutrina Cristã, Livro II, cap. 39, (p. 141).

⁶⁷ Did., II, 17 (p. 105).

⁶⁸ Hugo de São Vítor denomina as três dimensões dos corpos físicos de longo (cumprimento), largo (largura) e alto (altura).

⁶⁹ Did., II, 17 (p. 107).

qualquer coisa extensa em outras coisas extensas, qualquer coisa ampla em coisas amplas, e que nenhuma coisa, que não é dividida, deixe de gerar uma divisão para a própria razão. Portanto, a matemática se ocupa do conceito das coisas em termos de constituição integral, ao contrário da lógica, como veremos mais adiante, que trata desses conceitos, mas em termos de organização categorial. Devido a essa razão, assevera Hugo que a lógica às vezes faz uso da inteligência pura, ao passo que a matemática não toma nenhuma ação sem imaginação; devido a tal fato, não possui nenhum objeto verdadeiramente simples: “*Sendo que a lógica e a matemática são anteriores à física na ordem da aprendizagem e funcionam para ela num certo modo como instrumentos, sobre os quais qualquer pessoa deve ser informada antes de aceder à pesquisa da física; foi necessário que a lógica e a matemática se dedicassem não à dinâmica das coisas, onde a experiência é enganadora, mas unicamente à razão, onde fica a verdade indiscussa, para depois, sob a condução da razão descerem para a experiência das coisas*” escreveu Hugo de São Vítor ⁶⁹.

Portanto, a matemática é a doutrina científica que se ocupa da quantidade abstrata, ou seja, da quantidade tratada somente pelo nosso raciocínio ou pelo uso de nossa razão.

“Próprio da matemática é tornar distintos pela razão os dados confusos. Por exemplo, na coisa real não se encontra a linha sem a superfície e a solidez. Nenhum corpo é, assim, somente longo, como se não tivesse largura e altura, pois em cada corpo estas três qualidades são simultâneas. A razão analisa a linha de maneira pura, em si, sem a superfície e o peso. E isso é algo matemático, não porque na coisa é assim ou pudesse ser assim, porque é próprio da razão considerar frequentemente o ser das coisas não como estas são, mas como podem ser, não em si, mas de acordo com a razão, isto é, como a razão consente que sejam. Nesse sentido foi dito que a quantidade contínua é dividida em infinitas partes e que uma quantidade dividida cresce ao infinito. É tal a vitalidade da razão, que ela divide qualquer coisa longa em outras coisas longas, algo longo em coisas largas, e assim em

*diante e que nada indiviso, deixe de engendrar uma divisão para a própria razão”*⁷⁰.

Boécio qualifica a matemática de ciência inteligível, contudo não descarta a sua presença na primeira parte da teórica: o intelectível: *“e ela, enquanto obra do pensamento e da inteligência, é misturada com a primeira parte, o intelectível, uma vez que pertencem ao intelectível todas as obras celestes da suprema divindade como também tudo aquilo que sob o globo lunar é dotado do espírito mais feliz e da substância mais pura, enfim as almas humanas. Todas estas almas, tendo já feito parte daquela substância intelectível primordial, pelo contato com os corpos, degeneraram de intelectíveis para inteligíveis, de modo que elas, agora, mais que serem conhecidas, conhecem, e, em virtude da pureza da inteligência, se tornam tanto mais felizes quanto mais se aplicarem às coisas intelectíveis”*⁷¹

Sob aspectos diferentes uma mesma coisa pode ser ao mesmo tempo intelectível e inteligível, ou seja, ter natureza incorpórea e ser semelhante às coisas sensíveis, um se direcionando para as coisas divinas e outro para as coisas corpóreas. O homem possui esta dupla constituição, e toda vez que traz para dentro de si as formas visíveis através de seus sentidos, seu intelectível é degenerado, porém, quando consegue se abster dessas sensações e voltar-se para pura inteligência, alcança a substância intelectível.

Trata-se de um processo de ida e volta a Deus, o homem saiu de seu estado intelectível, misturou-se com os corpos terrenos e tornou-se inteligível, porém, não perdeu sua dupla constituição (intelectível e inteligível) e isso possibilita que se movimente de um estado para outro até que possa finalmente retornar à simplicidade e pureza original.

Mas, ainda não convém deixar o âmbito da matemática, pois Hugo estabelece uma equivalência desta ciência com o quadrívio. Como observamos, o quadrívio, que se compõe da aritmética, música, geometria e astronomia, na nova divisão da filosofia apresentada por Hugo, deixam de pertencer às sete artes liberais da Idade Média e se torna subdivisão da matemática. De fato, se a matemática é uma das subdivisões da ciência teórica (que tem a função de investigar a verdade das coisas), e já foi mostrado que aquela investiga as verdades ocupando-se da quantidade abstrata, conseqüentemente, suas subdivisões também terão esse objetivo.

⁷⁰ Did., II, 17 (p. 107).

⁷¹ Boécio, In Isag. pr. 1,3. Referência citada em Did., II, 3 (p. 86).

Uma vez indicada quais artes pertencem à matemática, Hugo leva à compreensão de seus alunos, de modo claro e inteligível, o significado e importância de cada uma delas.

2.6.2.1. A ARITMÉTICA – TEORIA MATEMÁTICA DOS NÚMEROS

Quanto à aritmética, diz o filósofo: “*Arithmetica materiam habet parem et imparem numerum. Par numerus alius est pariter par, alius pariter impar, alius impariter par. Impar quoque numerus tres habet species. Prima est primus et incompositus, secunda secundus et compositus, tertia per se secundus et compositus, ad alios comparatus primus et incompositus*”⁷². A aritmética é também conhecida como teoria matemática dos números naturais, isto é, dos números inteiros positivos. Entendem-se comumente por leis da aritmética as seguintes proposições ou regras: $a + b = b + a$, lei comutativa da adição, $ab = ba$, lei comutativa da multiplicação, $a + (b + c) = (a + b) + c$, lei associativa da adição, $a(bc) = (ab)c$, lei associativa da multiplicação e finalmente, $a(b + c) = ab + ac$, lei distributiva. Já Hugo enfatiza que o número par-par pode ser dividido diversas vezes em duas partes iguais até atingir o número 1, o número par-impar, é dividido uma única vez em duas partes iguais, antes de tornar-se um número impar e indivisível. O número impar-par, é aquele que pode ser dividido diversas vezes em duas partes até que seja indivisível. Já em relação aos números impares, aqueles considerados não-compostos são aqueles que podem ser divididos unicamente por 1 ou por si mesmo⁷³. O ímpar composto pode ser dividido por outros números além do número 1. Mesmo existindo pouco material disponível para o ensino da aritmética, essa disciplina, ou arte tinha importância no currículo das escolas medievais. Era

⁷² “A palavra grega *ἀρετή*, em latim significa virtude, força, e o termo *ἀριθμός* significa número. Daí aritmética querer dizer força do número. A força do número consiste no fato de que todas as coisas foram formadas à sua semelhança” Did, II, 7 (p. 97) e “A matéria da aritmética é o número par e impar. O número par pode ser par-par, par-impar ou impar-par. Também o número impar tem três espécies. A primeira espécie é o número primeiro (primo) e não composto, a segunda é o número segundo e composto, a terceira é o número segundo e composto em si mesmo, mas primeiro e não composto quando é relacionado com os outros” Did., II, 11 (p. 99).

⁷³ Para melhor entendimento dessa elucidação de Hugo, ver ISIDORO. *Etimologias*, III e V).

considerada um pré-requisito para que os alunos assimilassem a música, que conforme a tradição de Pitágoras, era identificada como uma aplicação da teoria dos números: “*Pitágoras observou que quando os comprimentos de cordas vibrantes podem ser expressos como razões de números inteiros simples, como dois para três (para a quinta) ou três para quatro (para quarta), os tons serão harmoniosos*”⁷⁴. Um fato que contribuiu para que a aritmética tomasse um lugar de destaque no currículo escolar foi que, esperando que seus membros obtivessem competência para defender a teologia e contestar argumentos em contrário, a Igreja via a aritmética como uma boa preparação para os intrincados raciocínios teológicos, além de ser fundamental para estabelecer as datas das festas religiosas devido às suas aplicações no calendário⁷⁵.

É preciso também lembrar que Boécio; entusiasmado pela obra de Nicômaco⁷⁶ e pela aritmética dos pitagóricos, se propõe transmitir esse conhecimentos ao mundo latino, redigindo uma *Institutio Arithmetica* que foi considerada uma exposição metódica, isto é, um manual escolar e pôde ser considerada também uma obra de referência para os professores. Na introdução desta obra, Boécio faz algumas considerações sobre seu próprio trabalho: “*Com efeito, quando Nicômaco, na sua exposição do número faz desenvolvimentos muito longos, eu os abreviei e levei a uma medida justa e, quando ele passa muito rapidamente, oferecendo passagens de abordagem difícil, eu fiz adições mesuradas para torná-las acessíveis, havendo recorrido, às vezes, para clarificar as coisas, a tabelas e figuras de minha autoria*”⁷⁷.

2.6.2.2. A MÚSICA – MELODIA, HARMONIA E RITMO

⁷⁴ Boyer, C. B. *História da matemática*. São Paulo: Edgar Blucher, 1996. p.38.

⁷⁵ Ver *Trívium e Quadrívium, As artes liberais na idade média – Contar, calcular, compreender: a aritmética na idade média – O papel da aritmética na Europa medieval*. Cotia: Íbis, 1999, (p. 172).

⁷⁶ Nicômaco de Gerasa, neopitagórico que viveu em torno do ano 100 a.C. e recolheu e sistematizou os conhecimentos da escola pitagórica a respeito da aritmética.

⁷⁷ Boécio. Op. cit. p. 3. Referência citada em *Trívium e Quadrívium, As artes liberais na idade média*, Cotia: Íbis, 1999, (p. 190).

Quanto à música, Hugo diz: “A música tomou o nome da água porque nenhuma eufonia, isto é sonoridade elegante, pode acontecer sem umidade”⁷⁸. A música⁷⁹ possui duas definições filosóficas, sendo a primeira a que a considera como revelação de uma realidade privilegiada e divina ao homem. Tal revelação pode assumir a forma do conhecimento ou do sentimento. A segunda considera a música como um conjunto de técnicas expressivas que concernem à síntese dos sons.

Hugo de São Vítor, quando trata da música, amalgama essas duas definições, pois, sendo a composição técnica da música formada por melodia, harmonia e ritmo, ele estende essas partes ou componentes para além do som dos instrumentos musicais e da voz humana, chegando à constituição física e espiritual do homem, à natureza e ao universo. Assim, para ele, a música divide-se em música do homem (corpo, alma e junção dos dois), música dos instrumentos (percussão, sopro e voz) e música do universo (elementos, planetas e tempo), “A música ou harmonia é a concórdia de muitos dissímiles reduzidos a um”⁸⁰. A doutrina da música como ciência da harmonia, como ordem divina do cosmos, nasceu com os pitagóricos: “Os pitagóricos, que Platão frequentemente segue, dizem que a música é harmonia dos contrários, unificação dos muitos e acordo dos discordantes”⁸¹ (FILOLAU, Fr. 10, Diels).

Para Hugo, a função e os caracteres da harmonia musical são idênticos à função dos caracteres da harmonia cósmica: a música é, portanto, o meio direto para elevar-se ao conhecimento dessa harmonia.

Entre as ciências propedêuticas, Platão punha a música em quarto lugar (depois da aritmética, da geometria plana e sólida e da astronomia) e a considerava a que mais se aproximava da dialética, além do que a abordava como a mais filosófica das ciências. Contudo, para Platão, como ciência autêntica, a música não consiste em procurar com os ouvidos acordes novos nos instrumentos: desse modo as orelhas seriam mais importantes que a inteligência (*República*, VII, 531 a).

⁷⁸ Did., II, 8 (p. 97).

⁷⁹ Do grego, μουσική e do latim, Musica.

⁸⁰ Did., II, 15 (p. 103). Nesse contexto, a palavra dissimile tem o sentido de que é de espécie ou gênero diferente, quer dizer heterogêneo.

⁸¹ (FILOLAU, Fr. 10, Diels) Referência citada em ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Santo Agostinho afirma que “*todo som que constitui a base da música tem, por natureza, três modalidades: ou bem é emitido pela voz, como o emitem os que cantam com a garganta, sem instrumento nenhum; ou bem o som é produzido por sopro, como o das trombetas e flautas; ou bem é feito de uma percussão como das cítaras, tambores e todo outro instrumento que se torna sonoro ao ser percutido*” (*A Doutrina Cristã*. Livro II, cap. 17 no fim). Além disso, Agostinho alerta que, a ignorância de certas noções musicais é um entrave para a compreensão de diversas passagens das Escrituras Sagradas, citando como exemplo, o número relatado pelo Evangelho que mede a duração do templo (*A Doutrina Cristã*. Livro II, cap. 16, 26). Citando Varrão, Agostinho elucida que, se da música podemos tirar proveito para compreensão das Escrituras Sagradas, de forma alguma podemos renunciá-la, desde que tal música não sejam as vãs e frívolas canções teatrais. Explica que, ao se tratar de cítaras e de outros instrumentos musicais, estes levam a obter conhecimentos das coisas espirituais. Hugo de São Vítor, mantendo o pensamento de Agostinho, atenta em apresentar as artes com o mesmo objetivo, ou seja, conhecê-las para um melhor entendimento das Escrituras Sagradas (*Doutrina Cristã*, Livro II, cap. 18).

Em seu tratado *De Musica*, Santo Agostinho desenvolveu detalhadamente a concepção dualista que buscava conciliar o conceito quase místico da música como ciência teórica, partindo do racionalismo das abstrações pitagóricas baseadas no número, com a idéia que Aristóteles tinha de música, ou seja, como imitação das paixões e ao mesmo tempo, objeto do prazer sensível. Essas duas concepções, cuja origem é grega, constituem essa dicotomia que se integra no pensamento cristão e que continua em plena vigência durante a Idade Média.

Outra concepção fundamental da música, que vigorava na Idade Média, era a da identidade entre a música e suas técnicas. Tal identidade foi de maneira muito clara expressa por Aristóteles, ao reconhecer a multiplicidade das técnicas musicais: “*A música não deve ser praticada por um único tipo de benefício que dela pode resultar, mas para usos múltiplos, pois pode servir para educação, para a catarse e, em terceiro lugar, para o repouso, o alívio da alma e a suspensão de todos os afãs. Disso resulta que é preciso fazer uso de todas as harmonias, mas não de todas do mesmo modo, empregando para educação as que têm maior conteúdo moral, e para outras finalidades as que iniciam à ação ou inspiram a comoção*” (*Política VIII, 7, 1341 b 30ss.*). Essas considerações de Aristóteles, que parecem excluir a interpretação filosófica da música, na realidade expressam o conceito de que a música é um

conjunto de técnicas expressivas que têm objetivos ou usos diversos e que podem ser indefinidas e oportunamente variadas.

Os três tipos de música tratados por Hugo de São Vítor (a música do universo, a música do homem e a música dos instrumentos), relacionam-se com o melódico, o harmonioso e o rítmico de todas as coisas que lhes são pertinentes. A música do universo existe na movimentação dos planetas (lugar, movimento e natureza), nos elementos (peso, número e medida) e nos tempos (dias, meses e anos).

A música humana existe no corpo, na alma e em ambos. No corpo, sua melodia, harmonia e ritmo se apresentam na vida humana envolvendo todo o processo evolutivo do ser humano, seja ele, físico, orgânico, intelectual, racional ou produtivo, portanto, as operações humanas em que está presente a ciência mecânica⁸². Tais operações, quando realizadas de forma harmoniosa ou musical, são moderadas, não permitindo que a ganância se alimente daquilo de que a fraqueza deveria sustentar-se. A esse respeito, Lucano em louvor a Catão diz:

“Huic epulae vicisse famem, magnique penates

Submovisse hiemem tecto: pretiosaque vestis

Hirlam membra super, Romani more Quiritis,

*Induxisse togam”*⁸³.

Justiça, piedade e temperança são virtudes pertinentes à música da alma; razão irascível e concupiscível é também pertinente a ela como faculdades ou potências. É necessário que haja certa amizade entre a alma e o corpo, pois, tal aproximação permite determinados afetos para que o corpo se torne sensível, amizade expressa nas palavras de Paulo: *“nemo carnem suam ódio habuit”*⁸⁴. Tal amizade é a música entre o corpo e alma,

⁸² Como veremos mais adiante, a virtude do trabalho humano consiste exatamente na presença dessas três composições da música (melodia, harmonia e ritmo) nas atividades produtivas do homem.

⁸³ *“Para ele era um banquete ter vencido a fome, uma grande habitação ter afugentado o frio sob um teto, uma veste preciosa ter vestido uma toga rúvida sobre os ombros, nos moldes de um Quirite Romano”* Lucanus, *De Bello Civile* 2,384-387. Referência citada em Did., II, 12, (p. 100).

⁸⁴ Em Efésios 5, 29 o apóstolo São Paulo diz: *“Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta como também o Senhor à igreja”*.

estabelecendo-se uma harmonia entre ambos de tal modo que o espírito torna-se muito mais amado que a carne, de forma que o corpo se reforce e não haja destruição da virtude.

A música é conhecida como a arte de exprimir os sentimentos da alma por meio do som, sendo composta de melodia, harmonia e ritmo. Estes três componentes fazem com que a música alcance um perfeito equilíbrio em sua constituição. Por isso Hugo não a restringe apenas ao som de instrumentos musicais nem à voz humana, mas a estende ao corpo do homem e ao universo. Tanto um como outro, para que alcancem a perfeição, necessitam antes, de ritmo, melodia e harmonia. É possível encontrar a música do universo no equilíbrio dos quatro elementos, nos planetas, nas estrelas, nas fases lua e mesmo no passar do tempo com os dias, meses e anos. Tudo é organizado, no movimento do universo e das coisas, não se tratando de um movimento desordenado e aleatório, sem nenhum ritmo, mas de um movimento regido pela mente ordenadora, disciplinada, harmoniosa e perfeita de Deus.

No corpo do homem, a música consiste na atividade vegetativa, (pois isso faz com que ele cresça), nos humores, cujo equilíbrio permite a subsistência dos corpos e nas atividades produtivas. Com estas, Hugo faz menção às artes pertencentes à ciência mecânica, alerta porém que estas devem ser exercidas com moderação não para alimentar a ganância, mas para socorrer as necessidades.

Na alma do homem, a música está presente nas virtudes e nas potências: “*A música da alma, uma consiste nas virtudes, como justiça, piedade e temperança, a outra nas potências, como razão, irascível e concupiscível*”⁸⁵. A alma do homem está dividida em duas partes: a das potências (que pertence ao seu lado animal e está sujeita a todas as paixões do mundo da matéria) e a das virtudes onde está sua manifestação angélica, na qual ele se encontrava antes do advento de sua queda.

De fato, a melodia da música age de acordo com a sintonia em que o homem se encontra em determinado momento: se ele se harmoniza com seu lado animal, a melodia da música se apresenta contrastando com o profundamente terreno e feroz: a razão, a agressividade, o desejo etc. Por outro lado, se o homem se harmoniza com seu lado espiritual, a melodia da música muda e ela passa a ser um bálsamo consolador aflorando nele a justiça, piedade e temperança.

⁸⁵ Did., II, 12 (Pág.101).

Contudo, se, por um lado, a música no homem consiste nas virtudes e nas potências, agindo em cada um de acordo com seu estado, e conseqüentemente, proporcionando melodia, harmonia, ritmo e timbre diferente, quando esta mesma música age entre o corpo e a alma ao mesmo tempo, forma-se uma amizade entre o material e o espiritual, realizando assim, o equilíbrio dos sentimentos humanos. Isso faz com que a carne seja amada, mas muito mais o espírito, o corpo torna-se consistente e a virtude duradoura: “*A música entre o corpo e a alma é aquela amizade natural com a qual a alma se liga ao corpo não com vínculos corporais, mas com determinados afetos, para mover e tornar sensível o próprio corpo, amizade pela qual “ninguém odiou sua carne”*”⁸⁶.

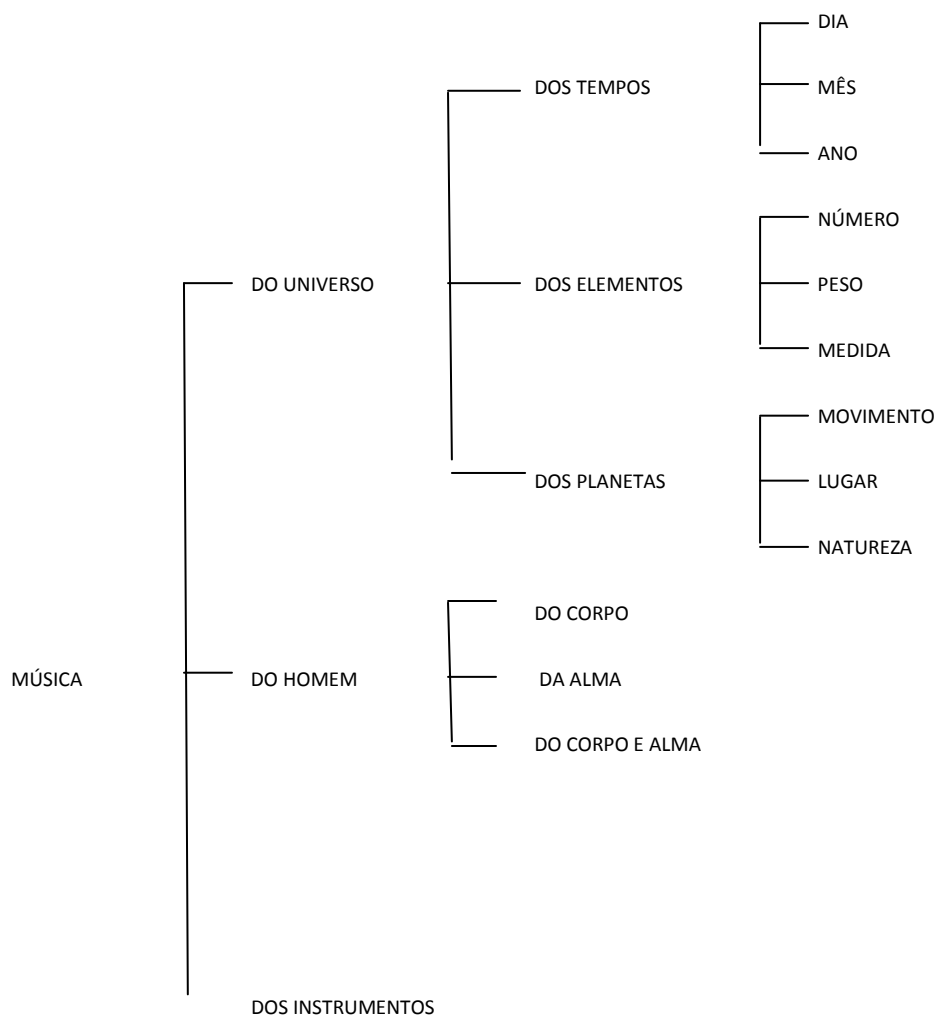
A música toca de acordo com o sincronismo em que se encontra o homem, e esse sincronismo varia de acordo com seu estado de espírito. Através dos números, pode-se visualizar essa variação do estado humano, que ora está voltado para as coisas materiais, ora para seu estado primitivo ou espiritual. Parece que, se os números se encarregam de mostrar qual a condição em que nos encontramos (elevada ou decaída), a música tem o propósito de conscientizar dessa condição por meio da melodia em que ela é tocada, seja em relação ao homem (música do homem), ao som (música dos instrumentos) ou ao universo (música do universo). O propósito tanto da aritmética quanto da música, nada mais é do que uma investigação do que realmente as coisas são; o mesmo pode-se dizer da matemática em seu conjunto e estas artes estão sob a teórica que tem justamente essa função de investigar a verdade das coisas. Por isso Hugo de São Vítor chama de Sapiência somente a teórica.

Quanto à música instrumental, Hugo de São Vítor diz que “... *consiste uma na percussão, como acontece nos tímpanos e cordas, outra no sopro, como nas flautas e órgãos, outra na voz, como nos versos e cantos*”⁸⁷. Assim, em uma representação gráfica simplificada, a música apresentada por Hugo teria a seguinte divisão:

⁸⁶ Ef 5,29. Para verificar a fonte de “ninguém odiou sua própria carne”, ver nota 94.

⁸⁷ Did., II, 12 (p. 101).

DIVISÃO DA MÚSICA SEGUNDO HUGO DE SÃO VÍTOR



Há de se observar que, no século XII e início do século XIII, surgem nas cidades do ocidente centros de estudos que estão próximos do que, alguns anos mais tarde, se chamariam de universidades. Tais centros de estudo eram denominados *studium generale*, constituindo-se eventualmente em centros de transmissão cultural paralelos aos mosteiros, os quais, em épocas difíceis, foram os responsáveis pela transmissão das ideias recebidas da antiguidade. A partir dessa época e nos séculos subseqüentes, encontra-se nos centros universitários o estudo da música em seus aspectos essencialmente teóricos. Tal estudo era semelhante ao apresentado por Hugo, pois, no século XIII, era centrado, principalmente, em sua concepção pitagórica, com alcance matemático e metafísico muito maior que o específico de seus aspectos práticos.

2.6.2.3. A GEOMETRIA: EXPRESSÃO DA REALIDADE METAFÍSICA

Hugo assevera que a “*Geometria mensura terrae interpretatur, eo quod haec disciplina primum ab Aegyptiis reperta sit, quorum terminos cum Nilus inundatione sua limo obduceret et confunderet limites, perticis et funibus terram mensurare coeperunt. Deinde a sapientibus etiam ad spatia maris et caeli et aeris et quorumlibet corporum mensuranda deducta sunt et extensa*”⁸⁸. Em geral, a geometria é a ciência que estuda as possibilidades métricas dos conjuntos. Segundo relato de Proclo foi Pitágoras quem “*deu forma de educação liberal ao estudo da geometria, procurando seus princípios primeiros e investigando seus teoremas do ponto de vista conceitual e teórico*”⁸⁹. Platão se contrapõe ao uso que subordina a geometria às necessidades cotidianas e, portanto, às exigências de construtores, estrategistas e assim por diante. Seu fim teórico é aquele em virtude do qual ela tende a conhecer “*aquilo*

⁸⁸ “Geometria, significa medição da terra, pois essa disciplina foi descoberta inicialmente pelos egípcios, quando, devido ao fato de que o Nilo, com sua inundação, cobria de lama os territórios e assim confundia os confins, começaram a medir a terra com varas e cordas. Mais tarde estes métodos foram aplicados e estendidos por homens de ciência à mensuração dos espaços do mar, do céu, do ar e de qualquer corpo” Did, II, 9 (p. 97).

⁸⁹ *In Euclides*, 65,11, Friedlein, Referência citada em ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, (p. 482).

que sempre é e não aquilo que nasce e perece”⁹⁰. Aristóteles considerou que a geometria utiliza um procedimento abstrativo resultando que “*O matemático constrói sua teoria eliminando todos os caracteres sensíveis, como o peso e a leveza, a dureza e seu contrário, o calor e o frio, bem como os outros contrários sensíveis, e fica apenas com a quantidade e a continuidade, às vezes em uma só dimensão, às vezes em duas, outras em três, bem como com os atributos dessas entidades que sejam quantitativos e contínuos; e não os considera sob nenhum outro aspecto*”⁹¹. Assim como a aritmética era um pré-requisito para música, a geometria, que era considerada a ciência dos comprimentos, áreas e volumes em repouso, resultava um pré-requisito imprescindível para o estudo da astronomia.

No século XII, as importantes traduções de Plato de Tivoli, Gerardo de Cremona (1114-1187) e Adelardo de Bath (1130), trouxeram material geométrico novo para Europa, além de terem suma importância pelas notícias que traziam dos árabes, pois tal geração de tradutores trabalhou também com o grego e o hebraico, estava também empenhada em um movimento mais amplo de diálogo cultural. Através de dois pequenos livros que marcaram época: *Practica geometriae* e *Liber quadratorum*, Leonardo Fibonacci (1170-1250), fornece à geometria a nova configuração que esse processo de amadurecimento exigia e onde já não era suficiente tornar a apresentar o Euclides preservado em Boécio⁹².

Hugo de São Vítor apresenta a geometria dividida em três partes: a primeira dirigida para medição da superfície plana focando o longo e o largo, se estendendo para frente e para trás e para cima e para baixo, sendo, portanto, denominada *planimetria*; a segunda para medir a altura, ou seja, para cima e para baixo, é denominada *altimetria*; e a terceira, para medição do mundo ou cosmo, encarregada de medir os volumes esféricos e particularmente a esfera do mundo, denominada *cosmometria*. Tem ele conhecimento que, por detrás da geometria prática existe a geometria teórica; todavia, em seu trabalho, se empenha em tratar da geometria prática. Para ele, seu desenvolvimento não é independente da ciência árabe; nesse sentido ele supõe o uso do astrolábio, todavia tal ciência não chega ao nível da ciência greco-árabe. Para a altimetria e a planimetria, a fonte de Hugo parece encontrar-se nas diversas geometrias, cujo recolhimento é incorporado na compilação da Geometria por Gerberto (940-1003) para a

⁹⁰ *República*, VII, 527b.

⁹¹ *Metafísica*, XI, 1061 a 29.

⁹² Ver *The impact of Archimedes on medieval science* de Marshall Clagett. Isis, Wisconsin, 1959. (Citado em *Trívium e Quadrívium – As Artes Liberais na Idade Média* - p. 243)

cosmometria. Embora a ciência de Hugo em qualquer de suas obras permaneça uma ciência livresca e mesmo, como já observado, que ele trate a geometria como geometria prática, Hugo confessa que ele mesmo não executa as experiências que indica ⁹³.

Compreendendo tudo que é extenso, a geometria apresentada no *Didascálicon* pode ser expressa nas palavras de José Manoel Rio: “a geometria, expressa à sua maneira, simbolizando-as, as relações dos seres entre si e com seu princípio, plasmando então em seus modelos simbólicos uma economia espiritual que em sua origem constitui a possibilidade mesma do cosmos” ⁹⁴. A geometria era reconhecida como a forma mais convincente de expressar a realidade metafísica, ou seja, a realidade interior que transcende e condiciona as formas físicas, a matriz interna em que se baseiam as formas externas. Além disso, no século XII, a geometria era considerada a manifestação de idéias e arquétipos das coisas sublimes: “Sabendo que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e que a geometria podia ser verificada na própria morfologia da natureza, não houve problema em expor os usos simbólicos das correlações daí sugeridas. Como um código que desvelava a divindade, a Geometria era a expressão mesma de ideias e arquétipos transcendentais. Sendo um dos aspectos mais importantes do cristianismo medieval o seu projeto radical de integração no cosmo – que atinge notas agudas, sobretudo em sua mística -, no âmbito do pensamento geométrico essa mentalidade significou que vivenciar a experiência geométrica se tornara, a partir de certo momento, mais relevante que discursar sobre ela, “mirabolar” sobre seus pressupostos ou calcular suas consequências” ⁹⁵. A busca da harmonia, pedra angular da sensibilidade geométrica da época concedia sentido à sobrevivência. O homem medieval jamais deixou de ter sensibilidade às imagens abstratas das relações de espaço entre objetos físicos pertinentes à natureza e dos produtos da cultura material, reconhecendo e utilizando de maneira virtuosa a geometria, ainda que não fizesse dela um instrumento, ou, objeto de especulação em si.

Hugo de São Vítor trata da geometria prática, e é dentro desse movimento de expansão, que os medievais direcionam sua atenção à geometria de forma a tratar os conhecimentos geométricos, manifestando nas formas mais simples de seu artesanato e nas

⁹³ Ibid., p 141 a 142. Citado em Roger Baron *Science et Sagesse chez Hugues d Saint-Victor* (p. 53).

⁹⁴ RIO, José Manuel, *Simbólica de las artes liberales. Symbolos*. Barcelona/Guatemala, 1981, v. 1, n. 1, p. 81.

⁹⁵ *Trivium e Quadrivium – As artes liberais na Idade Média*, Coord. Lênia Márcia Mongelli, ÍBIS, Cotia, 1999, p. 230.

mais complexas de sua arquitetura os típicos problemas dessa arte também conhecida como ciência do espaço. Além de trabalharem com figuras geométricas, os sistemas construtivos incorporavam também a figura geométrica do ponto como elemento técnico. Assim, já na capela palatina de Aachen (Aix-la-Chapelle) erguida por Carlos Magno, onde, conviviam lado a lado a influência da arquitetura bizantina (Igreja de São Vital de Ravena) e a forte memória dos templos circulares dos pagãos (como no Panteão romano), o círculo e o ponto eram as referências geométricas de fundo.

A partir dos séculos XI e XII, inicia-se um importante movimento de recuperação intelectual da geometria: a noção elementar de geometria como o estudo da esfera do mundo, coloca uma questão a Hugo de São Vítor: caberia à geometria ou à astronomia tal investigação ou estudo? Roger Baron elucida que para Hugo, “la géométrie traite de la grandeur immobile, l’astronomie traite de la grandeur mobile. Elles peuvent se rapporter au même objet, l’une s’intéresse au permanent, l’autre à l’impermanent”⁹⁶.

2.6.2.4. ASTRONOMIA OU ASTROLOGIA

Quanto à astronomia, Hugo apresenta-a fazendo uma comparação com a astrologia: “A astronomia e a astrologia se diferenciam pelo fato de a astronomia ter derivado o seu nome da lei dos astros, a astrologia, do discurso sobre os astros”⁹⁷. A astrologia investiga a influência dos movimentos dos astros sobre os eventos do mundo terrestre especialmente o destino do ser humano. A astrologia uniu-se ao nascimento da astronomia no mundo oriental e acompanhou a astronomia em sua história. Os caldeus foram os primeiros a conceber a idéia de uma necessidade inflexível que regula o universo e a substituir por essa ideia, a ideia do mundo dirigido por deuses, em conformidade com suas paixões. A ideia lhes foi sugerida pela regularidade dos movimentos dos corpos celestes. Hugo de São Vítor, por sua vez, esclarece que a astrologia “... considera os astros em seu influxo sobre o nascimento ou a morte ou

⁹⁶ BARON, Roger, Science et sagesse ches Hugues de Saint-Victor, Paris, 1957, p 53. Ver também Did., II, 14 (p. 103).

⁹⁷ Did., II, 10 (p. 97).

qualquer outro evento, influxo que é em parte natural e em parte supersticioso”⁹⁸, tal influxo - continua Hugo - pode variar de acordo com os movimentos dos corpos superiores, ou seja, pode influenciar na saúde, doença, tempestade etc. A astronomia é a ciência que “... *trata a lei dos astros e a revolução do céu, investigando a regiões, as órbitas, os movimentos, o raiar e o pôr-se das estrelas e as razões do nome de cada uma*”⁹⁸. Num primeiro momento, quando da descoberta da geometria denominada também “*medição da terra*”, a grandeza imóvel foi atribuída à geometria e a grandeza móvel à astronomia. Assim, a dimensão das regiões e das órbitas celestes analisada pela geometria é imóvel, já, o objeto de indagação da astronomia, ao contrário, é móvel, como as órbitas dos astros e os intervalos de tempo, “... *uma contempla aquilo que permanece, outra indaga aquilo que passa*”⁹⁹.

Santo Agostinho, em “*A Doutrina Cristã*” assevera que a astronomia trata da demonstração das coisas presentes e tem certa semelhança com as coisas passadas. Ele adverte que é necessário muito cuidado com esse conhecimento, pois, além de proporcionar pouca ajuda ao estudo das divinas escrituras, a astronomia transforma o espírito do homem em um espírito tenso, devido ao estreito relacionamento que ela tem com a astrologia e, conseqüentemente, com os astrólogos, pois, para Agostinho, o ato de proclamar destinos ilusórios está muito próximo do erro. Ele recomenda que o estudante tenha a astronomia em pouco apreço¹⁰⁰. Quanto ao fato da astronomia ter semelhança com as coisas passadas, Agostinho explica que, pela “*posição dos movimentos atuais dos astros, pode-se chegar sem vacilação à suas fases precedentes. A astronomia permite também fazerem-se conjecturas para o tempo futuro, as quais não são nem fantasistas nem de mau agouro, mas garantidas e exatas.*”¹⁰¹.

Cassiodoro, que pertencia à linhagem espiritual de Santo Agostinho, tinha da astronomia um conceito mais elevado. No capítulo que trata da mesma nas *Institutiones II*, empresta de Varrão a definição de astronomia, dizendo que esta é a “*disciplina que examina todos os movimentos e formas das constelações celestes e investiga racionalmente as relações de um astro com o outro e com a terra*”. O texto de Cassiodoro não tem o objetivo de ser um

⁹⁸ Did., II, 10 (p. 99).

⁹⁹ Did., II, 14 (p. 103).

¹⁰⁰ A Doutrina Cristã, II p. 131.

¹⁰¹ A Doutrina Cristã, II p. 132.

manual de astronomia, mas, de proporcionar um esboço do que é essa arte, ou ciência, e fornecer uma lista de textos e referências.

Isidoro de Sevilha, nos três primeiros livros das *Etimologias*¹⁰², trata do trívio e do quadrívio, dedicando um livro à gramática, um livro a retórica e um único livro a todas as artes do quadrívio. É, portanto, nesse terceiro livro das *Etimologias* que se encontra a astronomia de Isidoro, assim como no livro treze de uma outra obra sua intitulada *Do mundo, do céu, dos elementos*. Isidoro também escreveu um *De natura rerum*¹⁰³, onde apresenta um resumo de sua cosmologia; enfim lhe é atribuído um *Líber de numeris*, sobre a aritmética.

Para a compreensão do desenvolvimento da astronomia européia medieval, tanto sob o aspecto de observação como sob o aspecto teórico, seria necessário fazer referência ao desenvolvimento e originalidade da astronomia islâmica, cuja sofisticação e extensão foram muito além do escopo da abadia de São Vítor no século XII.

Para Hugo a astronomia é o estudo da revolução dos planetas e estrelas, em tempos preestabelecidos. Ele, de fato, sustenta a posição de Santo Agostinho de que essa ciência procura demonstrar a verdade das coisas que ela abrange. Percebe-se que assim como as outras ciências da teórica tratadas anteriormente, tanto a astronomia como a geometria tem essa característica de investigar o que é verdadeiro, fator imprescindível ao homem para que ele possa alcançar o conhecimento supremo. Como vimos anteriormente, pela aritmética, é possível chegar-se à perfeição da unidade; pela música, compreende-se a harmonia das coisas existentes; pela teologia, através do intelectível, nos é permitido fazer indagações sobre Deus, pela geometria e astronomia contempla-se o que permanece e estuda-se a parte da criação que passa, bastando ao homem investigar “... *as causas em seus efeitos e os efeitos a partir das causas*¹⁰⁴”, tarefa que cabe também à ciência física.

¹⁰² Outra obra citada por Hugo de São Vítor com grande frequência no *Didascálicon*, principalmente nos três primeiros livros.

¹⁰³ Outra obra citada por Hugo no *Didascálicon*.

¹⁰⁴ Did. II., 16 (p.105).

2.6.3. FÍSICA – A FILOSOFIA NATURAL

Após ter discorrido sobre as artes pertencentes à matemática, Hugo se empenha na arte que se apresenta como a terceira divisão da ciência teórica. Ele expõe seu pensamento sobre a física, entendida como a filosofia natural e seus elementos de biologia, colocando também, algumas questões a respeito do que chamamos psicologia.

A investigação da alma como substância espiritual e incorruptível, pertence à teologia, sendo, portanto do domínio do intelectível. Todavia, Hugo observa que, pela sua união com os corpos, a alma passa do mundo intelectível para o mundo inteligível. Apenas o inteligível é objeto da matemática, que comporta o quadrívio e, assim, não cabe um estudo da alma nas divisões da matemática. A questão abordada por Hugo de São Vítor se remete menos à realidade das faculdades que à da unidade da alma. Mas, apesar da afirmação desta unidade, ele recorre ao papel do princípio vital que inflama o fogo da vida no homem, assim como em qualquer ser vivo. Esse papel varia, contudo, de acordo com os resultados produzidos, pois há outro fogo que produz a vida vegetativa, fogo que faz emergir, além disso, a vida sensitiva. Hugo tenta realçar a colaboração da alma e do corpo no conhecimento sensível: *“La puissance ignée que l’on appelle sens, lorsqu’elle est formée au dehors, prend le nom d’imagination, lorsque la même forme est entraînée à l’intérieur. Le feu est “esprit” – spiritus – mais il mérit d’autant plus ce nom qu’il s’approche de la nature incorporelle, sans toutefois s’identifier pleinement avec elle, puisqu’il reste de nature matérielle”*¹⁰⁵. Segundo o mestre de São Vítor, a física *“pesquisa e investiga as causas em seus efeitos e os efeitos a partir das causas”*¹⁰⁶. Virgílio, com o propósito de mostrar que a física pesquisa e investiga as causas em seus efeitos e os efeitos a partir das causas, diz: *“Unde tremor terris, qua vi maria alta tumescant. Vires herbarum, animos irasque ferarum, Omne genus fruticum, lapidum quoque reptiliumque”*¹⁰⁷.

¹⁰⁵ De unione, PL 177, 286-287. Referência citada em BARON, Roger. Science et sagesse chez Hugues de Saint-Victor (p. 59).

¹⁰⁶ Did., II, 16 (p. 105).

¹⁰⁷ *“De onde vêm terremotos, por qual força os mares profundos intumescem, as forças das ervas, as índoles e as iras das feras todo gênero de arbustos como também de pedras e répteis”*. Virgílio, Georg. 2,479. Referência citada em Did., II, 16 (p. 104).

Como disciplina específica pode-se dizer que a física iniciou-se com Aristóteles, que a considerou “*filosofia segunda*” e, no grupo das ciências teóricas, distinguiu-a da *teologia* e da *matemática* (Metafísica, XI, 7, 1064 b 1). Com Aristóteles, a física era a teoria do movimento e como tal se manteve até as origens da ciência moderna. Para Aristóteles a física tem por objeto “*a substância que tem em si mesma a causa de seu movimento*” (Metafísica. VI, 1, 1025 b 18), portanto, o modo como a física considera as substâncias depende da natureza dos movimentos dos quais elas são dotadas.

Hugo apresenta algumas definições da física segundo grandes filósofos; a primeira é dada por Boécio que, embasado na definição de fisis (natureza) denomina a física “*filosofia natural*”. Como discurso, que trata da natureza, ela é dita “*fisiologia*”. Entendida em sentido amplo correspondente à teórica. Hugo sustenta que, alguns procuram dividir a filosofia em três partes: física, ética e lógica, não sendo contemplada a ciência mecânica. Enquanto as outras ciências se ocupam com o conceito das coisas, a física se preocupa em tratar das coisas propriamente ditas. De acordo com Hugo, “*É próprio da física tratar simplesmente os movimentos (atos) mistos das coisas. De fato, os movimentos dos corpos do mundo não são puros, mas compostos de movimentos puros, que a física, mesmo que em si não sejam encontrados, considera de modo puro e em si. Tendo considerado, a partir da natureza de cada uma, em si o movimento puro do fogo, ou da terra, ou do ar ou da água, julga a respeito da agregação e a eficiência do todo*”¹⁰⁸. Portanto, enquanto a física se preocupa com as coisas, as outras ciências tratam das intelectões (intellectiones) das coisas, como é o caso da lógica e da matemática, que com estas se preocupam, respectivamente, de acordo com a constituição predicamental e de acordo com a composição intelectual, usando a lógica da inteligência pura e a matemática da inteligência acompanhada da verificação.

2.7. A CIÊNCIA PRÁTICA

No *Didascálicon* é feita uma breve apresentação da ciência prática: ela se divide em solitária, privada e pública, também denominadas ética, econômica e política, ou ainda, moral,

¹⁰⁸ Did., II, 17 (p. 107).

administrativa e civil: “*Uma é solitária, ética e moral; a outra é privada, econômica e administrativa, a outra, enfim, é pública, política e civil*”, escreve Hugo de São Vítor ¹⁰⁹. Assevera ainda que, *administrador* significa *oekonomus*; devido a isso, a ciência *econômica* foi denominada *administrativa* e, o termo *polis* em latim significa *civitas* e, portanto, a *política* é denominada *civil*. A *ética* deve ser entendida em sentido estrito de costumes morais de cada pessoa, quando a considerarmos uma parte da prática.

2.7.1. A PRÁTICA INDIVIDUAL

Quanto à ciência prática individual, Boécio diz que a filosofia prática solitária, ética ou moral “*est quae sui curam gerens cunctis sese erigit, exornat augetque virtutibus, nihil in vita admittens quo non gaudeat, nihil faciens paenitendum*” ¹¹⁰. Ética em geral é denominada ciência da conduta. É possível considerar que existem duas concepções fundamentais dessa ciência: primeira, a que a considera como ciência do fim para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios da natureza do homem. A segunda, a que a considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta.

Aristóteles determina o propósito da conduta humana (a felicidade), a partir da natureza racional do homem (Ética a Nicômaco, I, 7), depois determina as virtudes que são condição da felicidade. Já a ética exposta na *República* de Platão, é uma ética das virtudes; estas são funções da alma (*República*, I, 353b) determinadas de acordo com a natureza da alma e a divisão das suas partes.

Moral é o mesmo que *ética*, ou objeto da *ética*, conduta dirigida ou disciplinada por normas. Não se fala somente de atitude moral para indicar uma atitude moralmente valorável,

¹⁰⁹ Did., II, 17, (p. 109).

¹¹⁰ “*é aquela que, cuidando de cada um, se eleva acima de tudo, se adorna e acresce de virtudes, nada admitindo na vida de que não possa alegrar-se, nada fazendo de que deva arrependê-la*”. Boécio, In Isag. pr. 1,3. Referência citada em Did., II, 19 (p. 110).

mas também de coisas positivamente valoráveis, ou seja, boas. É nessa mesma linha de pensamento que Hugo de São Vítor diz que a ciência prática solitária, ética ou moral, é própria dos indivíduos e ainda que, tal ciência se diz moral “*porque por ela se deseja um modo digno de viver e são organizados ordenamentos que tendem para a virtude*”¹¹¹.

2.7.2. A PRÁTICA PRIVADA

A ciência prática privada, econômica ou administrativa é segundo Boécio: “*quae familiaris officium mediocri componens dispositione distribuit*”¹¹². Econômica remete à economia que, por sua vez, remete à ordem ou regularidade de uma totalidade qualquer, seja esta uma casa, uma cidade, um povo ou o mundo¹¹³.

Ao menos no que diz respeito às totalidades finitas, a melhor ordem é a que produz o resultado máximo com o esforço mínimo, de tal modo que, mesmo a lei do menor esforço foi entendida, na história da filosofia como “*Princípio de Economia*”. Com o nome de *Econômica*, muitos autores designaram a ciência da economia, pois esse nome evita a ambiguidade do termo “economia”, que pode indicar tanto a ciência quanto o objeto. Assim, parte da filosofia prática tem por objeto as ações utilitárias e econômicas entre as quais coloca ainda, o direito, a política, e a ciência. A ciência prática “*se diz administrativa, quando a ordem das coisas domésticas é disposta sabiamente*”, escreve Hugo de São Vítor.

¹¹¹ Did., II, 19 (p. 111).

¹¹² “*aquela que distribui as tarefas domésticas estabelecendo-lhes a organização adequada*” Boécio, In Isag. pr. 1,3.

¹¹³ Nas Escrituras Sagradas, mais precisamente no Novo Testamento, essa palavra, às vezes, é usada para indicar o plano providencial (Epístola do Apóstolo São Paulo aos Efésios, I, 10).

2.7.3. A PRÁTICA PÚBLICA

Quanto às coisas pertinentes à ciência prática pública, política ou civil, Boécio diz: “*est quae rei publicae curam suscipiens, cunctorum saluti suae providentiae sollertia, et iustitiae libra, et fortitudinis stabilitate, et temperantiae patientia medetur*”¹¹⁴. A palavra *pública* foi usada em sentido filosófico para designar os conhecimentos ou os dados ou elementos de conhecimento disponíveis a qualquer pessoa em condições apropriadas e não pertencentes à esfera pessoal e não verificável da consciência. Nesse sentido é pública ou público aquilo de que todos podem participar igualmente, podendo, portanto também ser expresso ou comunicado pela linguagem.

Política pode designar várias coisas: doutrina do direito e da moral; teoria do estado; arte ou ciência do governo; estudo dos comportamentos intersubjetivos. No *Didascálicon*, Hugo se remete à política como a arte ou ciência do governo que é o conceito que Platão propôs e defendeu, com o nome de “ciência régia” (Político, 259 a-b) e que Aristóteles assumiu como terceira tarefa da ciência política. Hugo diz que é chamada de cível a ciência prática “*pela qual é provida a utilidade de toda a cidade*”¹¹⁵.

2.8. A PRODUÇÃO HUMANA - A CIÊNCIA MECÂNICA

Conservando o mesmo estilo ordenado de apresentação das artes, Hugo de São Vítor, após ter mostrado as artes que efetivamente levam o homem ao conhecimento da *Sapiência* (as artes pertencentes à ciência teórica) e, em seguida, tratada da ciência prática que remete aos costumes, privados e públicos dos homens, preocupa-se nesse momento em elucidar as artes que tratam da produção humana, ou seja, as artes pertencentes à ciência mecânica. Essas artes são em número de sete: arte da lã, arte das armas, arte da navegação, arte da agricultura,

¹¹⁴ “É aquela que, cuidando da coisa pública, provê ao bem-estar de todos com a perspicácia de sua sabedoria, com equilíbrio da justiça, com a firmeza da coragem e com a paciência da temperança”. Boécio, In Isag. pr. 1,3. Referência citada em Did., II, 19 (p. 111).

¹¹⁵ Did., II, 19 (p. 111).

arte da caça, arte da medicina e arte do teatro ¹¹⁶. Hugo as divide de forma semelhante ao trívio e quadrívio, pois, assim como as artes pertencentes ao trívio tratam das palavras exteriores e as pertencentes ao quadrívio, tratam dos conceitos, que são concebidos no íntimo, as artes mecânicas também são divididas em dois grupos: três dedicam-se à proteção externa da natureza humana, de modo que seja esta protegida dos incômodos e as outras quatro à proteção interna, “*pela qual a natureza se nutre, crescendo e mantendo-se*” ¹¹⁷. Tais artes também são denominadas adulteradas, pois tratam da obra do artífice, que toma emprestada a forma perfeita da natureza. Hugo, para elucidar as artes mecânicas, se funda novamente na forma perfeita da natureza que Platão chamou de ideia. As formas platônicas são, uma expansão das formas socrática e se caracterizam entre outro aspecto, pelo fato de não se aplicarem somente a determinações como o *bom* e o *mau*, o *justo* e o *injusto*, mas também a seres coisas materiais como, por exemplo, as *plantas*, *animais* e até as obras produzidas pelo homem (por exemplo, um quadro pintado por um artista que reproduz a natureza na tela). Se a coisa material é uma imitação, semelhança ou participação da ideia, a produção humana é imitação da imitação. Daí o seu caráter “adulterado” (adulterinus no original).

2.8.1. A ARTE DA FABRICAÇÃO DA LÃ

Hugo de São Vítor inicia a apresentação das artes mecânicas pela *Ciência da Lã*: “*O lanifício abrange todas as formas de tecer, costurar, fiar que são executadas à mão, com agulha, fuso, sovela, lançadeira, pente, tear, calamistro, rolo ou com qualquer outro instrumento sobre qualquer material de linho ou lã, e sobre todo tipo de peles tosquiadas ou cheias de pêlos, como todo tipo de cânhamo, cortiças, juncos, pelos, flocos e todos os outros materiais deste tipo que podem ser transformados para o uso de vestes, cobertores, lençóis, mantas, gualdrapas, tapetes, cortinas, estofos, feltros, cordas de instrumentos musicais, redes de caça, cordas*”, ¹¹⁸. A lã é derivada do pêlo da ovelha que, depois de tosquiado, é processado industrialmente para usos têxteis, limpeza e coloração. O tecido feito de lã serve como isolante térmico, não esquenta tanto sob o sol (mantém a temperatura do corpo em

¹¹⁶ Em determinados momentos, Hugo de São Vítor denomina essas artes como ciências, por exemplo, em *Did.*, II, 20 (p. 111).

¹¹⁷ *Did.*, II, 20 (p. 111).

¹¹⁸ *Did.*, II, 21 (p. 113).

média 5 a 8 graus mais baixa em comparação com tecidos sintéticos expostos ao sol), "respira" no corpo, é naturalmente elástico, portanto mais confortável e não amassa. Hugo lembra ainda que pertence também ao lanifício, a palha, pois, dela costumam-se confeccionar chapéus e cestos.

2.8.2. DEFESA - A ARTE DO ARMAMENTO

Quando o homem tomou consciência de que podia combater o adversário e mantê-lo à distância, começaram a aparecer as primeiras armas dotadas de cabo comprido, geralmente de madeira. Na Idade Média, a utilização dessas armas foi muito grande, e de muita eficácia. Esse tipo de arma nasceu nos séculos XII e XIII, quando a expansão das armaduras tornou-se necessária para atacar o adversário com o objetivo de perfurar a proteção de ferro.

Quando Hugo de São Vítor fala da ciência das armas, procura contemplar não só as armas de combate manuais, mas todos os instrumentos de guerra ou das naveas, além do que, não deixa de incluir no grupo das armas, o escudo, a couraça, o elmo, a espada, o machado e a própria lança mencionada acima: "*As armas longas são aquelas com as quais podemos golpear a distância, como o dardo e a flecha*" escreve Hugo ¹¹⁹. Também conhecida como ciência instrumental, pois são instrumentos contruídos com materiais disponíveis de alguma massa - explica Hugo - a ciência das armas faz uso de qualquer material, seja de pedras, madeiras, metais, areia e argila. Divide-se em dois gêneros: arquitetônico, que compreende o corte de pedras, e fabril que faz uso do martelo e da fundição. Alabardas e lanchas eram armas muitos utilizadas entre os séculos XI e XV, muitas delas foram derivadas de instrumentos destinados à agricultura, outras, das armas de caça, outras verdadeiras criações bem elaboradas e aperfeiçoadas para novas exigências de batalhas.

2.8.3. ESTÍMULO AO COMÉRCIO - A ARTE DA NAVEGAÇÃO

A arte da navegação apresentada por Hugo de São Vítor, abrange todo comércio de compra, venda e troca de mercadorias locais ou estrangeiras. Um desenvolvimento, um pouco mais significativo, dos conceitos e responsabilidades da navegação marítima, aconteceu no Século XII, surgindo o "*Consulatus Maris*", a mais importante coletânea, da época, de usos e

¹¹⁹ Did., II, 22 (p. 113).

decisões dos tribunais e regras seguidas pelo Tribunal de Barcelona. Teve tamanha influência o “*Consulatus Maris*” que se espalhou por todo o Mediterrâneo. No século XII, já se considerava a navegação como uma retórica “*sui generis*”, pois, em tal profissão, a retórica tinha peso substancial; é por isso que, quem preside à arte de falar tem também poder entre os navegadores, sendo considerado o rei destes. Devido à ousadia de penetrar em regiões desconhecidas e estabelecer relações humanas, a navegação é tida como capaz de reconciliar os povos, aplacar as guerras, consolidar a paz e colocar os bens privados à disposição de todos.

2.8.4. A ARTE DA AGRICULTURA – REVOLUÇÃO AGRÍCOLA

A agricultura do século X era pouco desenvolvida devido aos instrumentos rudimentares e pela falta de técnicas, mudando esse contexto no século XI com os progressos agrícolas e demográficos. Quando se fala de uma “*revolução agrícola*”, por causa das transformações positivas refere-se à influência que ela sofreu pelos moinhos, pela charrua, pela enxada, pela foice e pelo cavalo.

No século XII foi empregado na agricultura o adubo, em geral o esterco de animais, como a vaca, que era de alto custo na época ¹²⁰.

Hugo de São Vítor pouco discute sobre a agricultura no *Didascálicon*, apenas divide-a em quatro tipos de campos ou terrenos, a saber: campo arável (para sementeira), plantado (para as árvores: vinhedo, pomar e bosques), pastoril (prados, vales e descampados) e florido (hortos e roseirais). Santo Agostinho, quando trata das artes mecânicas em *A doutrina Cristã*, da mesma forma que Hugo, faz uma alusão rápida à agricultura elucidando que em tal arte o trabalho do agricultor seria um reflexo da ação divina: “*Existem também outras artes que têm por meta a fabricação de alguns objetos. Em certos casos, tal objeto subsiste depois do trabalho do artífice. É o caso, por exemplo, de uma casa, um banco, um vaso e de outras muitas coisas semelhantes. Em outros casos, o operador serve de instrumento à ação divina. É o caso da medicina, da agricultura e do governo*”.

¹²⁰ LE GOFF, Jacques. A vida material (séculos X-XIII). In: A Civilização do Ocidente Medieval. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005 (p. 191-256).

2.8.5. SUSTENTO - A ARTE DA CAÇA

Papel importante, relacionado com a preservação do organismo humano é atribuído à arte *da caça* (quinta arte da ciência mecânica). Hugo a divide em caça selvagem, passarinhagem e pesca. No *Didascálicon*, apresenta as técnicas para a aplicação dessas divisões da caça; além da caça, propriamente dita, atribui também a essa disciplina a preparação de alimentos, molhos e bebidas. Divide a alimentação em duas partes: pão e acompanhamento: “*Há muitos tipos de pão: ázimo, fermentado, cozido sob a cinza, vermelho, pão esponjoso, fogaça, cozido em telha, pão doce, pão de farinha, pão de cevada, de farinha flor e muitos outros. O acompanhamento é chamado assim porque é como se fosse acrescentado ao pão, e podemos chamá-lo alimento. Existem vários tipos de acompanhamento: carnes, misturas, líquidos, melados, verduras e frutas*”¹²¹. Ainda em relação à disciplina da caça, Hugo de São Vítor continua a apresentação das diversas divisões dos alimentos e, ao final, apresenta uma definição geral do que seria a disciplina da caça: “*A caça, portanto, contém todas as tarefas de padeiros, açougueiros, cozinheiros e bodegueiros*”¹²².

2.8.6. PRESERVAÇÃO DA SAÚDE - A ARTE DA MEDICINA

Se a arte da caça tem papel fundamental na manutenção da vida humana, é necessário que haja uma outra disciplina que cuide da saúde do corpo humano. Hugo de São Vítor atribui essa função à arte *da medicina* (sexta arte da ciência mecânica), dividindo-a em duas partes: as ocasiões e as operações. As ocasiões podem ser moderadas (temperadas) ou imoderadas; dependendo de como forem, conservam a saúde ou causam enfermidades. Para essa boa preservação do corpo, é necessária certa disciplina por parte do homem, pois as ocasiões implicam em uma boa respiração, movimento e repouso de forma adequada, alimentação, sono, etc.

¹²¹ Did., II, 25 (pp. 117 - 119).

¹²² Did., II, 25 (p. 119).

Hugo define a arte da alimentação também como parte da arte da medicina, mas, a alimentação é apresentada de tal forma que se aprenda como usá-la para benefício da saúde; já, na arte da caça, a alimentação é apresentada como modo obter e preparar alimentos. São também incluídas como parte das ocasiões, as ocorrências que influem na alma: os sentimentos humanos que, de acordo como se apresentam, podem provocar distúrbios ou benefícios à saúde: *“As ocorrências que influem na alma são ocasiões de saúde ou enfermidade no sentido de que ou às vezes provocam calor impetuosamente, como a ira, ou suavemente como o leite, ou atraem e escondem esse calor impetuosamente, como o terror e o medo, ou suavemente, como a angústia”* escreve Hugo¹²³. Para o tratamento médico propriamente dito, apresenta as operações. Estas podem ser tanto internas como externas; as internas se fazem necessárias quando da introdução de remédio no corpo humano, as operações externas, quando o tratamento é feito no lado externo do corpo, como, por exemplo, ataduras, faixas, compressas e emplastros.

Mais uma vez, no decorrer da apresentação das artes mecânicas, confirma-se o entrelaçamento que Hugo faz entre uma arte ou disciplina e outra, visando sempre estabelecer um modo de vida saudável, regrado e sem excessos.

2.8.7. LAZER - A ARTE DO TEATRO

A sétima arte mecânica é a arte *do teatro*. Esta está relacionada com o lazer humano. Hugo a chama de ciência do teatro, pois era no teatro que o povo se reunia para brincar. O lazer estava relacionado a várias atividades que, no âmbito geral, denominavam-se apenas “brincadeiras”. Dessas brincadeiras faziam parte atividades como recitar versos, cantar coros, dançar, lutar, competir em corridas e fazer músicas: *“No teatro, as gestas eram recitadas em versos, ou através de atores, ou com máscaras, ou com bonecos”*¹²⁴.

Hugo apresenta as atividades que fazem parte da arte do teatro (lazer), de tal forma que elas contribuam para o bem estar físico, mental e espiritual humano. O condicionamento físico resulta por meio dos jogos e lutas: *“Os jogos foram considerados ações legitimamente humanas, porque através dos movimentos moderados o calor é nutrido no corpo, e através da*

¹²³ Did., II, 26 (pp. 119 - 121).

¹²⁴ Did., II, 26 (p. 121).

alegria o espírito se recupera”¹²⁵, já para a saúde mental e espiritual havia as canções solenes nos santuários em ocasiões solenes em que se cantavam os louvores aos deuses.

Dos séculos X ao XII, tem-se o nascimento do teatro medieval, com os primeiros dramas litúrgicos e as peças de *Rosvita Hrotsvitha*¹²⁶, abadessa alemã que reelabora a dramaturgia clássica para temas edificantes. Escritos em latim, os dramas litúrgicos dos conventos passam para as igrejas. A partir do século XII, o teatro vai para a cidade, por iniciativa das confrarias e dos saltimbancos, que escrevem as peças. Convivem então textos profanos e sacros. O teatro profano, apresentado nas festas de carnaval, representa farsas.

2.9. RACIOCÍNIO, DEMONSTRAÇÃO E PROVA - A CIÊNCIA

LÓGICA

Uma vez apresentado como o homem deve se portar quanto aos seus costumes (ciência prática) e como ordenar as ações de sua vida (ciência mecânica), o Vitorino elucidará como o homem deve falar de modo correto e disputar agudamente, por meio da ciência lógica.

De fato, para que o homem possa aplicar o que foi abordado nas ciências e artes apresentadas acima, é necessário que tenha habilidade na arte do bem falar, raciocinar, convencer, demonstrar e provar. Isto é tão importante que, embora tenha sido a última arte a ser criada, é necessário que seja a primeira a ser estudada: “*A lógica, portanto, é última no tempo, mas primeira quanto à ordem. Ela é a primeira a dever-se estudar pelos iniciantes na filosofia, pois nela é ensinada a natureza das palavras e das intelecções, sem as quais nenhum tratado de filosofia pode ser explicado de maneira racional*” escreve Hugo de São Vítor¹²⁷. Este enfatiza que a lógica surgiu devido à necessidade de discutir apropriadamente sobre as coisas, pois estas não se comportam no raciocínio da mesma maneira que nos

¹²⁵ Did., II, 27 (p. 123).

¹²⁶ *Rosvita Hrotsvitha* produziu a peça *Sabedoria* no século X. O original, *Sapientia*, encontra-se em PL 137, 1045-1062.

¹²⁷ Did., I, 11 (p. 77).

números: com os números, é possível computar-se algo e o resultado ser equivalente às coisas.

Nas disputas, isso não acontece, pois a conclusão dos argumentos nem sempre permanece constante na natureza. De fato, pesquisando a natureza das coisas sem se preocupar com a ciência da disputa, a possibilidade de erro se torna muito grande: “*Se antes não se conhece qual raciocínio garante o caminho verdadeiro da disputa, qual garante apenas a verossimilhança, se não se conhece qual raciocínio pode ser confiável, qual pode ser suspeito, aí a verdade incorrupta das coisas não pode ser alcançada pelo raciocínio*”¹²⁷.

Santo Agostinho diz na *Doutrina Cristã*, quando apresenta os riscos das conclusões, que, se existirem conclusões deduzidas legitimamente de um raciocínio, que em si não são falsas, porém vindas de princípios apresentados de forma errada pelo interlocutor, tais conclusões não devem ser consideradas verdadeiras, pois suas premissas não são legítimas. Quando esse tipo de erro se apresenta, lançado principalmente pelos sofistas, Agostinho adverte: “*Logo, já que há conexões lógicas não somente entre conclusões verdadeiras, mas também entre as falsas, é fácil aprender esse processo, até nas escolas que estão fora da igreja. Quanto à verdade das sentenças, é preciso procurá-la nos santos livros eclesiásticos*”¹²⁸.

Com efeito, muitos erros eram cometidos pelos antigos devido às inferências falsas e contraditórias que tiravam nas disputas. Etienne Gilson e Philotheus Boehner relembram que, pra Hugo “*Grande parte dos erros cometidos no passado derivam precisamente do descuido desta importante disciplina*”¹²⁹. Os antigos, não admitiam, obviamente, que duas conclusões contraditórias sobre uma mesma coisa pudessem ambas ser verdadeiras, mas, como estas se apresentavam como conclusões de dois raciocínios, não conseguiam visualizar qual raciocínio implicava conclusões que discordavam das premissas e qual raciocínio pudesse ser tido como verdadeiro. Daí, a necessidade de uma disciplina que permitisse fazer tal distinção.

A disciplina da lógica nasce assim, da necessidade de um processo para saber decidir qual a maneira correta de discutir, ou seja, como compreender qual raciocínio é num determinado momento verdadeiro e em outro falso, qual é sempre falso e qual pode nunca ser

¹²⁸ Santo Agostinho – A doutrina Cristã, II, 32 (p. 135).

¹²⁹ GILSON E. e BOEHNER P. 1995. História da Filosofia Cristã, Petrópolis: Vozes, p. 338. cf Did., I, 2, (p. 77).

falso. Desta forma, a lógica ensinará a falar corretamente e a disputar agudamente, evidenciando regras, no que antes era vago e arbitrário. Como assevera Agostinho, os homens apenas constatarem, não criam as verdades: “*A mesma verdade dos raciocínios (veritas counexionum) não foi instituída pelos homens, mas constatada e posta em fórmulas por eles, para poderem aprendê-la ou ensiná-la. A verdade fundamenta-se de modo permanente na razão das coisas e foi estabelecida por Deus*”¹³⁰.

Hugo indica que a origem da palavra “lógica” é o grego “*Logos*”¹³¹ e pode significar duas coisas: *discurso* ou *razão*. A lógica da razão, que se diz argumentativa, abrange a dialética e a retórica. A lógica do discurso abrange a gramática, dialética, retórica e argumentativa, sendo essa lógica que irá compor a quarta parte da filosofia idealizada pelo Vitorino¹³². Para ele “*A consideração da lógica diz respeito às coisas, cuidando das intelecções das coisas, ou pela inteligência, quando não estão presentes nem as coisas nem as imagens delas, ou pela razão, quando não estão presentes as coisas, mas estão as imagens delas. A lógica se interessa, assim, pelas espécies e pelos gêneros das coisas*”¹³³.

Divide-se, portanto, a ciência lógica em gramática, ou arte de escrever, e raciocínio, ou arte de argumentar (discorrer), também denominada teoria da argumentação.

¹³⁰ Santo Agostinho – A doutrina Cristã, II, 33 (p. 135).

¹³¹ A palavra “lógica” é derivada do grego λόγος que tem o duplo significado de “ratio” e de “sermo” donde a distinção entre a “lógica rationalis” ou ciência do raciocínio (“*quae dissertiva dicitur*”) subdividida em dialética e retórica, e a “lógica sermocinalis” (a ciência da linguagem), que abrange a gramática, a dialética e a retórica. GILSON E. e BOEHNER P. 1995. História da Filosofia Cristã, Rio de Janeiro: Vozes, p. 338.

¹³² Lembrando que na apresentação das ciências que constituem a filosofia, Hugo define a lógica como a quarta ciência; sendo a primeira a ciência teórica, a segunda a ciência prática e a terceira a ciência mecânica; na apresentação, porém, dessa dissertação de mestrado, a teórica, embora seja a primeira ciência tratada por Hugo, será a última a ser investigada, pela razão de ser a única ciência a investigar a verdade das coisas, sendo necessário um tratamento mais criterioso dessa ciência.

¹³³ Did., II, 17 (p.105).

2.9.1. REGRAS PARA BOA ESCRITA - A ARTE DA GRAMÁTICA

Tudo aquilo que faz parte das regras da boa escrita é apresentado no *Didascálicon* como subdivisão da gramática: “A gramática se divide em letra, sílaba, palavra e frase. Ou dito diferentemente, a gramática se divide em letras, isto é, aquilo que se escreve, e palavras, isto é, aquilo que se pronuncia. Ou, de outra maneira, a gramática se divide em nome, verbo, participio, pronome, advérbio, conjunção, interjeição, palavra articulada, letra, sílaba, pés da métrica, acentos, pontuações, notas, ortografia, analogia, etimologia, glosas, diferenças, barbarismo, solecismo, anomalias, metaplasmos, esquemas, tropos, prosas, metros, fábulas, histórias”¹³⁴. O autor, porém, não faz uma apresentação mais detalhada dessas divisões, pois ele mesmo diz que, se assim fosse, seria uma apresentação demasiadamente longa. Todavia, aos interessados nessa arte, Hugo não os deixa sem referência: “*Quem, todavia, deseja conhecer estas coisas, dê uma lida em Donato, Sérvio, Prisciano em De accentibus e Prisciano em De duodecim versibus Vergilii e Barbarismus, e nas Etimologias de Isidoro*”¹³⁵.

Na obra “*Trivium e Quadrivium - As artes liberais na idade média*”¹³⁶ encontra-se a gramática definida da seguinte forma: “Assim é que, com Donato e Prisciano, a *ars grammatica* se limita ao estudo da língua; na idade média se subdivide em quatro partes: ortografia, morfologia, sintaxe e métrica, e só no século XVIII é que se instaura a divisão em três partes: fonética, morfologia e sintaxe”¹³⁷.

2.9.2. A ARTE DO RACIOCÍNIO

Na teoria da argumentação, é sustentado que esta possui como partes integrais; a invenção e o juízo e, como partes divisíveis, a demonstração, a sofística e a prova. Aos

¹³⁴ Did., II, 29 (pp. 123 - 125).

¹³⁵ Did., II, 29 (p. 125).

¹³⁶ Ver bibliografia básica.

¹³⁷ Trivium e Quadrivium – As artes liberais na idade média (p. 40).

filósofos pertence, a demonstração, que é o argumento necessário aos dialéticos, aos retores, a argumentação provável; e a sofística aos sofistas e zombadores. .

A argumentação provável divide-se em dialética e retórica, tendo ambas, como partes integrais a invenção (que ensina a encontrar argumentos e a construir argumentações) e o juízo (que ensina a avaliar tanto um como outro).

Aqui Hugo de São Vítor enfrenta problemas que preocuparam também Pedro Abelardo (cf. Introdução de sua lógica para principiantes) e, em grande parte, devidos à superposição de várias divisões da lógica, de origens diversas e que circulavam no século XII. Hugo se preocupa em saber como a invenção e o juízo podem ser partes integrantes do gênero argumentação e de uma parte (divisiva desse gênero, a argumentação provável). É claro que, sendo parte do gênero, estas divisões devem estar presentes em todas as espécies contidas sob ele. Há ainda uma outra questão: será que a provável e o juízo estão incluídas na filosofia já que não fazem parte nem da filosofia teórica, nem da prática, nem da mecânica, nem mesmo da lógica, já que são partes integrantes dela. Hugo explica ainda que são partes não como uma disciplina determinada, mas como um conhecimento a todas as partes da argumentativa ¹³⁸.

2.9.3. FALAR BEM E CONVENCER - DIALÉTICA E A RETÓRICA

Finalmente, quanto às subdivisões do raciocínio provável, encontra-se a dialética, que é a disputa afiada para distinguir o certo e o errado, e a retórica que é a disciplina a que cabe convencer sobre as coisas que forem convenientes.

Definição similar da dialética é tratada por Santo Agostinho, quando ele a define como “o que é relativo à da alma, onde reina a disciplina da discussão e a do número” ¹³⁹. Agostinho diz que a dialética – também denominada por ele como disciplina da discussão - é de suma importância para entender e solucionar as dificuldades que se apresentam nas

¹³⁸ Cf. Did., II, 30 (p. 125-129).

¹³⁹ Santo Agostinho – A doutrina Cristã, II, 32 (p. 133).

Escrituras Sagradas. Adverte, todavia, que se deve evitar o desejo de discussão focada em enganar os adversários, pois isso é atitude dos sofistas em cujas conclusões percebe-se aparência de verdade, mas que na sua maioria são falsas e com o objetivo único de enganar: “... não somente os espíritos lentos, mas também os vivos, por pouco que relaxem a atenção”, escreve Santo Agostinho¹³⁹.

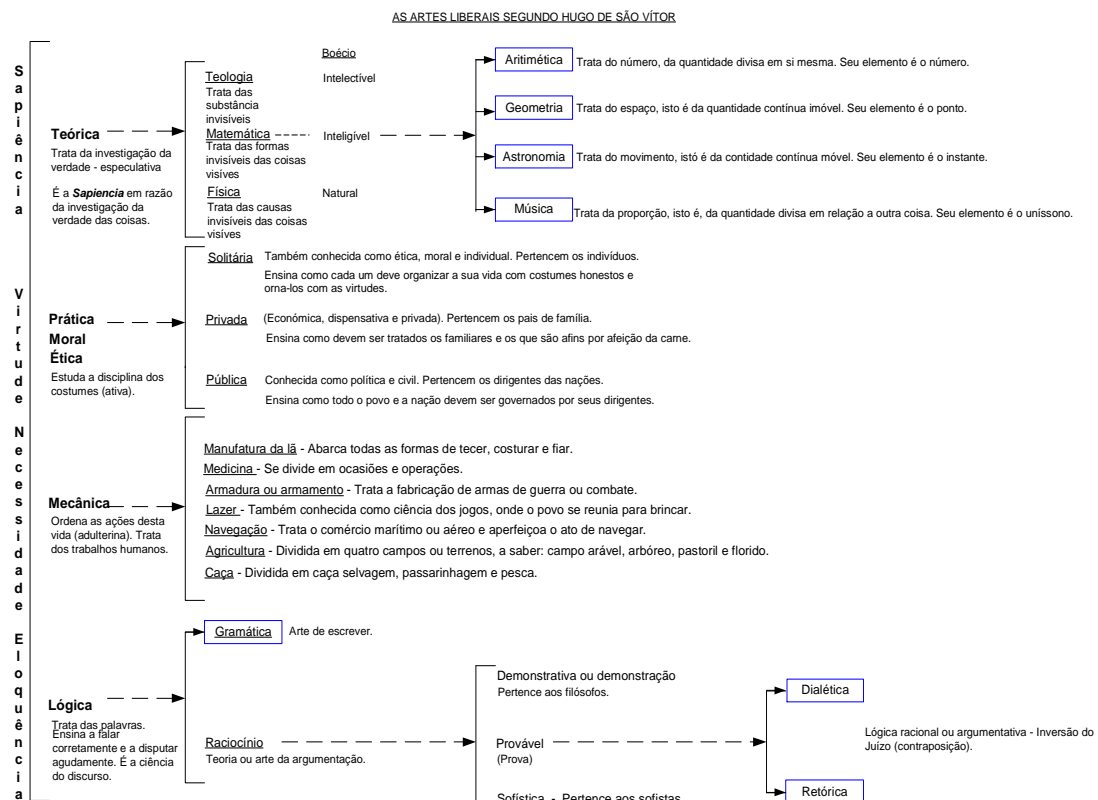
Quanto à retórica, Agostinho também a denomina eloquência, apresentando a seguinte explicação:

“Existem também certas normas para o discurso mais desenvolvido, chamadas eloquência. Apesar das normas serem verdadeiras, elas podem persuadir coisas falsas. Mas, como graças a essas normas, os homens podem também expor o que é verdadeiro, a culpa não é da arte da palavra, mas a perversidade vem dos que dela se servem mal. Tampouco, foi de instituição dos homens que uma exposição agradável arraste o ouvinte; que uma narração breve e clara insinue facilmente o que intenta; e que a variedade sustente a atenção sem cansaço. Tampouco foram inventados pelos homens preceitos análogos que deixam de ser verdadeiros em si próprios, quer nas causas falsas, quer nas verdadeiras, à medida que fazer crer ou conhecer algo de novo, ou movem os ânimos a desejá-lo ou, ao contrário, evitá-lo. Essas normas são encontradas já existentes desse modo, antes de serem instituídas para que surjam desse modo”¹⁴⁰.

Essas são as três ciências investigadas (prática, mecânica e lógica) que Hugo de São Vítor apresenta com o propósito de preparar o homem para o conhecimento das artes que compõem a ciência teórica e que são efetivamente – segundo o filósofo de São Vítor, a *Sapiência*, ou seja, a Mente de Deus.

¹⁴⁰ Santo Agostinho – A doutrina Cristã, II, 37 (p. 139).

as ciências e suas respectivas artes segundo Hugo de São Vítor



3. DIDASCÁLICON E A REVOLUÇÃO CULTURAL DO SÉCULO XII

O nascimento do homem intelectual na idade média pressupõe a divisão do trabalho urbano, assim como as primeiras universidades pressupõem um espaço cultural comum, onde essas “novas catedrais do saber possam surgir prosperar e confrontar-se livremente”¹⁴¹

O pensador da idade média nasce com o desenvolvimento das cidades, ele aparece ligado à função comercial e industrial como mais um homem de ofício instalado nas cidades, onde se impõe a divisão do trabalho. As primeiras cidades se desenvolvem por influência do mundo muçulmano que reclama as matérias primas do Ocidente bárbaro; Jacques Lê Goff diz que “*São os portus, autônomos ou acoplados aos flancos das cidades episcopais, e também “burgos” militares a partir do século X ou talvez IX*”¹⁴². No século XII esse fenômeno atinge amplitude considerável modificando profundamente as estruturas econômicas e sociais do Ocidente. Essa revolução inicia-se por meio do movimento comunal, a subverter as estruturas políticas; a ela, acrescenta-se uma outra importante revolução no século XII: a revolução cultural. Acontece uma renovação, um renascimento; as invasões bárbaras e a anarquia feudal tinham passado; o fim da migração interna dos povos pela Europa acompanhou o término das guerras ininterruptas. Tal segurança permite ao homem fixar-se no trabalho ao redor do castelo senhorial e nos centros urbanos. Isso produz uma retomada demográfica que pode ser considerada como efeito e ao mesmo tempo causa de uma revitalização agrária. Nessa nova revolução insere-se o intelectual, o pensador que na primeira metade do século XII interpreta um papel diferenciado no estudo. Também ocorrem as novidades técnicas pertinentes ao trabalho humano como o arado pesado, a ferradura, o peitoral nos cavalos etc. Com o fim das guerras ocorre o aumento da produção agrícola, e com esse aumento naturalmente a população cresce, elevando também sua expectativa de vida.

Essa revolução agrícola e demográfica fomenta também o comércio, as viagens, feiras, mercados. A elevação demográfica faz com que surjam novos povoados e novas cidades. É nessa mudança, que os jovens se agitam e vão à procura de novos desafios. É o ambiente em

¹⁴¹ LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais da Idade Média*. (p.8).

¹⁴² LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais da Idade Média*. (p. 21).

que se encontram os jovens estudantes, mestres, engenheiros, advogados, mercadores, clérigos, médicos, juizes e muitos outros. As cidades e os povoados agitam-se com idéias novas, obras de artes, novas organizações e instituições de ensino.

Os sábios do século XII, nesse ambiente urbano, repõem em marcha a engrenagem da história e definem sua missão nessa revolução. Pertencem a esse grupo seletivo de pensadores São Bernardo, Pedro Lombardo, João de Salisbury, Guilherme de Conches, Gilberto de Poitiers, Thierry de Chartres, Bernardo de Chartres, Gilberto de La Porrée, Teodorico de Chartres, Pedro Abelardo, Guilherme de Champeaux e Hugo de São Vítor. O novo trabalho intelectual poderia ser definido como união entre a pesquisa e o ensino no âmbito urbano e não mais no espaço monástico. Esses mestres aparecem na França e na Inglaterra, em suas principais cidades como Paris e Londres, eles têm o sentimento vivo de construir o novo e, além disso, de serem homens novos. São homens modernos para época que não contestam absolutamente os antigos; pelo contrário, os imitam e se nutrem deles, debatem dialética, retórica, gramática, lógica, medicina e literatura.

É justamente no século XII que a cultura árabe começa a aparecer, pois quando o Ocidente nada tem a exportar além de matérias-primas, embora já esteja nascendo o desenvolvimento têxtil, os produtos raros e os produtos de valor vêm do Oriente, de cidades como Bizâncio, Damasco, Bagdá e outras. Junto com as especiarias e as sedas que chegam, vêm também os manuscritos que trazem a cultura greco-árabe para o ocidente cristão.

Com essa Renascença que ocorre no século XII, aparecem também os primeiros tradutores. A língua científica é o latim, logo, os originais árabes, versões árabes de textos gregos, originais gregos são traduzidos tanto por indivíduos isolados quanto por equipes, aliás, as traduções por equipes eram muito mais frequentes nesse período que as traduções elaboradas por uma única pessoa. Jacques Le Goff, referindo-se a esses grupos de tradutores escreve: *“Uma dessas equipes se tornou célebre: a formada pelo ilustre abade de Cluny, Pedro, o Venerável, para a tradução do Corão. Partindo para Espanha em uma viagem de inspeção aos mosteiros clunícenses fundados durante a Reconquista, Pedro, o Venerável, foi o primeiro a conceber a ideia de combater os muçulmanos não no plano militar, mas no plano intelectual”*¹⁴³. Houve muitas outras equipes de tradutores, por exemplo, no ano de 1142 a equipe administrada pelo tradutor Roberto de Ketten esquadrinhou a fundo a biblioteca desse

¹⁴³ LE GOFF, Jacques. Os Intelectuais na Idade Média. (p. 26).

povo bárbaro e daí retirou um volumoso livro (que não possuía um título específico) que publicou para os latinos.

Dos principais centros da incorporação da contribuição oriental à cultura cristã, os mais importantes foram Chartres e Paris, cercados por outros não tão famosos, mas muito tradicionais como: Laon, Reims e Órleans. Em Chartres, o mestre Bernardo dava o ensinamento básico: “Quanto mais conhecermos as disciplinas e mais profundamente ficarmos impregnados dela, mais plenamente apreenderemos a justeza dos autores antigos e mais claramente os ensinamentos”. De todos os centros, o mais brilhante era Paris, onde mestres e estudantes acotovelavam-se na Cité e em sua escola catedralícia. Na Rive Gauche, em torno de Saint-Julien-le-Pauvre, entre a rua Boucherie e a Garlande, e mais a leste, na escola dos cônegos de São Vítor, havia estudantes se esbarrando e conversando, enquanto caminhavam para suas escolas.

Além dos professores regulares de São Vítor, assim como Santa Genoveva essas escolas abriam suas portas para mestres independentes que eram professores que recebiam do diretor da escola catedral, em nome do bispo a licenciatura docente (*licentia docendi*), ou seja, o direito de ensinar. Assim, Paris deve seu renome, antes de tudo, ao brilho do ensino teológico e ao ramo da filosofia que faz triunfar os processos racionais do espírito, ou seja, a dialética. Em São Vítor, o mestre Hugo afirma que “Ninguém pode discutir sobre as coisas se antes não conhecer o modo de falar correta e verdadeiramente”.

Embora clérigos, esses mestres preferem como texto básico Virgílio e Platão ao invés de Provérbios, não por estarem persuadidos de que esses pensadores são ricos em ensinamentos morais, mas, porque para eles a *Eneida* e a *República* são obras antes de tudo científicas, escritas por homens sábios e próprios para atuarem como objetos de ensino especializado e técnico, enquanto a Escritura ou os Padres, embora ricos em matéria científica, devem ser reservados de preferência para a Teologia.

Nasce uma nova maneira de ver a natureza, esses novos sábios são profissionais, cuja principal técnica é a referência aos antigos. Hugo de São Vítor, por exemplo, em suas principais obras cita; Xenofonte, Calcídio, Boécio, Salústio, Pérsio e muitos outros.

Nesse ambiente urbano, Hugo, na escola dos cônegos de São Vítor, escreve o *Didascálicon* para seus alunos. Os trabalhos os exegéticos, os ascéticos, os dogmáticos e os

pedagógicos. As obras pedagógicas talvez sejam “*únicas em seu efeito, não só na Idade Antiga e Média, como talvez mesmo em toda história da pedagogia*”¹⁴⁴. O mestre não só ensinou, mas também explicou a seus alunos como se deveria aprender, orientou os professores como se deveria ensinar e à escola como deveria se organizar.

Três obras de Hugo podem ser classificadas como constituindo o grupo das obras de caráter pedagógico. A primeira delas é o opúsculo chamado *Sobre o Modo de Aprender e de Meditar*; a segunda o opúsculo *Sobre a Arte de Meditar*; a terceira e a mais conhecida é um verdadeiro tratado sobre pedagogia da época, conhecido como *Didascálico*, dividido em seis livros, de acordo com a edição usada nessa dissertação. Alguns editores, como foi o caso da *Patrologia Latina de Migne*, apresentam sete livros como sendo uma só obra. Outros editores julgam que a obra termina no sexto livro e que o sétimo é, na verdade, um tratado à parte denominado *De Tribus Diebus*. De qualquer forma, uma obra pode ser considerada continuação da outra.

Percorrendo as obras pedagógicas de Hugo de São Vítor, tem-se a impressão de que todas elas se dirigem, na íntegra, ao aluno, não ao professor nem ao diretor, senão unicamente ao estudante, não obstante, o trabalho de Hugo fosse de organizar a escola em todos os seus aspectos. Isso se explica pelo fato de que, sua pedagogia seria manifestamente centrada no aluno e não no professor. Seus textos fornecem em parte uma ilustração para tais princípios. Ao redigir uma série de textos para organizar os métodos educacionais que seriam usados em sua escola, o mestre não dirigiu quase uma única palavra aos professores e sim aos seus alunos. É exatamente o contrário do que se vê na literatura pedagógica dos próximos séculos, ou seja, a literatura sobre metodologia passa a ser escrita para leitura do professor e não mais do aluno.

¹⁴⁴ *Princípios Fundamentais de Pedagogia*, (p. 11).

CAPÍTULO TRÊS

O SIGNIFICADO DO DIDASCÁLICON – CIÊNCIA E SAPIÊNCIA

1. A ALMA

Hugo de São Vítor assevera que alma humana é formada por todas as partes que constituem a natureza. Assim, devido essa constituição, torna-se possível que ela tome conhecimento dos elementos e de tudo que de certa forma deriva dos elementos. Dotada de inteligência e de sentido, a alma, pela inteligência, compreende as causas invisíveis das coisas existentes e, pelos sentidos, compreende as formas visíveis que formam o mundo material. Utilizando-se da citação de Boécio “*sectaque in orbis geminos motum glomerat*”¹⁴⁵ Hugo de São Vítor sustenta notadamente que a mente tem a capacidade de conhecer através do conhecimento das coisas sensíveis e inteligíveis, ou seja, existem nela dois movimentos circulares concêntricos, contendo esses dois conhecimentos, possibilitando, desta forma, que ela capte todas as coisas do mundo corpóreo e inteligível.

Com a citação de Pitágoras “*os semelhantes são compreendidos pelos semelhantes*”¹⁴⁶, é elucidado o fato de a alma possuir todo o conhecimento, pois, sendo ela racional, só poderia compreender todas as coisas se fosse composta dessas mesmas coisas. Para melhor compreensão dessa questão, o autor do *Didascálicon* alude a outra citação, desta vez de Calcídio, que diz “*terra terreno comprehendimus, aethera flammis, humorem liquido, nostro spirabile flatu*” (Compreendemos a terra através do que é terreno, o fogo através daquilo que queima, o molhado através do líquido, aquilo que sopra através do nosso respiro)¹⁴⁷.

¹⁴⁵ Boethius, Anicii Manli Boethii Philosophiae Consolatio 3, m9. Boécio diz que, a alma, “*dividida, ela reúne o seu movimento em dois círculos*”.

¹⁴⁶ Did., I, 1 (p. 49).

¹⁴⁷ Calcidius, op. cit., 51. Referência citada em Did., I, 1 (p. 48).

Novamente, para explicar que a alma é formada de todas as coisas, Hugo volta a remeter-se a Calcídio que esclarece a alma ser formada de todas as coisas “*non secundum compositionem sed secundum compositionis rationem*”¹⁴⁸ (não segundo uma composição, mas segundo o constitutivo (ratio) da composição).

Essa semelhança que a alma possui de todas as coisas não provém de nada que se encontre fora dela, mas, está intrínseca nela por força e capacidade própria. A esse respeito, Hugo faz suas as palavras de Varro¹⁴⁹ no Perifíseos: “*Non omnis varietas extrinsecus rebus accidit, ut necesse sit quidquid variatur, aut amittere aliquid quod habuit, aut aliquid aliud et diversum extrinsecus quod non habuit assumere*” (nem todas as mudanças ocorrem às coisas a partir do exterior, como se fosse necessário que algo só mude quando perdeu algo que possuía ou receba de fora algo distinto e diverso que não tinha). Para tornar compreensível tal característica, Hugo de São Vítor apresenta o exemplo da figura impressa no metal quente, que, depois da impressão, representa uma forma diferente da que era, não por algo que veio de fora, mas por algo que se alterou em si próprio devido a sua capacidade natural.

Assim, Hugo de São Vítor pode fazer uma transposição dizendo que a alma é num certo sentido composta de todas as coisas, todavia essa composição se apresenta não de maneira completa, mas sob o aspecto de *forma* virtual e potencial. Quando é dito pelo Vitorino que “*é esta a dignidade da nossa natureza, que todos têm igualmente, mas nem todos conhecem na mesma medida*” e “*o espírito, de fato, quando é adormecido sob o efeito das paixões corporais e arrastado para fora de si por obra das formas sensíveis, esquece o que ele foi, e, não lembrando de ter sido outra coisa se acha como sendo apenas aquilo que ele parece ser*”¹⁵⁰, percebe-se que Hugo está se apoiando na doutrina das idéias e da alma que tem em si um conhecimento obscuro destas, conforme o que se transmitia sobre Platão¹⁵¹.

¹⁴⁸ Calcídus, op. cit., 228. Referência citada em Did., I, 1 (p. 48). Referência citada em Did., I, 1 (p. 48).

¹⁴⁹ Marcus Terentius Varro (116 aC - 27 aC).

¹⁵⁰ Did., I, 1 (p. 51).

¹⁵¹ Assim, tudo que podemos tocar e sentir na natureza “flui”. Não existe, portanto, um elemento básico que não desagregue. Absolutamente tudo que pertence ao mundo corpóreo ou “mundo dos sentidos” é feito de matéria sujeita a ter um fim depois de determinado tempo. Ao mesmo tempo, todas as coisas são formadas a partir de uma forma eterna e imutável. Assim sendo, este aspecto que é eterno e não muda, não pode ser um “elemento básico”, ou seja, físico. Portanto, eternos e imutáveis são os modelos imateriais ou separados, a partir dos quais tudo que é material ou concreto é formado. Hugo de São Vítor diz “*De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a sapiência, na qual reside a forma do bem perfeito*”, essa sapiência enfatizada por Hugo poderia

Hugo enfatiza que, o estudo possibilita conhecer nossa verdadeira natureza e ensina a não procurar fora de nós aquilo, que, por natureza é inerente a nossa alma. Todo saber está fundado em encontrar a *Sapiência*, em adquirir o conhecimento supremo que nos permite conhecer a verdadeira sabedoria, ou seja, o conhecimento das formas perfeitas. Isso causa prazer e conforto ao homem e quanto a isso, escreve Boécio “...tal encontro é um grande conforto na vida”¹⁵².

Sob esse aspecto, Hugo de São Vítor - que no início do primeiro livro do *Didascálicon*, apresenta o movimento circular da alma, e cujo pensamento movia-se no sulco dessas profundas reflexões sobre a semelhança da alma com todas as coisas - pôde estabelecer que, tendo-se o desejo de adquirir (mediante o ato de ler), o conhecimento e o saber das coisas corpóreas ou materiais - que são reflexos das imagens ou formas das coisas primordiais, (*Sapiência*), - tal conhecimento não se refere mais às coisas, simplesmente como mero conhecimento dessas coisas, mas sob nova forma, ou seja, tal conhecimento passa a referir-se a elas como *arte*, ou como *conhecimento das artes*¹⁵³.

A alma humana possui uma tríplice potência orientada para sustentar os corpos. Assim, a primeira potência se encarregaria de conceder a vida ao corpo, fazer com que haja nele o crescimento e a continuação da existência, a segunda potência, que traria consigo a primeira, ofereceria a aptidão de discernir por meio da percepção dos cinco sentidos, e, finalmente a terceira e última potência, que traria consigo as duas primeiras potências, seria aquela que se constituiria toda na razão.

São essas três as potências que formam a natureza humana. Tais potências juntas estão presentes apenas no gênero humano; ao reino vegetal lhe é facultada somente a primeira potência, já aos animais dotados dos sentidos lhes compete a primeira e segunda potência. Uma potência é sujeita a outra, ou seja, uma depende e completa a outra. Além disso, embora a terceira potência dependa das duas primeiras potências e as complete, assim como a segunda potência depende da primeira e também a complete, sendo, nesse caso uma é sujeita à outra,

também ser denominada como a *Mente Divina*. Hugo diz que nela (a *sapiência*) foram pensados o mundo e o homem e nela reside toda criação como forma, como uma espécie de molde ou arquétipo de tudo que é material e criado.

¹⁵² Boethius, op. cit., 3,1,2. Referência citada em *Did.*, I, 2 (p. 50).

¹⁵³ É por isso que Hugo de São Vítor inaugura o primeiro capítulo do Livro I com o título: “Da origem das artes” *Did.*, I, 1 (p. 47).

somente a primeira potência, subsistiria por si só, pois não é sujeita a nenhuma outra potência anterior a ela. As outras duas potências superiores da alma somente subsistiriam se as potências inferiores a elas subsistissem.

Portanto, sendo, ao homem, que é dotado dessa tríplice potência, compete-lhe, a faculdade de deduzir a partir das coisas que existem, igualmente, de conhecer as coisas ausentes e de pesquisar as coisas desconhecidas a partir das coisas conhecidas.

Após discorrer sobre as potências da alma, elucidando o que cabe a cada uma delas, e que o ato de procurar a *Sapiência* consiste na capacidade de compreender as coisas presentes e ausentes, justamente por conta dessa tripla potência da alma ou do espírito, o que permite ainda a descoberta das coisas desconhecidas, e, além disso, pelo esforço e dedicação, a aquisição do conhecimento da natureza das coisas fazendo uso da investigação, Hugo de São Vítor, procura desenredar quais, dessas ações da alma pertencem àquela cujo propósito é justamente a investigação, ou seja, a filosofia.

2. CIÊNCIA E SAPIÊNCIA

21. A META DAS CIÊNCIAS E DAS ARTES

Hugo de São Vítor, combinando diversas fontes, divide a filosofia em quatro tipos ou ciências. Cada uma dessas divisões da filosofia contém, por sua vez diversar artes. Desde a tríade teórica (teologia, matemática e física) até as artes do trívio (gramática, dialética e retórica) incluídas na lógica. No meio estão o quadrívio (aritmética, geometria, astronomia e música) identificado com a matemática, a tríade prática (ética, econômica e política) e as sete artes mecânicas (lanifício, armadura, navegação, agricultura, caça, medicina e teatro). Embora Hugo desmembre as sete artes liberais, identificando o quadrívio à matemática, uma parte da filosofia teórica, e incluindo o trívio na lógica, continua a lhes atribuir um papel relevante.

De fato, é feita uma inovação na divisão do ensino filosófico no século XII; dividindo esse ensino em quatro ciências e retirando o trívio e o quadrívio (as sete artes liberais da Idade

Média) da divisão principal da filosofia e colocando-os como subdivisão da lógica e da matemática, reformula-se consideravelmente a metodologia de ensino.

No *Didascalicon de studio legendi libri VI*, diz-se no livro III, cap. 3: “*De todas estas ciências acima enumeradas, os antigos destacaram de modo especial sete delas em seus programas de ensino. Nelas viram tanta utilidade em comparação com todas as outras que, qualquer um que adquirisse firmemente o conhecimento delas, chegaria ao conhecimento das outras, mais pesquisando e praticando do que ouvindo. Elas são como instrumentos pelos quais ao espírito é preparada a via para o pleno conhecimento da verdade filosófica. Por esta razão se chamam “trívio” e “quadrívio”, pois por elas, como se fosse por algumas vias, o espírito vivo penetra nos segredos da Sapiência*”¹⁵⁴.

Embora Hugo coloque o trívio e o quadrívio como subdivisão da lógica e da matemática – em sua divisão da filosofia - em momento algum diminui o valor dessas artes. Sustenta que estas são o fundamento de todo o saber filosófico e possuem entre si uma ligação tão estreita que não há como desprezar uma e abraçar as outras: “*Hugo pensa que todas as disciplinas são solidárias: se falta uma delas todas as outras não farão um filósofo... Prender-se a algumas ciências particulares, abandonando as outras, não pode conduzir à verdadeira sabedoria*”¹⁵⁵.

Com razão, entendem-se, essas artes como membros que formam um único corpo e faltando um dos membros, o corpo se torna debilitado deixando seu estado perfeito e tornando-se defeituoso e incompleto. Sem uma dessas artes a filosofia deixa de ser filosofia e conseqüentemente deixa de produzir filósofos: “*Na verdade, o fundamento de todo o saber está nas sete artes liberais, as quais, mais que as outras, devem estar à mão, como aquelas sem as quais a disciplina filosófica nada costuma ou pode explicar e definir. Elas são tão conexas entre si e necessitam tanto dos fundamentos recíprocos umas das outras, que, se apenas uma faltar, as outras não podem produzir um filósofo*”¹⁵⁶.

O que se pode encontrar em Hugo é a existência de uma teoria da ciências que tem fundamento no movimento da salvação, implicando esta um esforço de compreensão da verdade. O conhecimento do espírito é dado, quer na forma das coisas visíveis, quer enquanto

¹⁵⁴ Did, III, 3 (Pag. 137).

¹⁵⁵ JEANEAU, Édouard. *A filosofia Medieval*. Edições 70. Lisboa Portugal (Pág. 57).

¹⁵⁶ Did, III, 4 (pág. 143).

texto sagrado. Assim, é necessário que o homem disponha de todos os instrumentos para a interpretação do texto pelo qual a revelação é dada, para manter como unidade aquilo que aos sentidos lhe aparece como múltiplo. O estudante deve conduzir sua busca no sentido mais alto da verdade, e este mesmo princípio deve ser aplicado a todas as obras.

2.2. O SENTIDO DA SAPIÊNCIA

Estabelecido que, existem as coisas verdadeiras e que estas coisas possuem uma substância imutável, Hugo começa a apurar como tais coisas deveriam ser estudadas.

Como já observado, o ensinamento primordial do *Didascálicon* é um convite aos jovens alunos da época a buscar a Sapiência, que Hugo entende como a mente de Deus, o renovo do espírito do homem. Mas, como Hugo enxerga a sapiência? Para ele, a sapiência é a essência primordial da qual brotam todas as coisas, uma essência geradora que se torna prene, proporcionando o nascimento de tudo que existe no universo. Como a razão divina está dentro do homem e o ilumina, ela faz com que ele tenha uma tendência natural a buscar esse renovo. Além disso, a Sapiência é a razão organizadora de todas as coisas que existem e se apresenta como a forma primeira de todas as formas, pois dela nasceu tudo que existe no universo, ou seja, tudo que existe criado origina-se de um arquétipo, ou de uma forma primeira.

O mestre sustenta que, a alma humana é por natureza dividida em sentido e inteligência, sendo essa divisão que estabelece os modos da atuação humana. Assim, o homem atua pelos sentidos quando se aplica às coisas sensíveis (razão humana), tratando de sua manutenção e preservação no mundo material, e pela inteligência (razão divina), quando almeja as coisas intelectíveis: ”*Dividida a alma, ela reúne o seu movimento em dois círculos*”¹⁵⁷, “*pois, seja que pelos sentidos ela se volte para as coisas sensíveis, seja que pela inteligência ascenda às coisas invisíveis, ela circula trazendo para si a semelhança das coisas*”¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Boethius, *Anicii Manlii Boethii Philosophiae Consolatio* 3,m9.

¹⁵⁸ Did. I, 1 (p. 49).

Desta forma, precisa Hugo de São Vítor, que a alma possui o conhecimento do espírito e da matéria sensível, conhecimento divino e conhecimento material que diz respeito ao homem. Portanto, é verossímil que o conhecimento dessas duas partes esteja intrínseco na alma humana, embora muitos não se apercebendo disso, conservam apenas o conhecimento das coisas sensíveis, ignorando que haja outro conhecimento superior ao que é inteligível.

Como o conhecimento da Sapiência está acima de qualquer sabedoria, seja ela ligada às artes técnicas e seu exercício, seja ligada ao conhecimento das coisas divinas, cabe à filosofia (que trata e vai além dessas duas divisões) certa aproximação e manutenção da amizade com a razão primordial: “A filosofia é, portanto, o amor, a procura e certa amizade com a Sapiência, mas não aquela Sapiência que se ocupa de ferramentas e de ciências produtivas, e sim aquela Sapiência que, não carecendo de nada, é mente viva e “única razão primordial das coisas”¹⁵⁹.

Para Hugo, quando o homem está filosofando, a Mente de Deus está iluminando sua mente; todo o desenvolvimento de idéias e pensamentos que chega ao filósofo e que será apresentado ao mundo, tem origem na Mente Divina. O ato de assemelhar-se à Sapiência é que proporciona ao filósofo esta iluminação e a proximidade dele com Deus se torna mais intensa, transformando-o num manancial de sabedoria e excelência quando se trata da razão humana.

Ao dizer isso, Hugo está recorrendo a duas citações de Boécio que mostram justamente que o ato de filosofar se molda em pensamentos verdadeiros e agir digno:

“Est autem philosophia amor et studium et amicitia quodammodo sapientiae, sapientiae vero non huius, quae in ferramentis quibusdam, et in aliqua fabrilis scientia notitiaque versatur, sed illius sapientiae, quae nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio est. Est autem hic amor sapientiae, intelligentis animi ab illa pura sapientia illuminatio, et quodammodo ad seipsam retractio atque advocatio, ut videatur sapientiae studium divinitatis et purae mentis illius amicitia. Haec igitur sapientia cuncto animarum generi meritum suae divinitatis imponit, et ad propriam naturae vim puritatemque reducit. Hinc nascitur speculationum cogitationumque veritas, et sancta puraque actuum castimonia”¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Did. I, 2 (p. 53).

¹⁶⁰ “A filosofia é, portanto, o amor, a procura, e certa amizade com a sabedoria, mas não aquela sabedoria que se ocupa com ferramentas e com alguma ciência fabril e sim aquela sabedoria que, não carecendo de nada, é

*“Quoniam vero humanis animis hoc excellentissimum bonum philosophiae comparatum est, ut viae filo quodam procedat oratio, ab ipsis animae efficientiis ordiendum est”*¹⁶¹.

Portanto, o ato de procurar a *Sapiência* transforma-se, de fato, numa amizade com a divindade e com a pureza que lhe é peculiar, por sua vez, essa Sapiência, divina derrama nas almas a beleza de sua divindade, fazendo com que ela regresse à sua força e inocência natural. Ora, se esse dom excelentíssimo da filosofia – como já foi observado - se apresenta pelo movimento circular da alma captando o conhecimento corpóreo e inteligível, é natural, que na linha de pesquisa que Hugo de São Vítor segue no *Didascálicon*, ele prossiga com uma nova investigação que deve iniciar-se pelas próprias capacidades da alma.

Com efeito, a busca pela *Sapiência* pertence somente ao gênero humano, pois, tendo ele a capacidade de perscrutar as coisas desconhecidas a partir das coisas que se conhece, lhe é facultado que conheça qualquer coisa a partir do que essa coisa “é”, como “é” e porque “é”: *“Aut enim aliquid an sit inquirat, aut si esse constiterit, quid sit addubitat. Quod, si etiam utriusque scientiam ratione possidet, quale sit unumquodque vestigat, atque in eo cetera accidentium momenta perquirat. Quibus cognitis, cur ita sit quaerit, et ratione nihilominus vestigat”*¹⁶². Ora, se o homem, - como muitos outros discorreram¹⁶³ - dotado dessas três

mente viva e único constitutivo (ratio) primordial das coisas. Este amor da sabedoria é uma iluminação do espírito inteligente por aquela pura sabedoria, e num certo sentido um retorno e um chamamento para si e por parte daquela sabedoria, de modo a poder se concluir que a procura da sabedoria é uma amizade com a divindade e com a sua mente pura. E esta sabedoria transfere para todo tipo de almas o primor de sua divindade e as traz de volta para sua própria força e pureza natural. Daqui nasce a verdade das especulações e dos pensamentos, assim como a compostura santa e pura dos atos” Boethius, In Isagogen Commenta pr. 1,3.

¹⁶¹ *“Sendo que foi concedido aos espíritos humanos este bem excelentíssimo da filosofia, esta nossa exposição, para que siga o traçado de uma caminho,, deve começar pelas próprias capacidades da alma”.* Boethius, In Isagogen Commenta sec.. 1,1.

¹⁶² *“Ou pesquisa se uma coisa existe ou, se a sua existência só foi constatada, pergunta o que ela é. E, se pela razão já possui o conhecimento destas duas coisas, investiga o que cada coisa é, e nisso inquire também os vários influxos dos acidentes. Conhecido tudo isso, ela pergunta por que a coisa é assim, e imediatamente investiga isso com razão”* Did., I, 3 (p. 56).

¹⁶³ A tripla potência da alma foi investigada por muitos pensadores que antecederam Hugo de São Vítor; como Agostinho, Calcidio e Boécio. Mesmo depois do século XII, tais potências continuaram a ser investigadas por outros filósofos. Ainda, no século XVIII, seiscentos anos depois de Hugo de São Vítor, Rousseau no *“Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”*, quando faz a descrição do homem no estado de natureza, divide a existência humana em três partes: o homem físico, o homem psicológico e o homem

potências da alma, passa a dedicar-se ao conhecimento das coisas através do método de indagação - pois a atividade de seu espírito consiste na compreensão e inteligência das coisas através desse método; as ações humanas, que são movidas pela razão, segundo Hugo de São Vítor, são antecedidas por uma inteligência ou *Sapiência* que se encarrega de guiar todos os atos humanos. A filosofia passa então, a ser a disciplina que proporciona ao homem a investigação de todas as coisas, sejam elas divinas ou humanas. Tal investigação filosófica não necessariamente se reportará a toda realização prática do homem, mas, em determinados casos, sua amplitude, como já observado, será somente de âmbito teórico ¹⁶⁴.

2.3. CIÊNCIA, SAPIÊNCIA E FILOSOFIA

Cabe à filosofia compreender com o pensamento, ou, entender e explicar o conhecimento humano, precisa Hugo de São Vítor. Mas, qual seria a definição correta de filosofia nesse contexto? Hugo, antes de apresentar as artes, que concernem a cada ciência, oferece quatro significados encontrados em grandes pensadores, do que seria filosofia. O primeiro, extraído de Boécio diz que; “*Philosophia est amor sapientiae, quae nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio est*” ¹⁶⁵. *Nullius indigens*, (não precisar de nada) alude à *Sapiência* divina, pois essa não carece de absolutamente nada, tendo o conhecimento da totalidade das coisas, sejam elas, pertinentes ao passado, presente ou futuro, a mente onisciente de Deus. A parte final do enunciado refere-se à procura da *Sapiência* de Deus na criação. Boécio apresenta o significado do termo filosofia valendo-se primeiramente

moral. Nesse Discurso, Rousseau, referindo-se ao homem físico enfatiza que “*a natureza fez-nos para sermos sadios... Todo ser vivo é, pois, pela natureza, fisicamente forte*”. Referindo-se ao homem psicológico: “O homem possui em comum com os animais, os sentidos de onde provêm as idéias; por meio deles percebe e sente” e ao homem moral: “*o progresso intelectual supõe trabalho, curiosidade e previdência*” Jean-Jacques Rousseau - Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens – primeira parte.

¹⁶⁴ Como observado anteriormente, quando Hugo de São Vítor reorganiza o sistema de conhecimento filosófico, dividindo-o em quatro ciências subdivididas em várias artes, será enfatizado que, por exemplo, na arte da agricultura, subdivisão da ciência mecânica, sua teoria racional pertence à filosofia, todavia, sua execução se fará pelo agricultor.

¹⁶⁵ *A filosofia é o amor à sabedoria, que não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas*” Boécio, In Isagogen pr. 1,3. Referência citada em Did., II, 1 (p. 82).

da etimologia da palavra grega *φιλοσοφία*, para depois estender esse conhecimento a todo o saber humano. Tal saber se funda na própria sabedoria divina que se transfunde nas coisas criadas.

A segunda definição de filosofia apresentada por Hugo, remete a Cassiodoro: “*Philosophia est ars artium, et disciplina disciplinarum*”¹⁶⁶, o significado mais geral de arte pode ser considerado como todo conjunto de regras capazes de dirigir qualquer atividade humana. Era exatamente nesse sentido que Platão exprimia-se sobre a arte e por isso não estabeleceu distinção entre arte e ciência¹⁶⁷. No início do *Didascálicon*, o filósofo relata que de todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a Sapiência, pois nela se encontra a *forma* ou idéia perfeita do bem¹⁶⁸, noutra, diz ele que a Sapiência abarca as quatro ciências que compõem o conhecimento filosófico (teórica, prática, mecânica e lógica), principalmente a ciência teórica, pois esta investiga o que é verdadeiro nas coisas¹⁶⁹. Aliás, referindo-se à ciência teórica, o mestre diz de maneira muito clara que somente esta ciência deve ser chamada de Sapiência em virtude dela investigar, através de suas artes, a verdade das coisas: *Chamamos de Sapiência, somente a teórica, em razão da investigação da verdade das coisas*”¹⁷⁰. A filosofia vai justamente tratar dessas verdades, ou seja, as artes em sua originalidade. É devido a isso que nessa segunda definição da filosofia Cassiodoro e Isidoro a designam como a arte das artes, a disciplina das disciplinas¹⁶⁶. Nesse sentido, tomando como exemplo um quadro pintado pelo artista em se que retrata a natureza, a pintura em si pertence ao artista, mas a inspiração que conduz a idéia ao quadro pertence à filosofia, portanto, arte da pintura da natureza no quadro feita pelo artista é uma cópia da arte da natureza e esta por sua vez é uma cópia da arte ou forma perfeita da natureza que reside na Sapiência. Portanto, a filosofia não seria a pintura do quadro em si, pois este é a imitação da imitação, mas sim a arte perfeita da natureza em forma, ou seja, a arte das artes.

¹⁶⁶ “*A Filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas*” Cassiodoro, *Institutiones* 2,3,5; Isidoro, *Etymologiae* 2,24,9. Referência citada em *Did.*, II, 1 (p. 84).

¹⁶⁷ Fedon 90 b e 266 d.

¹⁶⁸ *Did.*, I, 1, (p. 47).

¹⁶⁹ *Did.*, II, 18 (p.109).

¹⁷⁰ *Did.*, II, 18 (p. 109).

Hugo, apoiando-se nesse significado de Platão e no significado de Aristóteles (através de Calcidio), diz que, a diferença entre arte e disciplina foi primeiramente estabelecida, por esses dois filósofos ¹⁷¹.

No *Didascálicon*, faz-se referência a Platão e Aristóteles, fazendo uso de uma citação das *Etimologias* de Isidoro: “...se discute algo com argumentações verdadeiras sobre coisas que não podem comportar-se diversamente. Essa diferença entre arte e disciplina foi estabelecida por Platão e Aristóteles” ¹⁷².

Na Grécia antiga Aristóteles restringiu notavelmente o conceito de arte; primeiro retirou do âmbito da arte, a esfera da ciência, que é a esfera do necessário, ou seja, do que não pode ser diferentemente do que é. Depois dividiu o que não pertence à ciência, isto é, o possível no que pertence à ação e no que pertence à produção. Assim, somente o possível, que é objeto da produção, é objeto da arte ¹⁷³. Hugo de São Vítor diz que a arte trata do verossímil ou aplicável e a disciplina argumenta sobre o que não pode se apresentar de outro modo. Um exemplo de arte é a arquitetura que opera num substrato material. A lógica, no entanto, segundo Hugo, é uma disciplina na medida em que consiste numa consideração intelectual de ordem raciocinativa.

A terceira definição do que seria filosofia é concernente também a Isidoro e Cassiodoro: “*Philosophia est meditatio mortis, quod magis convenit Christianis, qui saeculi ambitione calcata, conversatione disciplinali, similitudine futurae patriae vivunt*” ¹⁷⁴, meditação da morte que convém, sobretudo aos cristãos, pois a morte para estes é em verdade vida, já que se consideram estrangeiros no mundo, aguardando o momento de morrer para este mundo, mas em contrapartida viver ou renascer em sua pátria futura. Como o mestre assevera no início da obra: “*Somos reerguidos pelo ensinamento para que conheçamos nossa*

¹⁷¹ Did., II, 1 (p. 85).

¹⁷² Isidoro, Etimologia 1,1,3. Referência citada em Did., II,1 (p. 84)

¹⁷³ Ética a Nicômaco, VI, 3-4.

¹⁷⁴ “A filosofia é a meditação da morte, o que convém, sobretudo, aos cristãos, os quais, desprezada a ambição temporal, vivem num estilo de vida disciplinado, à semelhança da pátria futura”. Isidoro, Etymologiae 2,24,9; Cassiodoro, Institutiones 2,3,5. Referência citada em Did., II, 1 (p. 84).

*natureza e aprendamos a não procurar fora de nós aquilo que podemos encontrar em nós.”*¹⁷⁵

A última fórmula que Hugo apresenta a respeito do que é filosofia também se reporta a Isidoro: “*Philosophia est disciplina omnium rerum divinarum atque humanarum rationes probabiliter investigans*”¹⁷⁶. Essa definição empregada por Isidoro, é a que mais contribui para se entender a abrangência universal da filosofia sustentada por Hugo de São Vítor. Para ele, o entendimento racional¹⁷⁷ de todas as coisas humanas, compete à filosofia, porém nem toda atividade prática é de sua competência, pois, a reflexão, inspiração ou produção intelectual de um determinado quadro pertence à filosofia, todavia a produção, a obra propriamente dita, pertence ao artista. Por esse motivo, o Vitorino enfatiza que “*Nem todo exercício é filosófico, e por isso dizemos que a filosofia diz respeito a todas as coisas “sob certo aspecto”*”¹⁷⁸.

Assim, a filosofia definida como “*a disciplina que investiga exhaustivamente as razões de todas as coisas humanas e divinas*”¹⁷⁹, possibilita que Hugo a divida em quatro grandes ciências. Essa divisão estabelecida por Hugo difere da divisão de Boécio, pelo fato que nessa divisão não se inclui a ciência mecânica: “*Boécio distingue três espécies de Filosofia, a saber: a especulativa, que se ocupa da natureza das coisas a ser investigada; a moral, que se ocupa da dignidade da vida a ser considerada; a racional, denominada Lógica pelos gregos, que se ocupa da ordem dos argumentos a serem compostos*”¹⁸⁰.

No início da obra, o mestre se preocupa em apresentar uma citação de Boécio asseverando que: “*A filosofia é, portanto, o amor, a procura, e certa amizade para com a*

¹⁷⁵ Did., I, 1 (p. 51).

¹⁷⁶ “*A filosofia é a disciplina que investiga de maneira plausível as razões de todas as coisas divinas e humanas*” Isidoro, Etymologiae 1,13,5-7. Referência citada em Did., II, 1 (p. 84).

¹⁷⁷ Hugo apresenta a razão como tendo no homem, seu habitat natural. Estando ela contida intrinsecamente na alma humana, e sendo, o único caminho para a regeneração do estado caótico em que se encontra a humanidade. Não obstante, devido à condição humana nesse mundo material em que as paixões a distraem, essa razão divina depositada nas profundezas de sua alma, sofre constantes combates pelas formas sensíveis que aqui existem, causando ferimentos em seu corpo e em seu espírito.

¹⁷⁸ Did., II, 1 (p. 85).

¹⁷⁹ Did, I, 4 (Pág, 59).

¹⁸⁰ Pedro Abelardo In Lógica para Principiantes, p. 39.

Sapiência, mas não aquela Sapiência que se ocupa de algumas ferramentas, e de alguma informação e ciência fabril, e sim aquela sabedoria que, não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas”¹⁸¹. Todavia, o autor do *Didascálicon* também esclarece que, o que Boécio trata é que o campo de atuação da filosofia se estende a toda as ciências no âmbito dos princípios teóricos, não se aplicando à realização prática, ou seja: os atos pensados cabem à filosofia, os atos executados cabem às ciências técnicas e produtivas (cf. Did I,4). Seria possível relembrar a referência a Boécio, feita por Abelardo:

*“Boécio não chama de filosofia qualquer ciência, mas apenas a que se detém nas coisas mais elevadas”*¹⁸².

Sendo, portanto, a filosofia o amor e a amizade com a *Sapiência*, mesmo não estando o conhecimento prático de ferramentas e ciências produtivas em seu âmbito, ela abrange todas as ciências, pois, antes da execução por meio de ferramentas tem que haver o ato de pensar e este ato pertence à filosofia. Dessa forma, Hugo considera a produção humana como parte do conhecimento filosófico por seu aspecto teórico, em que o homem volta seu olhar para as formas exemplares e só então as estende à execução da obra; imitando a natureza, ideia divina, essa produção passa a ter uma dimensão filosófica (cf. Did I, 4,9 e 10).

Observa-se em grande parte da obra que para o filósofo, toda ação é divina ou humana; quando a ação é de âmbito divino, se faz presente a inteligência; quando é de âmbito humano, a ciência se apresenta. Como a Sapiência guia todas as ações do homem, cabe à filosofia estudar tanto a ciência quanto a inteligência, tanto os atos humanos quanto os atos que buscam o conhecimento da divindade.

¹⁸¹ Did. I, 2 (pád. 53).

¹⁸² Pedro Abelardo In *Lógica para Principiantes*, p. 39.

CONCLUSÃO

Podemos dizer que a obra de Hugo de São Vítor, *Didascalicon de studio legendi*, se divide em duas partes: a primeira, consiste em uma apresentação reformulada das ciências e artes que compunham o ensino filosófico no século XII sob a ótica do mestre de São Vítor. Na segunda parte da obra, o mestre apresenta um estudo das Escrituras Sagradas, bem como, os métodos de interpretação destas para que o estudante da escola de São Vítor em Paris fosse iluminado pela Sapiência Divina.

Nessa dissertação de mestrado, nos preocupamos em estudar apenas a primeira divisão da dessa obra, principalmente o livro II onde Hugo apresenta as artes liberais e mecânicas; no decorrer da pesquisa observamos que o mestre acentua que aquele que possui o conhecimento verdadeiro dessas ciências artes, estabelece uma via para o conhecimento dessa Sapiência.

Todavia, parece-nos que todo o árduo estudo dessas ciências e artes, proposto pelo mestre não leva diretamente o aluno ao conhecimento da sabedoria suprema, mas antes, propõem ou facilita uma correta interpretação das Sagradas Escrituras. Essa interpretação de forma correta e esmerada é que vai proporcionar ao estudante ser iluminado pela Mente Divina (teologia), uma das subdivisões da ciência teórica.

Observamos que a ciência teórica possui maiores conseqüências no pensamento do Vitorino, pois, embora ele a divida em três partes (teologia, matemática e física), existe nessa ciência uma outra divisão que se apresenta de forma translúcida, ou seja, parece-nos que a ciência teórica se divide em duas teologias: a primeira, teologia mundana que tem por objeto operar no cotidiano do homem, demonstrando a existência de Deus pela existência da natureza, pois esta é criada por Ele, e outra, a teologia divina, que tem por objeto buscar restaurar no homem sua dignidade perdida com a queda. Essa distinção permite, no pensamento de Hugo a constituição de uma estrutura de inteligibilidade de classificação do conjunto das ciências.

Percebemos que o esforço pedagógico de Hugo de São Vítor tem um sentido teológico, pois, todo o processo de conhecimento e educação estabelecido pelo mestre prepara o aluno para a necessidade de uma realização individual da salvação, que Deus por benevolência, tornou possível ao homem depois que este sofreu a queda. Portanto, a classificação das ciências apresentada por Hugo assenta-se em princípios que se situam nesse modo distributivo, em virtude de sua função relativa ao processo de salvação do homem. Isso coloca a teologia como a disciplina que todas as outras disciplinas servem e não lhe estão apenas subordinadas, pois, todas as outras disciplinas organizadas,

tendem ou agem em sua totalidade voltada para um princípio escolhido, que legitima tanto o papel próprio de cada ciência ou arte, quanto a sua função, enquanto parte dessa totalidade.

Embora os textos das Sagradas Escrituras e a natureza (propriamente dita), constituam-se em instrumentos que permitem ao homem conhecer a Deus, a sua compreensão pela razão humana se apresenta de maneira diversa em cada pessoa. É, portanto, devido a isto que quando o mestre, através da ciência teórica define a teologia como ciência da restauração, tem a necessidade de organizar também as ciências e artes restantes segundo um princípio de progressão que atinge seu ponto mais elevado justamente, nesta disciplina que todas as outras tendem a servir, ou seja, mesmo que haja uma diversidade de compreensão das ciências e artes por parte dos homens, pelo princípio natural de progressão dessas ciências e artes elas se elevam à teologia. Assim, a teologia se define pela finalidade a que se dirige (restaurar a dignidade humana) implicando nesse processo o conhecimento dos diferentes ramos do saber (trabalho que cabe à filosofia). Assim, nesses diferentes ramos do saber (as quatro ciências e suas respectivas artes), há um conhecimento que afirma a capacidade da alma humana conhecer as coisas materiais, e de vislumbrar nestas a existência de um fundamento que não pertence ao mundo material (a forma perfeita das coisas).

Ao homem é dada a possibilidade de escolher entre permanecer no conhecimento provisório da realidade visível ou, palmilhar um conhecimento mais elevado que tem seu fim na Sapiência divina revelada pelas Escrituras Sagradas, criada e fundada nas coisas visíveis. Felipe Silva, em seu artigo *Teologia e teoria das ciências em Hugo de S. Victor*, escreve que “*Para Hugo a história é o fundamento de toda exegese, e, portanto, no interior de uma economia da criação, da queda da redenção, o texto bíblico permite conhecer e compreender a história humana, que é antes de mais uma história espiritual*”¹⁸³, constituída por, diversos momentos da *economia da salvação*, pertinentes à progressão em direção à Sapiência que proporciona a restauração no homem de sua condição original. Para Hugo de São Vitor, cabe ao homem operar essa salvação, pela via do aprendizado e conhecimento e pela via da virtude, pois, o conhecimento das realidades espirituais é dado ao homem, tanto na forma das coisas visíveis como no texto sagrado.

Isso nos faz inferir que é necessário ao homem dispor de todos os instrumentos necessários para entender os textos (Escritura Sagrada) pelo qual a sabedoria é dada, ou seja, partindo dos textos sagrados o aluno deve conduzir sua busca no sentido mais alto da verdade.

Para Hugo de São Vitor, as coisas não podem ser senão, por sua natureza criadas de maneira perfeita e imaculada, manifestando dessa forma o poder criador de Deus e sua vontade de criar. Tais

¹⁸³ SILVA, Felipe. *Teologia e teoria das ciências em Hugo de S. Victor*. *Medievalia*. Textos e estudos, 21. 2002. (21-36).

coisas existem como formas residentes na Sapiência e são projetadas como imagens ou cópias materiais na natureza. Quando projetadas na natureza, elas se tornam objeto de estudo e instrumento de trabalho para o homem. Para o mestre, a intenção desse conhecimento, bem como a do próprio texto sagrado, não é alimentar a análise e o comentário, mas direcionar o homem para o seu objeto próprio final, Deus.

Os ensinamentos de Hugo não são desprovidos de interesse para a história do pensamento medieval, pois, tal como ele os concebe, a vida do aluno ou monge é preenchida por uma série de exercícios hierárquicos como a leitura ou o ensino, a meditação, a prece, a ação e finalmente, a contemplação.

Aprender as ciências e artes para entender as Escrituras e ascender à Sapiência. Essa recompensa deve, segundo o mestre, ser a alegria eterna do amor divino, todavia, compreende-se que desde essa vida, a contemplação de Deus não se separa do amor, não obstante essa contemplação se apóiar no conjunto das ciências humanas. Longe de desprezá-las, o mestre considera-as salutares: “aprendei de tudo, diz ele, e vereis em seguida que não existe nada de inútil”.

Hugo admite, portanto, a possibilidade de conhecer a Deus palmilhando um caminho que se inicia pela razão: um conhecimento natural de sua existência, mas insiste igualmente na necessidade da fé. Isso porque, para o Vitorino, a fé é uma certeza da mente relativa a coisas ausentes, enquanto que as ciências e as artes captam os objetos como imediatamente presentes. Embora, para o mestre, a fé nunca possa ser substituída pelo conhecimento puramente racional, tal conhecimento se torna imprescindível para que ela se manifeste. Pelo conhecimento racional das ciências e artes o aluno assegura-se para que não aconteça que, amando mais seu parecer e desprezando uma correta interpretação, venha a condenar a Escritura não se dando conta de seu próprio erro. Santo Agostinho assevera que “*Caso ele permita que esse mal se estenda, encontrará aí sua própria perdição*”¹⁸⁴.

Assim, observamos que todo trabalho apresentado por Hugo de São Vítor em sua obra *Didascálicon de studio legendi* e dirigido a seus alunos propõe que estes, quando munidos do conhecimento das ciências e suas respectivas artes não se vejam embaraçados por expressões e palavras desconhecidas quando da interpretação das Escrituras, pois, providos de tais conhecimentos e boa disposição saberão identificar a natureza e as propriedades dessas expressões, além do que, apoiados na exatidão desses textos poderão dissipar e resolver as ambigüidades que possam se apresentar nas Escrituras Sagradas.

¹⁸⁴ AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã*. Livro I, 37.

BIBLIOGRAFIA

1. BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARON, Roger. *Science et Sagesse chez Hugues de Saint-Victor*. Paris: P. Lethielleux, Éditeur, 1957.

CICÉRON. *De La Nature Des Dieux*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1953.

HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálicon Da Arte de Ler*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

HUGUES DE SAINT-VICTOR. *L'Art de Lire Didascalicon*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1991.

KLIBANSKI, Raymundus. *Corpus Platonicon Medii Aevi Timaeus Calcidius*. Netherlands: Edit J. H. Waszink, 1975.

MONGELLI, Lênia Márcia (Coordenadora). *Trívium & Qadrívium As Artes Liberais na Idade Média*. Cotia: Editora Íbis, 1999.

Princípios Fundamentais de Pedagogia. São Paulo: AEC Associação de Educação Cristã de São Paulo.

SANTO AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

2. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABELARDO, Pedro. *Lógica para principiantes*. São Paulo: Unesp, 2005.

ILLICH, Ivan. *In the Vineyard of the Text. A Commentary to Hugh's Didascalicon*. United States of America: The University of Chicago Press Chicago and London, 1993.

LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, Volumes I e II.

_____. *Héros du Moyen Âge, le Saint et le Roi*. Manchecout: Editions Gallimard. 2004

_____. *As Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

MARIÉTAN, Joseph. *Problème de la Classification des Sciences*. Paris: Félix Alcan Éditeur, 1901.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Coleção Pensadores, Editor Victor Civita, 1973.

3. CONSULTAS, LIVROS, TEXTOS E TESES

BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GANDILLAC, Maurice de. *La Pensée Encyclopédique au Moyen Age*. Suisse: L'Imprimerie Corbaz S.A., 1966.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *O Espírito da Filosofia Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. BOEHNER, Philotheus. *História da Filosofia Cristã – Desde a origem até Nicolau de Cusa*. Petrópolis: Vozes, 6ª Edição, 1995.

MARCHIONNI, Antônio. Trabalho e razão no Didascálicon de Hugo de São Vitor. UNICAMP. Tese de Doutorado, Campinas, 1998.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. *Gênese, Significado e Ensino da Filosofia no século XII*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo EDUSP, 1974.

_____. *História da Educação na Antiguidade Cristã*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo EDUSP, 1978.

SARANYANA, Josep-Ignasi. *A Filosofia Medieval – Das Origens Patrísticas à Escolástica Barroca*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2006, pp. 175-211.

TREVOR-ROPER, Hugh. *A Formação da Europa Cristã*. Lisboa: Editorial Verbo, 1966.

4. FONTES ELETRÔNICAS

Arts Libéraux et Philosophie au noyen âge – Actes du Quatrième Congrès International de Philosophie Médiévale, Université de Montréal. Montreal Institut D'Etudes Médiévales, Montréal. Canadá. 1967.

Historiography in the Twentieth Century by Jacques Le Goff. Narrado por Humphrev Bower, 2005.

Laqueur, Thomas. History 5: European civilization. Programa em podcast com 26 aulas de 1h 20 cada, em média, da Universidade da Califórnia em Berkeley em <http://webcast.berkeley.edu/courses/archive.php?seriesid=1906978348>

Religions and Arts in France of the Twelve and Thirteenth Century by Emile Male and Penguin Usa. Narrado por Frederick Davidson, 2006.

The Christian Doctrine – By Saint Augustine. Narrado por Simon Vance, 2004.

The Didascalicon of Hugh of Saint Victor: A Guide to the Arts. Narrado por Daniel R Headrick, 2004.